

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História**

**O REINO JESUÍTICO GERMÂNICO NAS MARGENS DO RIO URUGUAI:  
ASPECTOS DA FORMAÇÃO DA COLÔNIA PORTO NOVO (ITAPIRANGA)**

**André Carlos Werle**

**Florianópolis, fevereiro de 2001**

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História**

**O REINO JESUÍTICO GERMÂNICO NAS MARGENS DO RIO URUGUAI:  
ASPECTOS DA FORMAÇÃO DA COLÔNIA PORTO NOVO (ITAPIRANGA)**

**André Carlos Werle**

Dissertação orientada pelo Professor  
Dr. Valberto Dirksen e apresentada a  
banca Examinadora como requisito  
para obtenção do título de Mestre em  
História.

**Florianópolis, fevereiro de 2001**

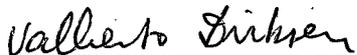
**O REINO JESUÍTICO GERMÂNICO NAS MARGENS DO RIO URUGUAI:  
ASPECTOS DA FORMAÇÃO DA COLÔNIA PORTO NOVO (ITAPIRANGA)**

**ANDRÉ CARLOS WERLE**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

**MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

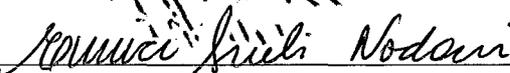
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valberto Dirksen - Orientador (HST/UFSC)



Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo (UNISINOS)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari (HST/UFSC)

Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro - Suplente (HST/UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia  
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 26 de abril de 2001.

## RESUMO.

O propósito deste estudo é analisar a formação da colônia Porto Novo no Oeste Catarinense. Planejada para ser étnica e religiosamente homogênea, a formação desta colônia foi mais uma das obras orientadas pelos Jesuítas alemães que se haviam instalado no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XIX. Formados dentro da tradição do catolicismo europeu, especialmente germânico, mais voltado para as questões sociais e políticas dos católicos, os Inacianos passaram a desenvolver junto aos imigrantes alemães e seus descendentes algumas das atividades que conheceram na Alemanha. Uma delas é a fundação em 1912 da Sociedade União Popular para católicos de língua alemã, uma associação civil de leigos ramificada por toda região de colonização alemã do Rio Grande do Sul e mais tarde também do oeste catarinense. Os objetivos mais amplos dos Jesuítas eram unir os católicos para a solução de seus problemas e, com isso, fortalecer sua religiosidade católica. Com este espírito planejaram formar a colônia Porto Novo: um lugar quase idílico, afastada dos males que atacam de todos os lados a religiosidade dos fiéis, talvez tendo ainda na memória as antigas reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões. O objetivo maior da formação da colônia era, portanto, formar uma comunidade homogênea onde os colonos pudessem progredir economicamente e manter suas características étnicas, seu modo de ser e sua religiosidade católica.

## ZUSSAMENFASSUNG

Die Absicht dieses Studium ist der Aufbau der Porto Novo Siedlung, die am West des Stattes Santa Catarina lagte. Der Aufbau dieser Siedlung war eine des Werk der deutschen Jesuiten, die sich von Mittel XIX Jahrhundert ab am Rio Grande do Sul eingerichtet hatten. Es sollte eine reine katholische und eine reine deutsche Siedlung sein. Die Jesuiten, die seine Bildung im europäischen Katholizismus hatten, wendeten sich mehr um die gessellschaftliche, soziale und politische Sachen der katholischen Leute. Sie entwickelten dann mit den deutschen Eiwanderern und seiner Abstammenden mandchen dieser Aktividatäten, die sie im Deutschland kennengelert hatten. Zwischendessen war die Volksverein für die deutschen Katholiken, eine weltliche Vereinigung, die am ganze deutschen Siedlungsgebiet ausgeteilt war. Später ist sie auch in der Statte Santa Catarina herein gegangen. Die umfassende Absichten des Jesuiten war die katholische Vereinigungun, um die Lösung seiner Problemen, und auch damit dem Katholizismus stärken. Mit diesem Geist wollten sie die Porto Novo Siedlung einrichten, ein fast paradiesisches Platz, entfernt der Schlechtigkeiten, die, die Gläubigen vom alle seite zu schpüren. Vielleicht hatten sie noch die früher "Sete Povos das Missões" der Jesuítien am Gedächtnis. Der größte Ziel der Porto Novo Siedlung war eine gleichartige Gemeinschaft einrichte, im welche die Siedler wirtschaftlich weitergehen könnten und seine völkische Kennzeichnungen und seine deutsche Art einhalten könnten.

## **Agradecimentos**

- Ao prof. Valberto Dirksen, pelo empenho e dedicação com que orientou esta dissertação;
- Aos professores do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente Eunice Nodari, João Klug, Valmir Muraro e Artur Isaia;
- Ao Núcleo de Estudos Teutos da UNISINOS e ao Instituto Anchietano de Pesquisas;
- Ao Museu Municipal de Itapiranga;
- À Biblioteca Pública Municipal de Itapiranga;
- À Rosi, minha esposa;
- A meus pais, irmãos e familiares;
- Às inúmeras pessoas que compartilharam seu saber em longas conversas e que emprestaram documentos históricos, fotografias e outros materiais de pesquisa;
- À CAPES, órgão federal de fomento à pesquisa e aperfeiçoamento de pessoal, pelo auxílio financeiro cedido durante estes dois anos de mestrado.
- Aos colegas e amigos do curso de História.

## Sumário

<i>Introdução</i>	8
 <i>Capítulo I</i>	
<i>A colonização do Extremo Oeste Catarinense</i>	27
1.1. “Andarilhos da floresta” e Caboclos.	30
1.2. Faroeste Caboclo: Idéias e Representações Acerca da Região.	42
1.3. Atuação das Empresas Colonizadoras	56
1.4. Por que migrar?	65
 <i>Capítulo II</i>	
<i>A Volksverein ou Sociedade União Popular para Católicos de Língua Alemã</i>	72
2.1. Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul.	74
2.2. <i>Katholikentage</i> ou Congressos Católicos	87
2.3. <i>Sparkass</i> ou “O Banco do Colono para o Colono”	99
2.4. <i>Volksverein</i>	106
 <i>Capítulo III</i>	
<i>Idéias e Planos na Formação de uma Colônia Étnica e Religiosamente Homogênea.</i>	116
 <i>Capítulo IV</i>	
<i>Implantação e Formação da Colônia Porto Novo</i>	135
4.1. Procedência dos colonos.	136
4.2. Dificuldades para a colonização.	152
4.3. Propaganda para Porto Novo.	163
<i>Considerações Finais</i>	181
<i>Fontes</i>	187
<i>Fontes Bibliográficas.</i>	188
<i>Anexos</i>	196

**ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS**

1	<i>Excelente Madeira Nobre sai via rio Uruguai em direção da Argentina.....</i>	61
2	<i>Congresso Católico e Bom Princípio.....</i>	88
3	<i>Automóveis e Caminhões na Estrada de Porto Novo.....</i>	139
4	<i>Transposição do rio Uruguai.....</i>	140
5	<i>Excelente Fumo da Atura de um Homem .....</i>	168
6	<i>Na Marcenaria .....</i>	169
7	<i>Cataratas no Rio Uruguai .....</i>	171
8	<i>Da Pesca.....</i>	173
9	<i>Porcos Selvagens! - Uma bela caça .....</i>	174

## INTRODUÇÃO

A colônia do rio Uruguai aparece aos olhos do visitante como uma verdadeira imagem, respaldada do país das maravilhas. Ali florescem as virtudes cívicas e muitas e incansáveis mãos de agricultores constróem, cultivam, plantam e colhem. Com grande encanto panorâmico este reino colonial se estende das margens do rio Uruguai, seguindo os pequenos rios pela floresta adentro. Todos deságuam no rio Uruguai que, como o paterno Reno, domina e protege esta florescente terra. Velhas lembranças das paisagens rurais das regiões do Reno e do Mosela afloram quando se contempla o rio, a terra e a floresta.<sup>1</sup>

Várias levas de imigrantes europeus atravessaram o Oceano Atlântico durante a segunda metade do século XIX em busca de novas terras para cultivar. Fizeram-no por razões diversas, mas não sem sonhos e esperanças. A imagem de uma vida próspera e tranqüila em meio a exuberantes paisagens beirando o “país das maravilhas”, cultivando terras extraordinariamente férteis e abundantes de sua propriedade permeava suas expectativas. Imaginavam um mundo quase fantástico, fomentado pela propaganda de empresas colonizadoras e pela correspondência de quem já havia partido. Para trás ficava a terra natal, com sua comunidade, antigos vizinhos, instituições, religião, tradições, costumes, enfim, o meio no qual haviam criado laços culturais demasiado fortes para serem esquecidos. Talvez por isso levavam-nos consigo e acabavam por se

constituir os bens culturais que posteriormente seriam a matéria-prima para a formação das colônias de imigrantes no Brasil. As colônias se constituíram, desta forma, a partir da junção do ambiente novo com os antigos costumes, tradições, instituições e formas de sociabilidade profundamente arraigados trazidos pelos colonos de além mar.

Nas primeiras décadas do século XX, entretanto, as colônias mais antigas do Rio Grande do Sul começaram a enfrentar uma situação que para os primeiros imigrantes podia ter parecido improvável. Fruto, talvez, dos avanços de uma civilização pautada no trabalho e que procurava exaustivamente o progresso. Com o acentuado crescimento demográfico e a vinda de novos imigrantes, somado ao esgotamento do solo, as terras das colônias mais antigas, outrora férteis e abundantes, começavam a perder o seu vigor e a ser menos acessíveis. Isto acabou por incentivar os descendentes de imigrantes a saírem em busca de novas regiões de colonização. Neste sentido, as florestas do oeste catarinense, especialmente às margens do rio Uruguai, afiguravam-se-lhes como uma região promissora. Seduzidos por ampla e variada propaganda promovida pelas empresas colonizadoras, os colonos vislumbravam um futuro próspero nas terras do oeste catarinense, que eram apresentadas como férteis, abundantes, cobertas por densa floresta e o que era considerado importante: baratas e acessíveis. Abria-se assim um novo horizonte aos

---

<sup>1</sup> MIDDELDORF, Karl. Porto Novo - Brasilien. Siedlung für deutschsprechende Katholiken am Uruguayfluß im Statte Santa Catarina in Brasilien. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1932. P. 4 e 5.

agricultores, especialmente aos descendentes de alemães e italianos do Rio Grande do Sul. Com esta perspectiva, não poucas famílias de colonos, especialmente recém-casados e jovens solteiros, procuravam as empresas de colonização para comprar um lote colonial, seguindo o exemplo da trajetória de seus antepassados quando saíram do velho continente.

As empresas, formadas com capital privado, viam boas perspectivas de lucros no interesse dos colonos por novas terras, o que ocasionou o surgimento de vários empreendimentos coloniais. Recebiam do governo estadual a concessão de grandes áreas em troca da construção de estradas ou através da compra, dividiam-nas em lotes e os revendiam a quem se interessasse. Desta forma, a colonização do oeste catarinense era intermediada pelas empresas de colonização, que fundavam as denominadas “novas colônias”.<sup>2</sup>

Entre as novas colônias está Porto Novo que, a partir de 1929, passou a se chamar Itapiranga.<sup>3</sup> O que a diferencia das demais colônias do oeste catarinense é ter sido planejada e organizada por uma associação de alemães católicos, a *Volkverein für die Deutschen Katholiken im Rio*

---

<sup>2</sup> O termo “novas colônias” era utilizado para designar os empreendimentos coloniais do noroeste gaúcho e oeste catarinense e se contrapunha à denominação de “antigas colônias”, que se refere as regiões mais antigas de colonização alemã e italiana do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Localizada na extremidade oeste do território catarinense, nas margens do rio Uruguai, a colônia Porto Novo passou em 1929 a se denominar Itapiranga, que se emancipou politicamente do Município de Chapecó em 1954. Seus dois distritos, Tunas e São João se emanciparam posteriormente, formando os atuais município de Tunápolis e São João do Oeste.

*Grande do Sul* (Sociedade União Popular para Católicos Alemães do Rio Grande do Sul), fundada em 1912 e orientada pelos religiosos da Companhia de Jesus daquele Estado. Trata-se de uma associação de leigos, mas com um forte caráter religioso. Suas atividades diziam respeito não só ao culto do sagrado, mas a problemas variados dos católicos alemães: saúde, velhice, cultivo das terras, questões econômicas e financeiras, além de assistência social e prática de filantropia. Sua atuação se estendia pela região de colonização do Rio Grande do Sul e também do oeste catarinense, procurando contemplar todas as esferas da vida dos fiéis, promovendo o caráter associativo e assistencial. Neste sentido, uma das atividades que merece destaque especial, “quicá por haver-se revelado das mais importantes”,<sup>4</sup> foi a formação de um núcleo colonial, Porto Novo.

Em 1926, a *Volksverein* comprou terras localizadas entre os rios Macuco<sup>5</sup> e Pepery-Guaçú,<sup>6</sup> dividiu-as em lotes de aproximadamente 25 hectares e os revendeu a colonos.<sup>7</sup> A maior parte dos compradores eram

---

<sup>4</sup> LUTTERBECK, SJ. Pe. Jorge Alfredo. Jesuítas no Sul do Brasil. Capítulos de História da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Publicações avulsas, nº 3, 1977, p.126.

<sup>5</sup> O rio Macuco é um dos afluentes do Rio Uruguai, pela margem catarinense, e fazia a divisa entre as colônias de Porto Novo e Porto Feliz.

<sup>6</sup> O rio Pepery-Guaçu também é afluente do Rio Uruguai pela margem catarinense. É o rio que faz a divisa (a oeste) do Brasil com a Argentina, sendo que banha o Estado catarinense de norte a sul, desde o município de Dionísio Cerqueira, na divisa com o Estado paranaense, até o rio Uruguai.

<sup>7</sup> ROHDE. Maria F. Wie eine frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah. Beitrag zur 25-jährigen Geschichte der Volksvereinskolonie Porto Novo. Porto Alegre: Tipografia do Centro. p. 21.

das antigas regiões de colonização teuta do Rio Grande do Sul e, em menor número, das de Santa Catarina e imigrantes vindos da Europa. Entretanto, eram privilegiados os descendentes de imigrantes alemães de religião católica, sendo dificultado o acesso à terra por parte de colonos que não fossem desta confissão e que não falassem este idioma. Com esta triagem, a *Volksverein* pretendia formar a colônia Porto Novo: uma comunidade étnica e religiosamente homogênea.

O objetivo da colonização homogênea pode ser sintetizado na seguinte citação:

A colonização de Porto Novo não é um empreendimento comercial. Não visa a especulação financeira e segue unicamente o programa de colonização. A *Volksverein* persegue objetivos colonizatórios, econômicos e culturais. A serviço da identidade do povo e da religião, visa colonizar as terras com agricultores católicos de fala alemã.<sup>8</sup>

Pode-se pensar que a idéia que norteava seus idealizadores era o desenvolvimento econômico e cultural, “em serviço do povo e da religião”.<sup>9</sup> Parece que o objetivo da formação da colônia Porto Novo era direcionar a colonização a uma determinada região, o oeste catarinense, onde havia terras férteis, cobertas por densa floresta e, principalmente, afastadas dos perigos que atacam de todos os lados a religiosidade do fiel, ou nos termos do Pe. Ambros Schupp, o “ateísmo e a imoralidade que

---

<sup>8</sup> MIDDELDORF, op. cit, p.07.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, .p. 07.

varrem a face da terra”.<sup>10</sup> Neste sentido, a fundação de comunidades paroquiais, escolas, cooperativas e associações recreativas seria uma forma de evitar as “colônias, nas quais há mistura de credo e de povos”, que “são o maior perigo para a religião e cultura vindoura, especialmente para a descendência em crescimento”.<sup>11</sup> Evitar a “mistura” étnica e religiosa e preservar a religiosidade e bens culturais do descendente alemão parece ter sido o objetivo da formação da colônia Porto Novo. Mostra-se, assim, o caráter utópico desta colonização: formar uma comunidade pura, um “reino colonial nas margens do rio Uruguai”,<sup>12</sup> Jesuítico e Germânico, fechado às influências maléficas, talvez tendo ainda na memória a “antiga herança Jesuítica das reduções dos Sete Povos ou da região missioneira”,<sup>13</sup> onde “florescessem as virtudes cívicas e religiosas”,<sup>14</sup> tendo como fundamento a homogeneidade étnica e religiosa.

---

<sup>10</sup> SCHUPP, Ambros, *Die Deutsche Jesuiten-Mission in Rio Grande do Sul. Widerherstellung und herausgabe von Pater Arthur Rabuske, S.J.* São Leopoldo: UNISINOS, 1974 (Separata do SKT Paulusblatt) apud. KREUTZ, Lúcio. O Professor Paroquial, Magistério e Imigração Alemã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; Florianópolis: EDUFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991, p. 69.

<sup>11</sup> O mesmo fragmento encontra-se em METZLER, Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1934.. p. 11 e em ROHDE, Maria, op. cit, p. 20.

<sup>12</sup> MIDDELDORF, op. cit. p. 05

<sup>13</sup> RABUSKE, Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia Alemã do Rio Grande do Sul. In: Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão Organizadora do Simpósio, 1974, p. 37.

<sup>14</sup> MIDDELDORF, op. cit. p. 05.

Este aspecto utópico não é resultado de uma imaginação delirante ou fantástica, ele resulta em parte

de fatores subjetivos produzidos, num primeiro momento, apenas no âmbito do indivíduo. Mas, a seguir, ela se nutre dos fatores objetivos produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem para o diferente a existir amanhã. Não é fantasia inconseqüente (pelo contrário: deve ter seqüência), mas tampouco se deixa nortear ou corrigir pelo dia-a-dia, pelo terra-a-terra: seu lastro é o da realidade da própria antecipação visada, a única realidade plausível que existe".<sup>15</sup>

Trata-se de um projeto, de uma idéia a ser posta em prática. Ela surge da vontade subjetiva de construir um mundo melhor, mas se alimenta de uma interpretação da realidade e também por dados históricos ou religiosos. O projeto utópico está envolvido com as questões de sua época e indica um caminho para um mundo melhor. Estes aspectos, como se pode verificar no terceiro capítulo desta dissertação, influíram no projeto Porto Novo.

A ênfase atribuída à homogeneidade parece paradoxal se analisada tendo em mente os princípios universalistas da Igreja Católica, que visa abranger todos os povos e camadas sociais. A questão principal que se apresenta, portanto, é: como compreender a formação da colônia Porto Novo, que foi destinada exclusivamente para os imigrantes alemães e seus descendentes? Qual era o sentido da homogeneidade étnica? Assim sendo, o objetivo desta dissertação é justamente compreender a formação da colônia Porto Novo, cuja idealização muito devia aos jesuítas,

---

<sup>15</sup> COELHO, Teixeira. O que é Utopia. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 10.

especialmente Theodor Amstad, SJ, Max Von Lassberg, SJ, e Johannes Rick, SJ.

Formados dentro da tradição do catolicismo europeu, muito mais preocupado com os problemas e questões sociais dos leigos, os jesuítas, que tiveram de deixar a Alemanha expulsos por Bismark em 1873, passaram a reproduzir junto aos imigrantes alemães e seus descendentes algumas das atividades que conheceram na Alemanha. Como se tratavam de contextos diferentes, o teor das atividades também teria de ser outro, ou seja, teria de se adaptar a uma nova realidade social, com novos problemas e dificuldades. Mas o fundamento que as norteava parece ter sido o mesmo: auxiliar os fiéis em suas lides diárias, em suas dificuldades para, por meio disso, garantir o domínio religioso, ou em termos weberianos, o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação. Atribui-se, assim, grande importância aos agentes religiosos e sua “leitura” do mundo social.

No entanto, o que deve ser enfatizado não é somente a importância atribuída a religião ou aos agentes religiosos, mas sim a maneira pela qual se concebe esta importância. Assim sendo, durante algum tempo predominou uma determinada tradição teórica na interpretação da religião na sociedade e na história. Derivada das teorias marxistas, esta tradição tendia a conceber a igreja essencialmente como um mecanismo de dominação ideológica a serviço da classe economicamente mais forte. Seu maior expoente talvez tenha sido L. Althusser e sua teoria dos “Aparelhos

Ideológicos do Estado”.<sup>16</sup> Outra tendência, não muito diferente da marxista, herdada desde os tempos do Iluminismo, concebe a atuação religiosa como conservadora e tradicionalista, essencialmente oportunista e interessada em manter o povo na ignorância. Pense-se, por exemplo, nos tentáculos do “Leviatã”, de Thomas Hobbes. Mas estas tendências, que procuram analisar a religião em sua totalidade, mostram-se muitas vezes problemáticas em estudos de casos particulares justamente porque não dão conta da diversidade e da complexidade do campo religioso.

Talvez seja importante, neste caso, levar em consideração outros paradigmas teóricos que não procuram definir a igreja como um todo, mas identificar em seu interior os diferentes grupos de agentes religiosos. Neste sentido, Roberto Romano fez uma importante contribuição. Mesmo que suas pesquisas se refiram a um contexto diferente, com diferentes agentes religiosos, suas idéias podem ser bastante proveitosas para a compreensão do problema posto acima. Ao analisar a atuação dos bispos do nordeste brasileiro nos anos 60, Romano chama a atenção para a necessidade de se levar em consideração o sistema de representações com que os agentes religiosos apreendem a realidade em que estão inseridos e a linguagem com que a transfiguram simbolicamente. Segundo o autor,

Atentar para o modo singular como os vários discursos no interior da Igreja desenvolvem para si os elementos da cultura brasileira e os recriam mediante a consideração teológica é, pois, *conditio sine qua*

---

<sup>16</sup> ALTUSSER. Louis. Aparelhos ideológicos do Estado. Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado. [Introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque, Trad. Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro] Rio de Janeiro: Graal, 1983.

*non* para se abordar de maneira adequada a política católica contemporânea.<sup>17</sup>

Roberto Romano analisa a maneira pela qual os bispos do nordeste se apropriaram de discursos científicos e filosóficos (os primeiros caracterizados por preocupações econômicas e sociais e denominados de nacional desenvolvimentismo e os segundos por teorias marxistas da alienação) que se faziam presentes na sociedade brasileira e os interpretaram à luz da doutrina teológica, conferindo-lhes um caráter soteriológico. Assim, o autor propõe a análise mais detalhada da atuação dos agentes religiosos, situando-os em seus contextos e chamando a atenção para a maneira pela qual interpretam a sociedade em sua volta e a recriam com discursos e representações inspirados na doutrina teológica da igreja. Romano parte “de uma atitude soteriológica fundamental no interior da igreja”.<sup>18</sup> Segundo o autor,

A imagem religiosa diz uma proposição política que remete a situações mais complexas que um pretense desejo direto de poder secular. O domínio reclamado pela igreja é religioso: nisto reside sua originalidade e sua força.<sup>19</sup>

A busca do domínio religioso, segundo Romano, “não se situa em conjunturas passageiras: seu centro de efetividade é a consciência do homem, lugar da manifestação do Eterno, impossível de ser alcançado por

---

<sup>17</sup> ROMANO, Roberto. Brasil: Igreja contra Estado. (Crítica ao Populismo Católico) São Paulo: Kairós, 1979, p.23.

<sup>18</sup> ROMANO, *Ibidem*, p. 22.

<sup>19</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 42.

qualquer ordem humana positiva”.<sup>20</sup> A partir daí, o autor concebe a igreja não como um todo homogêneo e harmônico, mas sim como “instituição que carrega em seu interior as mais variadas tendências políticas e sociais”.<sup>21</sup> Acrescenta ainda que

não se deve esquecer que o movimento da instituição como um todo, sua reprodução e relações no sistema social, faz-se através de conflitos, acomodações, perdas, substituições dos diferentes grupos nela existentes (incluindo-se aí os setores radicais de esquerda, seu pesado centro, sua ala direita), expostos também aos abalos mais amplos da sociedade.<sup>22</sup>

A instituição religiosa assim concebida abre espaço para a atuação de diferentes tendências e grupos de agentes que a compõe. Esta idéia, portanto, pode contribuir para a compreensão da atuação de diferentes grupos sem recorrer a definições totalizantes do tipo “Aparelho Ideológico do Estado”.

A ênfase na dinâmica e funcionamento do campo religioso foi influenciada, em grande parte, pelas teorias desenvolvidas por Max Weber, que procurou não definir de antemão a natureza dos fenômenos religiosos. Seu objetivo estava voltado para a compreensão interpretativa da ação social, que “é aquela ação do agente orientada significativamente pelo comportamento dos outros, isto é, a qual o agente associa um sentido

---

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p.40.

<sup>21</sup> ROMANO, *Ibidem*, p. 42.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, 47.

subjetivo, conforme a conduta dos outros”.<sup>23</sup> O sentido não é algo subjetivamente correto ou a algum “sentido verdadeiro obtido por indagação metafísica”,<sup>24</sup> mas sim, algo subjetivamente visado pelo indivíduo. Por fim, o que Weber pretendia era compreender interpretativamente as ações orientadas por um sentido subjetivo enquanto motivo, meio e fim da ação. “A sociologia é uma ciência que procura compreender a ação social; a compreensão implica a percepção do sentido que o ator confere a sua conduta”.<sup>25</sup> Em outras palavras, compreender significa apreender o sentido subjetivo que os indivíduos conferem a sua ação. A religião, assim como a economia, a sociedade e outras instituições, é uma das instâncias que oferecem os elementos constituintes de sentido subjetivo.

A natureza da relação entre religião e sociedade não é definida de antemão em Weber.

Nossa tese não é a de que a natureza específica da religião constitui uma simples ‘função’ da camada que surge como sua adequada característica, ou que ela represente a ideologia de tal camada, ou que seja um ‘reflexo’ da situação de interesse material ou ideal. Pelo contrário, uma interpretação mais errônea do ponto de vista dessas discussões dificilmente seria possível

---

<sup>23</sup> WEBER, Max. *Archiv für Socialwissenschaft und Socialpolitik*. Vol. XVII, p. 47, apud. GERTH, H. H.; MILLS, c. E wright. Introdução In: Ensaio de Sociologia. 5ª ed. [Trad. Waltensir Dutra] Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.91.

<sup>24</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade, fundamentos da sociologia compreensiva Vol. 1, trad. da 5ª edição revisada, anotada e organizada por Johannes Winkelmann. [Trd. Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa] Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: UNB, 1991, p.06.

<sup>25</sup> ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.465.

Por mais incisivas que as influências sociais, determinadas econômica e politicamente, possam ter sido sobre uma ética religiosa num determinado caso, ela recebe sua marca principalmente das fontes religiosas e, em primeiro lugar, do conteúdo de sua anunciação e promessa. Frequentemente, a geração seguinte reinterpreta essas anuncieções e promessas de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa. Quando isso ocorre, então, é comum que as doutrinas religiosas se ajustem às *necessidades religiosas*. Outras esferas de interesse só poderiam ter uma influência secundária; com frequência, porém, tal influência é muito óbvia e, por vezes, decisiva.<sup>26</sup>

Weber, procurando compreender as influências religiosas no surgimento da ética capitalista, se furta a uma explicação reducionista e determinista, seja a que defende a autonomia do campo religioso ou a que prega sua dependência em relação às estruturas econômicas e sociais. Segundo Pierre Bourdieu, Weber “encontra os meios de correlacionar o conteúdo do discurso mítico (inclusive sua Sintaxe) aos interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem e que o recebem”.<sup>27</sup> Com isso, Weber desenvolve os pressupostos necessários para que Bourdieu chegue ao que denominou de *interacionalismo* simbólico entre as diferentes instâncias que compõe o campo religioso: os diferentes agentes religiosos e os diferentes grupos de leigos.

As interações simbólicas que se instauram no campo religioso devem sua forma específica à natureza particular dos interesses que aí se encontram em jogo ou, em outros termos, às especificidades das funções cumpridas pela ação religiosa de um lado, a serviço dos leigos

---

<sup>26</sup> WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. 5ª ed. [Trad. Waltensir Dutra, org. e intr. H. H. Gerth e C. Wright Mills] Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.312.

<sup>27</sup> BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3ª. ed.[Intr, org. e seleção de Sérgio Micelli, Trad. Sérgio Micelli, Sílvia de Almeida Prado, Sônia Micelli e Wilson Campos Vieira] São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, - (Coleção Estudos), p.32.

(e, mais precisamente, para as diferentes categorias de leigos) e, de outro, a serviço dos diferentes agentes religiosos.<sup>28</sup>

Assim, a interpretação realizada por Bourdieu acerca da tipologia weberiana atribui grande importância aos leigos na estrutura e funcionamento do campo religioso. Isto estaria implícito nas obras de Weber e Bourdieu pretendia tornar explícito o conteúdo de suas entrelinhas. Seguindo seu raciocínio, é justamente a influência dos leigos que faz com que o campo religioso seja interativo, pois o conteúdo da mensagem religiosa é influenciado fortemente pelos interesses do grupo de leigos ao qual é destinada.<sup>29</sup> É para satisfazer os diferentes interesses dos grupos de leigos que se desenvolvem as diferentes representações e linguagens simbólicas. Mas ao mesmo tempo, segundo Bourdieu, estas representações e linguagens visam atender também os interesses dos próprios agentes religiosos, isto é, o monopólio da gestão dos bens de salvação.

A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade (em relação, por exemplo, à concorrência que se estabelece no campo político) ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus* religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p. 82.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p.86.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 88

Bourdieu chama atenção para a “concorrência pelo poder religioso”, o que era algo bastante enfatizado por Weber. Também Roberto Romano notou isso.

M. Weber atrai a atenção para a luta extremada do corpo hierárquico a fim de manter o domínio da empresa de salvação contra grupos carismáticos que arriscam sair de seu controle, assegurando-o pelo *carisma oficial*.<sup>31</sup>

Percebe-se que os autores freqüentemente fazem referência às relações dos agentes religiosos entre si e com a sociedade. Furtam-se assim a uma análise que leva a uma autonomia absoluta do discurso mítico e religioso e ao mesmo tempo, procuram escapar também da teoria reducionista que tende a conceber a religião apenas como reflexo das estruturas sociais. São também estas idéias que nortearam o desenvolvimento deste estudo, especialmente um conceito que Bourdieu desenvolveu baseando-se em Weber. Trata-se do

trabalho religioso realizado pelos agentes e porta vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados.<sup>32</sup>

O conceito confere uma certa dinâmica à atuação de agentes religiosos, permitindo a interpretação teológica de diversos problemas e situações históricas, visando a satisfação dos interesses religiosos dos diferentes grupos determinados de leigos. Por outro lado, visa também a

---

<sup>31</sup> ROMANO, Roberto, op. cit. p. 47.

<sup>32</sup> BOURDIEU, op. cit. p 79.

satisfação dos próprios interesses dos agentes religiosos, ou seja, o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação. Isto acaba por promover o surgimento de novas representações e linguagens religiosas.

Assim, tem-se uma concepção bastante ampla e flexível da atuação de agentes religiosos. O importante de tal definição é que ela abre espaço para a compreensão de diferentes grupos que compõe o campo religioso. Por isso, alguns dos conceitos analisados acima podem auxiliar no estudo acerca dos jesuítas alemães e a formação da colônia Porto Novo, no extremo oeste catarinense.

Neste sentido, levando em consideração os conceitos apresentados acima, especialmente o de “trabalho religioso”,<sup>33</sup> bem como o contexto em que está inserida, pode-se compreender mais facilmente a atuação dos jesuítas alemães. Eles aparecem como os “porta vozes dos interesses de um grupo social específico, com um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados”.<sup>34</sup> Por outro lado, visavam atender os interesses do próprio grupo de agentes religiosos de manter os fiéis na fé católica, ou se se preferir na terminologia de Weber, manter o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação. Ou, nas palavras de Roberto Romano, seus interesses “não se situam em conjunturas passageiras: seu centro de efetividade é a consciência do homem, lugar da manifestação do

---

<sup>33</sup> BOURDIEU, *op. cit.* p. 79.

<sup>34</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 79.

Eterno”.<sup>35</sup> Busca-se assim compreender a atuação dos jesuítas junto aos imigrantes alemães e seus descendentes, especialmente no que se refere a fundação de uma colônia étnica e religiosamente homogênea, levando em consideração algumas das idéias desenvolvidas pelos autores acima citados.

A dissertação se divide em quatro capítulos, sendo que no primeiro faz-se uma contextualização da migração de colonos das antigas colônias de imigrantes europeus do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense, dando ênfase especial ao significado que se atribuía ao movimento migratório: civilizar a região, “onde tudo se resolvia no trabuco”.<sup>36</sup> A idéia de civilização e as representações acerca dos caboclos e colonos, bem como a atuação das empresas de colonização e os fatores que influenciaram os colonos a migrar são os principais assuntos deste capítulo. As principais fontes foram textos e livros publicados acerca do assunto.

No segundo capítulo faz-se uma análise da presença dos jesuítas no Rio Grande do Sul, não os antigos dos Sete Povos das Missões, mas os representantes da Companhia Restaurada, que, em sua maioria, eram alemães expulsos de sua terra natal. As atividades que desenvolveram junto aos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul

---

<sup>35</sup> ROMANO, op. cit. p. 40.

<sup>36</sup> PERFEITO DA SILVA, Zedar. Oeste Catarinense. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, Limitada, 1950, p. 7.

foram influenciadas por um ideal de religiosidade que se aproximava do catolicismo europeu, distanciando-se do tradicional catolicismo luso-brasileiro. A presença da Companhia de Jesus Restaurada no Brasil e a expulsão dos jesuítas Alemães da Europa; sua instalação no Rio Grande do Sul; algumas das atividades desenvolvidas e as idéias que as nortearam são os principais assuntos deste capítulo. As fontes utilizadas foram livros e artigos, principalmente, da revista de história do Instituto Anchietano de Pesquisas, que analisam a presença da Companhia de Jesus Restaurada no sul do Brasil e do movimento católico na Alemanha. Importantes foram também os textos publicados na imprensa da *Volkverein* e palestras dos Congressos Católicos.

Uma das principais instituições formada pelos representantes alemães da Ordem Restaurada no sul do Brasil foi a fundação da *Volkverein*, que recebe atenção especial ainda no segundo capítulo. Já o projeto para a formação da colônia Porto Novo, elaborado por esta associação, é o assunto do terceiro capítulo. O objetivo é compreender as idéias norteadoras deste projeto, principalmente o significado da idéia de homogeneidade étnica e religiosa. Para a compreensão destas idéias, fez-se uma pesquisa nos periódicos publicados pela associação: o almanaque Amigo da Família (*Der Familienfreund*) e a Folha de São Paulo (*St. Paulusblatt*), assim como textos dos Congressos Católicos publicados em suas Brochuras Comemorativas, (*Festschrift*).

---

Por fim, com base nas fontes acima citadas, faz-se, no último capítulo, uma investigação acerca da implantação da colônia Porto Novo: uma breve análise da instalação dos primeiros colonos, das dificuldades e das estratégias adotadas contorná-las, procurando avaliar em que medida o projeto pôde ser implantado.

Fotografias, que foram eficiente instrumentos de propaganda da colônia, também deram importante contribuição no sentido de se perceber os aspectos valorizados de Porto Novo. Das muitas fotos que foram utilizadas para divulgar a colônia, algumas são reproduzidas no decorrer do texto. Desta forma, as fotografias reproduzidas neste trabalho referem-se a propagandas da colônia Porto Novo, exceto a fotografia nº 2, que apresenta o caráter solene dos Congressos Católicos.

## CAPITULO I

### A COLONIZAÇÃO DO EXTREMO OESTE CATARINENSE

As terras que se estendem a oeste de Chapecó em direção à fronteira com a Argentina eram, no início do século, cobertas por densa floresta subtropical. Banhada pelo rio Uruguai e seus afluentes, a mata era rica em madeiras e ervais, com ampla e variada fauna e solo propício à agricultura. A região se apresentava como um manancial de riquezas e possibilidades de explorações econômicas. No entanto, não era desabitada, pois viviam ali índios *Kaigang* e a população denominada cabocla. Depois de definidos os limites territoriais entre os Estados paranaense e catarinense, este passou a implementar medidas para assegurar a posse do território, porque a região era concebida como uma terra-sem-lei, um *far-west*.<sup>37</sup> Apesar disso, apresentava possibilidades de gerar riquezas. Tal concepção se nutria de imagens ou representações acerca do caboclo e seu estilo de vida, as quais acabaram por oferecer uma base de legitimação às medidas de colonizar a região, que consistiam principalmente em conceder grandes áreas de terras para empresas privadas de colonização. Eram elas que deveriam providenciar a instalação de colonos descendentes de europeus, concebidos como os elementos promotores do progresso, ou na linguagem de Ferreira da

Costa, os “obreiros da civilização”.<sup>38</sup> Assim, pode-se dizer que a migração e instalação de colonos descendentes de europeus, a maioria procedentes das regiões de colonização europeia mais antigas do Rio Grande do Sul, foi influenciada por idéias e representações acerca do caboclo e do colono. Aqueles eram identificados com atraso, estagnação e tradicionalismo e estes vistos como elementos promotores do progresso, da civilização e do desenvolvimento econômico e social.

As representações são entendidas como formas de concepção da sociedade, ou como prefere Roger Chartier, percepções do social, idéias que indicam o que os seus autores pensam que a sociedade é, ou como gostariam que fosse.<sup>39</sup> Segundo o autor,

São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.<sup>40</sup>

Não se trata de saber se estas representações estavam ou não em conformidade com o real. O que deve ser levado em consideração são os efeitos de realidade, estratégias e práticas que produziram, as políticas

<sup>37</sup> PERFEITO DA SILVA, Zedar. op. cit, p. 07.

<sup>38</sup> COSTA, A. Ferreira da. Oeste Catarinense - Visões e sugestões de um excursionista. Rio de Janeiro: Vilas Boas e Cia, 1929, p. 31.

<sup>39</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural, Entre Práticas e Representações. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Lisboa: DIFEL, 1990, p.19.

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p.17.

que tornaram possíveis e legitimaram. Também não se trata de dizer que foram a causa ou o motivo da colonização da região oeste. Entende-se que o movimento migratório foi influenciado por vários fatores, sendo muito difícil eleger um como principal ou mais importante.

A migração de colonos foi promovida pelas diversas empresas colonizadoras, como a Luce Rosa & Cia, Ernesto Bertaso, Barth, Beneti & Cia Ltda, Chapecó-Peperi Ltda, Sul Brasil, entre inúmeras outras. Elas adquiriam extensas áreas de terras do governo catarinense e as revendiam, não sem lucros, a quem se interessasse. Eram, assim, as responsáveis pela organização interna das colônias, como a construção de estradas, segurança, hospitais, lazer, enfim, a infra-estrutura. Com sedutoras propagandas e propostas tentadoras atraíam os colonos para as margens do Rio Uruguai, onde foram se constituindo as denominadas “novas colônias” do oeste catarinense.

### 1.1. “Andarilhos da floresta” e Caboclos.

Embora coberta por densa floresta, a região oeste catarinense não era desabitada. Por volta do início do século XX, vivia ali a população denominada cabocla, que entre os descendentes de alemães eram denominados *Waldläufer*, “andarilhos da floresta”.<sup>41</sup> Baseados em suas vivências e nos contatos com os caboclos, os colonos acabaram por esboçar uma definição. Costumava-se dividi-los em dois grupos: os que resultaram da miscigenação entre as diversas tribos de indígenas e os que apresentavam características européias, ou seja, resultado da miscigenação dos índios com tropeiros portugueses. Assim, a característica principal que se lhes atribuía era a miscigenação, concebida também como a principal diferença em relação aos índios que outrora habitavam estas terras, que eram denominados de “legítimos e livres senhores da floresta”.<sup>42</sup> Segundo Maria Rohde, que fez parte do grupo das famílias pioneiras de Porto Novo, os colonos somente encontraram vestígios dos “senhores da floresta”.

---

<sup>41</sup> ROHDE. Maria. op. cit. p. 91.

<sup>42</sup> A terminologia utilizada pela autora está baseada nas expressões utilizadas pelos colonos. Assim, *Freien Herren des Wald* era utilizado para designar os livres senhores da floresta. ROHDE, op. cit., p. 91.

O Pe. João Alfredo Röhr, nos anos 60, fez algumas escavações nas barrancas do rio Uruguai e concluiu ser muito antiga a vida humana na região.

Há dois anos nas barrancas das olarias dos Senhores Schorr e Barbian, retirávamos detritos de carvão de fogueiras, que se encontravam a quatro metros e meio de profundidade. Este carvão analisado em laboratórios especializados dos Estados Unidos da América, pelos métodos dos mais modernos da técnica, acabam de ser datados em 7300 anos. Isto quer dizer que estas margens do Rio Uruguai estiveram povoadas a 73 séculos, o que significam muitos anos antes de cristo. Resíduos encontrados a 8 metros de profundidade estão sendo ainda analisados nos laboratórios. Calculamos que deverá chegar a 10 mil anos de idade ou mais.<sup>43</sup>

Além desses restos de fogueiras que foram desenterrados, os colonos que ali se instalaram, em suas atividades de desmatar a floresta e arar o solo, também encontraram muitos artefatos. Tumbas, flechas, cerâmicas, colares e outros enfeites, enfim, inúmeros objetos que indicam que a região foi habitada por antigas tribos indígenas. Maria Rohde escreve acerca dos muitos objetos encontrados.

Antigamente, as terras estendidas ao longo destes rios eram povoadas por bugres. Isto é evidenciado pelos muitos vestígios que foram encontrados e desenterrados por toda parte. Sua maioria é de potes de barro, grandes e pequenas panelas, Suas formas verdadeiramente belas e agradáveis, contendo ricos adornos. Parece que já prevalecia entre eles o hábito de enterrar seus mortos em cemitérios, pois nos locais em que se encontrou uma grande tumba foram encontrados também várias outras em seu redor. Atentamos ao fato de que em diferentes partes, mesmo sob altas colinas podia-se encontrar com cuidadosas escavações grandes potes de barro nos quais haviam ossos humanos podres, de forma idêntica acontecia também em outras regiões. Não se sabe a explicação disso. É digno de nota que os antigos bugres, com a finalidade de sepultar seus mortos, colocavam-nos em forma de círculos nestas tumbas, antes mesmo que esfriassem e endurecessem. As grandes

---

<sup>43</sup> RÖHR, Pe. João Alfredo. In: Itapiranga. Município da Fronteira. Levantamento de dados do Município de Itapiranga. Prefeitura Municipal de Itapiranga, Santa Catarina, 1969. [Coordenação e Elaboração: Prof<sup>a</sup>. e Acadêmica Terezinha Wiggers.], p. 2.

tumbas encontradas que ainda estão em nosso poder mediam entre 80 a 100 centímetros de diâmetro e estavam ainda em bom estado quando foram desenterrados. Desde aquele momento, eles se degeneraram rapidamente e mal puderam ser conservados.<sup>44</sup>

Na seqüência de seu texto, a autora enfatiza, não sem pesar, que não teve a oportunidade de conhecer estes “livres senhores da floresta”, os representantes das tribos de outrora. Parte, assim, do pressuposto que havia uma época áurea em que os livres senhores habitavam as terras do oeste catarinense e noroeste gaúcho, na época das reduções jesuíticas. Os americanos tidos como selvagens aprendiam sob os auspícios dos Jesuítas a verdadeira religião, métodos de trabalho e a moral cristã. Mas devido a tragédia que se abateu sobre o empenho da Companhia de Jesus em civilizar e cristianizar, os silvícolas acabaram por se misturar entre si e com o homem branco. Desta mistura resultou o que a autora denominou “mestiços”,<sup>45</sup> que eram os que ela conheceu e que viviam nas redondezas da colônia Porto Novo. As aldeias são assim descritas:

pela manhã bem cedo pudemos observar a aldeia. Eram ranchos dos mais miseráveis, espalhados entre os matos e arbustos, a maioria fechados somente por três lados com hastes de palmeiras amarrados uns nos outros com liames e recheados com varas de bambus. Por cima havia um escasso telhado igualmente composto por folhas de palmeiras e outra folhas secas. [...] Eram aproximadamente 25 a 30 famílias que viviam ali e não se sabe exatamente onde uma começa e a outra termina. A árvore genealógica da maioria é muito complicada, pois não havia casamentos fixos e os filhos eram, de alguma forma, de “toda comunidade”. Mas todos estavam com os olhos vermelhos, inchados, pegajosos e infeccionados. Quando posteriormente vieram nos visitar

---

<sup>44</sup> ROHDE. Op. cit., p. 91.

<sup>45</sup> O termo utilizado para designar os mestiços é *Mischlingen* e *Mestizen*. ROHDE, op. cit. p. 91.

em nossa colônia, uma consulta dos olhos revelou que todos tinham tracoma em estágio avançado e mal podiam enxergar.<sup>46</sup>

O olhar do colono, portador de certo grau de cultura européia, sobre o modo de vida do “outro”, portador de uma cultura diferente, causou um estranhamento, resultando daí uma avaliação de sua própria identidade e uma imagem acerca do diferente. É exatamente esta imagem que indica a maneira de se relacionar com o outro. Desta forma, a autora chegou à conclusão de que se deveria (re) cristianizá-los, como outrora os jesuítas haviam feito com os índios guaranis.

A importância das imagens e representações acerca do indígena no sentido de indicar práticas a serem tomadas foi enfatizado por Ronald Raminelli.<sup>47</sup> Em seu estudo acerca das Imagens da Colonização, notou que a maneira pela qual os europeus viam os americanos, desde os tempos de Caminha, foi influenciada muito mais pelas lendas de bruxas e povos bárbaros, antropófagos, do que da observação da realidade. Mas por outro lado, viam-nos também como “cristãos em potencial”, pois “a semente da ‘verdadeira religião’ residia nos corações dos naturais da terra, bastaria a intervenção dos Padres para o florescimento do grão plantado por Deus”.<sup>48</sup> “Assim como santo Agostinho, os sacerdotes acreditavam que o mais

---

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*, p. 100 e 101.

<sup>47</sup> RAMINELLI, Ronald. Imagens da Colonização. A representação do Índia de Caminha a Vieira. [prefácio de Laura de Melo e Souza] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>48</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

repugnante dos homens seria alvo do proselitismo cristão”.<sup>49</sup> Acerca da relação entre brancos e índios escreve:

A tradição européia buscou em um passado remoto argumentos para consolidar essa relação pautada na desigualdade. Os europeus não eram iguais aos ameríndios: a superioridade dos primeiros respaldava a conquista, a colonização e a catequese. Os nativos desconheciam o cristianismo, menosprezavam o ouro e a idéia de trabalho tal como concebida pelos colonizadores. Portanto, eram considerados seres degenerados e necessitados da intervenção européia para tomar os rumos de uma vida melhor, uma vida pautada nos mesmos princípios e valores da cultura ocidental.[...] Esta relação explica em boa parte a dinâmica da economia colonial.<sup>50</sup>

O autor chama atenção a quão presente estava no pensamento europeu a idéia de um passado áureo, paradisíaco, do qual os naturais da terra haviam sido expulsos e a partir daí, por castigo divino, se degeneraram e que sua salvação dependeria da atividade missionária. De maneira não muito diferente, também Maria Rohde concebia os “andarilhos da floresta”, como descendentes degenerados<sup>51</sup> dos antigos senhores da floresta educados e civilizados pelos Jesuítas. A única salvação para eles seria uma nova “epopéia jesuítica”, “assim como a de Ulisses”, na concepção do Pe. Simão de Vasconcelos.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>50</sup> RAMINELLI, *Ibidem*, p. 13.

<sup>51</sup> Há, no entanto, uma grande diferença no conceito de degeneração. Raminelli notou que no pensamento europeu, degeneração era concebido mais intensamente na esfera moral e dos costumes, enquanto que Maria Rohde concebia a degeneração no campo físico e corporal.

<sup>52</sup> RANINELLI, *Ibidem*, p. 23.

O que chama a atenção no livro de Maria Rohde, especialmente no capítulo “*Caboclos und Bugres*”,<sup>53</sup> é a concepção que a autora tem de miscigenação<sup>54</sup> e que aparece nas entrelinhas de seu texto. Para ela, que era esposa do diretor da colônia Porto Novo, *Mischung*, (mistura ou miscigenação) era sinônimo de degeneração. Os “andarilhos da floresta” eram concebidos como a “mistura das diferentes tribos de indígenas”<sup>55</sup> e descritos como “criaturas dignas de compaixão”, o que “restou dos livres senhores destas florestas, acerca deles somente se pode dizer: criaturas outrora humanas, uma raça agonizante”.<sup>56</sup> Segundo a autora, “os vestígios desta evidente degeneração podem ser percebidos em sua estatura, freqüentemente com membros retorcidos, péssima cor facial e uma miserável aparência”.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> Caboclos Und Bugres. In. ROHDE, Maria, op. cit. p. 90 a 102.

<sup>54</sup> Enfatiza-se aqui este aspecto principalmente porque a concepção de miscigenação, que por definição envolve também a idéia de homogeneidade étnica, esteve presente na formação da colônia Porto Novo. O pensamento era que uma colônia com “uniformidade de povo e de religião garante o bem estar corporal, espiritual e religioso”, (RICK, 1929, p.165) assim como evita a degeneração. Mas este assunto é discutido mais detalhadamente no capítulo III desta dissertação.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 92.

<sup>56</sup> Os termos utilizados pela autora são: *Es sind doch bedauerstwerte Geschöpfe, diese armselige Überreste der freien Herren dieser Wälder, da kan mann wirklich nur sagen: Kreaturen die einst Menschen Waren – eine sterbende Rasse.* Idem, ibidem, p. 100 e 101.

<sup>57</sup> *An ihrer untersetzten Gestalt, vielfach verzogenen Gliedern, schlechter Gesichtsfarbe und elendem Aussehen merkt man nur zu deutlich die Spuren einer sichtlichen Degeneration.* ROHDE, Ibidem, p. 95.

Jací Poli, em seu estudo intitulado: “Caboclo: Pioneirismo e Marginalização”,<sup>58</sup> procura explicar a formação da população cabocla, que considera os verdadeiros desbravadores do oeste catarinense. Segundo ele, o caboclo é resultado da miscigenação da população indígena, *Kaigang*, que vivia na região, com o tropeiro paulista, que nela se infiltrou a procura de gado e de eventuais outras riquezas. Referências acerca dos caminhos percorridos na condução de gado dos pampas gaúchos para o centro oeste podem ser encontrados em inúmeros estudos que dizem respeito a história econômica do Brasil. É sabido que desde a corrida pelo ouro das Minas Gerais do século XVIII, o gado selvagem do sul, introduzidos pelos missionários da Companhia de Jesus no tempo das reduções indígenas, abastecia as demandas por alimentos e transportes das prósperas cidades auríferas.

Cada ano subiam do Rio Grande do Sul dezenas de mulas, as quais constituíam a principal fonte de renda da região. Esses animais se concentravam na região de São Paulo onde, em grandes feiras, eram distribuídos aos compradores que provinham de diferentes regiões. Deste modo, a economia mineira, através de seus efeitos indiretos, permitiu que se articulassem as diferentes regiões do sul do país.<sup>59</sup>

O caminho percorrido pelos tropeiros na condução do gado atravessava Santa Catarina pelo planalto, na região de Lages. No século XIX, em decorrência do deslocamento do eixo econômico nacional das

---

<sup>58</sup> POLI, Jací. Caboclo: Pioneirismo e Marginalização. In. Cadernos do Centro de Organização da Memória Socio-Cultural do Oeste de Santa Catarina. Ano 2, N.º 3, outubro de 1987. Chapecó: FUNDESTE, 1987.

<sup>59</sup> FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 23ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1989. (Biblioteca Universitária. Série 2, Ciências Sociais; v.23), p. 77.

minas para os cafezais paulistas, o gado do sul passou a abastecer a região produtora de café. O caminho percorrido pelas tropas continuou a ser o de Lages que, assim como toda região situada a oeste, fazia parte do território da Província de São Paulo. A partir de 1820, a região lageana passou a pertencer a Santa Catarina e os tropeiros tiveram de pagar tributos pela passagem das tropas de gado. Com isso, procurou-se outros caminhos para conduzir o gado e campos para a criação. Desta maneira, já penetravam nos campos de Guarapuava, propícios para a criação mas que eram ocupados pelos índios *Kaigang*, o que não impediu sua ocupação para a criação. Por volta de 1840 os tropeiros já se deslocavam a sudoeste onde havia os campos de Palmas e a oeste destes, os campos do Erê.<sup>60</sup>

Com a certeza de que um caminho ligando Palmas às missões riograndenses era cada vez mais necessário para a definitiva incorporação do território ao Brasil, em 1845, o Alferes Francisco da Rocha Loures foi encarregado da abertura da estrada. Como a picada teria que passar por território de índios hostis à presença do branco, o encarregado preocupou-se em conseguir a ajuda do cacique Vitorino Conda, que conhecia bem a região, ao mesmo tempo que poderia contornar as dificuldades junto aos índios, pela sua grande ascendência sobre eles. Condá não poupou esforços para ajudar Rocha Loures, que havia sido seu companheiro de infância. Ao mesmo tempo, a província do Rio Grande do Sul procurou ajudar, através do envio de missionários para a região de Nonohay, com a função de promover o aldeamento dos indígenas. [...] o roteiro da estrada, a partir de Palmas, foi o seguinte: cruza os rios Chapecó e Chapecozinho; passa pela Campina do Xanxerê, Serra do Tigre, Passo Ferreira, Passo Carneiro ( mais tarde chamado Passo Bormann ), Goio-En, Nonoai e Vila de Cruz Alta. [...] A região missioneira já era bastante conhecida e, com o trânsito das tropas, houve a formação de pousos ao longo do caminho, apesar da falta de estrutura que apresentava. [...] A nova estrada passava por uma região rica em

---

<sup>60</sup> Poli, Jaci. Op. cit.

ervais, cuja descoberta se transformava em grande atrativo para a exploração, em função do crescimento da indústria ervateira principalmente no Paraná.<sup>61</sup>

Jaci Poli explica assim o surgimento da população cabocla e o início do povoamento da região, sendo que “a população que se sucedeu à indígena e miscigenou-se com esta foi a dos luso-brasileiros, mais conhecidos como caboclos, cuja principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte da erva-mate e o tropeirismo”.<sup>62</sup> Esta população é, segundo Poli, originária das vilas e pousos que se formaram com o novo caminho de tropas de gado e muares que ligava Palmas à região missioneira. A estrada passava por uma região rica em ervais e “na medida em que as tropas começavam a circular, os ervais ao longo da estrada começavam a ser explorados com mais intensidade”.<sup>63</sup>

Além deste caminho citado por Poli, havia outro, mais a oeste. Arno Köelln, pesquisando a história de Mondai escreve acerca de um caminho, ou seja, de uma

picada que levava do campo, no sul, para o norte, passando pelas fontes sulfurosas de Águas do Prado, (hoje Vicente Dutra), atravessando o Uruguai em Mondai, mais precisamente na foz do rio das Antas. Esse caminho parecia ser uma das antigas picadas indígenas a respeito das quais nos informam as descrições das viagens de Ulrich Schmiedel e de Hans Staden, realizadas há mais de quatrocentos anos. Aquelas atravessavam o continente em várias direções. Aceita-se a hipótese de que aquela picada, além de servir aos indígenas, servia, no tempo dos

---

<sup>61</sup> POLI, op. cit., p. 08 e 09.

<sup>61</sup> Idem, ibidem, p. 03.

<sup>62</sup> Idem, ibidem, p. 09.

<sup>63</sup> Idem, ibidem. p. 09.

jesuítas, de ligação entre as diversas missões do sul e a redução jesuítica de Guaíra no Paraná, e também de acesso ao Paraguai; provavelmente ainda os bandeirantes paulistas passaram pela mesma nas suas incursões para o sul. A assim chamada “Picada do Barracão” servia aos balseiros antes da colonização, bem como aos colonos nos seus trabalhos de desbravamento. Igualmente passariam mais tarde pela mesma os grupos revoltosos de Luiz Carlos Prestes e Leonel Rocha.<sup>64</sup>

Este, portanto, era outro caminho que atravessava o oeste rente a fronteira com a Argentina. O caminho dos indígenas servia para diversos viajantes. Serviu como ligação das reduções Jesuíticas do Paraná com as da região missioneira, no Rio Grande do Sul. Também os balseiros o utilizaram na extração da madeira. No que se refere aos bandeirantes, não se sabe exatamente por onde tenham passado, mas é provável que foi por este mesmo caminho. Entretanto, sua importância para o povoamento não foi tão significativa quanto o de Chapecó. Quando em 1929 o Presidente Adolpho Konder o percorreu partindo de Mondai em direção a Dionísio Cerqueira, Othon da Gama D’Eça notou que havia somente um morador nos 150 quilômetros de percurso.

E nesses cento e cinquenta quilômetros entre o Uruguai e os três caminhos, perto das cabeceiras do Pepery-Guaçu, Siebeneichler é o único morador: um Robinson Crusóe que so difere da aventureira criatura de De Foe porque é brasileiro, tem 18 filhos, vários papagaios e uns guaipeças cinzentos que os tigres comem, quase sempre em janeiro, quando os guamirinzais se enchem de flores e de aromas doces.<sup>65</sup>

Além destes caminhos, o que contribuiu à ocupação do oeste e a formação da população cabocla foi a fundação da colônia militar de

---

<sup>64</sup> KOELLN, Arno. Porto Feliz: a História de uma Colonização às Margens do Rio Uruguai. Mondai: Coordenadoria municipal de Ensino, 1980, p. 11.

<sup>65</sup> D’EÇA, Othon da Gama. ... Aos Espanhóis Confinantes. 2ª ed. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992, p. 100.

Xanxerê, planejada em 1859 e implantada em 1882.<sup>66</sup> Sua meta era garantir a posse do território brasileiro diante das ambições argentinas. Neste contexto a ocupação do território foi concebida como garantia da posse do território diante das ameaças de perdê-lo na conhecida “Questão de Palmas”,<sup>67</sup> o desentendimento referente às fronteiras entre Brasil e Argentina. A fronteira em questão foi, segundo o tratado de Santo Idelfonso, estabelecida tendo como limites os rios Pepery-Guaçú, em Santa Catarina, e Santo Antônio do Guaçú, no Paraná. Entretanto, foram confundidos, talvez não por acaso, os nomes e a localização dos rios em questão, sendo que a Argentina reivindicava para si as terras localizadas a oeste do rio Chapecó, em Santa Catarina, e do rio Chopim, no Paraná. Não havendo consenso entre os dois países, a questão foi levada a foro internacional, tendo como juiz o Presidente dos Estados Unidos da América, Grover Cleveland, que, em 1895 deferiu a causa em favor do Brasil. A população formada em torno da Colônia Militar, desta forma, contribuiu para o povoamento da bacia do rio Chapecó, como explica Victor Peluso Júnior, que descreve a situação populacional da região no início do século vinte:

---

<sup>66</sup> PELUSO JÚNIOR, Vítor. Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991, p. 286.

<sup>67</sup> Uma explicação mais detalhada acerca desta questão pode ser encontrada em HEINSFELD, Adelar. A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo vale do Rio Peixe. Joaçaba: UNOESC, 1996.

O oeste catarinense era, ainda no princípio do século em curso, escassamente povoado, desprovido de estradas. A população vivia isolada em grandes áreas afastadas das regiões em que se processavam transações comerciais. A economia de subsistência dominava em todo território, mesmo no trecho mais povoado, na bacia do rio Chapecó, onde o governo imperial, em 1859, fundara a colônia Militar de Xanxere.<sup>68</sup>

Esta é a situação da região até aproximadamente 1917. As terras mais planas ao norte, na divisa com o Paraná, estava ocupadas por fazendas de criação de gado e ainda nos tempos atuais prevalece a grande propriedade rural. Já o vale do rio Uruguai permanecia coberto por florestas e era para lá que os migrantes se direcionavam. Mas o que se quer enfatizar não é a densidade populacional, mas sim as características que se atribuíam à população cabocla. A principal que se lhes atribuiu, portanto, é a miscigenação, que, junto com seu modo de vida e outros acontecimentos da época, contribuíram para a formação, nos anos vinte do século XX, de uma imagem acerca da região oeste: um *far-west*,<sup>69</sup> uma terra sem lei, mas com possibilidades de gerar riquezas.

---

<sup>68</sup> PELUSO JUNIOR, Vítor. Op. cit., p. 286.

<sup>69</sup> PERFEITO DA SILVA, Zedar. Op. cit., p. 7.

### **1.3. Faroeste caboclo: Idéias e Representações Acerca da Região.**

As imagens e representações tem grande importância no sentido de dar suporte à práticas e políticas sociais, ou seja, na maneira de se relacionar com o “outro”, o diferente. Em concordância com isso, a maneira pela qual se concebia a região oeste catarinense, o caboclo e o colono ofereceu uma base de legitimação à colonização da região, isto é, à concessão de terras, por parte do governo catarinense, para empresas privadas para promover o estabelecimento de colonos descendentes de europeus na região. Isto porque depois de encerrado o episódio dos limites territoriais com o Estado do Paraná, havia grande interesse por parte dos dirigentes catarinenses em povoar a região para garantir a posse das terras.

No início do século XX, as fronteiras entre Santa Catarina e Paraná, na região oeste, ainda não estavam estabelecidos. O Estado paranaense reivindicava as terras que se estendiam até o rio Uruguai. Os catarinenses, por sua vez, baseados no princípio da divisão das Capitânicas Hereditárias, marcadas no litoral e em linha reta interior adentro, entendiam que a região devia lhes pertencer. Com a construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, a região conheceu maiores possibilidades de desenvolvimento, o que acirrou a disputa pelas terras entre os dois Estados. Trata-se da região localizada entre os rios Iguassú (ao norte),

Uruguai ( ao sul) e Pepery-Guaçú (a oeste fazendo divisa com a Argentina).<sup>70</sup> A disputa gerou algumas polêmicas na época.

Havia quem pensasse que a região devia pertencer ao Paraná, outros legitimavam o direito das capitanias e entendiam que Santa Catarina devia decidir sobre a região. O Dr. F. C. da Luz via a questão da seguinte forma:

... a natureza foi quem por uma maneira terminante e decisiva traçou os limites destas tres Provincias do Império, certamente as mais symetricas e iguais, quanto a disposição e grandeza de seus territórios.

Recuar, pois, os limites de Santa Catharina para o sul do Rio Negro e Iguassú, arrancando a esta Provincia todo seu interior e apertando-a entre a Serra Geral e o oceano, é romper essa symetria e igualdade, que pena fôra não existirem em todo o vasto território do Brazil.<sup>71</sup>

O autor destas linhas defendia a idéia de que as fronteiras deviam ser estabelecidas por marcos naturais: os rios Uruguai e Iguassú, cabendo todo território aos catarinenses. Com isso pretendia preservar a “simetria e igualdade”<sup>72</sup> das Províncias do Sul, não sem pensar nas vantagens financeiras que daí resultariam:

A diminuição que se operou na renda annual da Provincia de Santa Catharina, sobretudo depois da criação da mencionada colletoria do Chapecó, monta a cifra de 30 a 40\$000, conforme a boa ou má monção da feira de gado, a qual, como é sabido, está sujeita a alternativas.

A receita annual desta última Provincia, muito mais antiga e com uma população maior, não chega nem a 300:000\$, ao passo que a

---

<sup>70</sup> Um estudo mais detalhado acerca da questão de limites territoriais entre os Estados do Paraná e Santa Catarina pode ser encontrado em WERLANG Alceu Antônio. A colonização as margens do Rio Uruguai no Extremo Oeste Catarinense. Atuação da Cia. Territorial Sul Brasil 1925 a 1954. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1992.

<sup>71</sup> LUZ, L. C. da. Op. cit. p. 223 e 224.

<sup>72</sup> Idem, ibidem.

do Paraná , creada a muito pouco tempo e com um so porto de mar, já attinge a 500:000\$!

Não é justo que Provincia alguma do Império floresça e prospere a custa dos sacrificios e da ruina de suas irmãs vizinhas.<sup>73</sup>

O Presidente da República, na época o Sr. Wenceslau Bráz, a despeito das polêmicas e reivindicações, entendeu que dividir a região contestada em duas partes seria a decisão mais adequada. Foi tomada em 1916. Para os governantes dos Estados, o momento era de tomarem providências para que o povoamento fosse efetivado, o que garantiria sua posse e incentivaria seu desenvolvimento.

Arlene Renk escreve acerca das vantagens que traria ao Estado a ocupação do “vazio” e dos lucros diretos e indiretos daí provenientes.

O lucro direto seria aquele decorrente da remuneração paga pelas terras, não sendo questionado se o montante estipulado e pago era ou não justo. O rendimento indireto estava nos encargos assumidos pelas empresas colonizadoras em abrirem estradas, mantê-las, mesmo que para isso fossem remuneradas com terras, mas desobrigando o tesouro em ressarcir despesas efetuadas. Some-se a isso a possibilidade de arrecadação de impostos, a curto e longo prazos, e os dividendos políticos que poderiam ser auferidos se os empreendimentos obtivessem êxito.<sup>74</sup>

As vantagens pecuniárias ao Estado eram inúmeras, além de assegurar a posse do território. A colonização promoveria o desenvolvimento econômico que, por sua vez, geraria impostos. Podia-se, além disso, obter elevadas somas de dinheiro com a venda das terras às empresas de colonização.

---

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*, p. 228.

<sup>74</sup> RENK, Arlene. A luta da Erva: um ofício étnico da Nação brasileira no oeste catarinense. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1990, p. 48.

A colonização do oeste recebeu ainda um forte impulso devido a Guerra do Contestado, iniciada em 1912. A guerra surgiu em torno da construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul. A empresa construtora da estrada, a Brazil Development and Colonization Company, recebeu em troca da construção da referida estrada 15 quilômetros de terras em cada lado da linha. Entretanto, seus moradores, os caboclos, não viam com bons olhos a linha férrea. Liderados por indivíduos que se diziam monges, os sertanejos, que se consideravam fortalecidos por diversas forças religiosas e por mitos como o do retorno de São Sebastião, se revoltaram. Mas com a entrada em cena do Exército, os revoltosos foram reprimidos e massacrados, sendo o movimento considerado pelos vencedores como mera revolta de fanáticos religiosos. O conflito, aqui apresentado sucintamente, sendo muito mais complexo, acabou ficando conhecido como a mais sangrenta luta pela posse da terra no sul do Brasil.<sup>75</sup> Contribuiu, otrossim, para a formação de uma imagem do oeste catarinense e reforçou a que se tinha do denominado “caboclo”.

No início do século XX, via-se o oeste como “uma região onde se mata um homem por simples divertimento”,<sup>76</sup> “terra onde a vida humana

---

<sup>75</sup> Acerca da Guerra do Contestado, veja-se: AURAS, Marli. Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla, 2ª ed. Florianópolis: EDUFSC, 1995; CABRAL, Oswaldo Rodrigues. João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Ed. Nacional, 1960. QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. São Paulo: Ática, 1981.

<sup>76</sup> BREVES, Wenceslau de Souza. O Chapecó que eu conheci. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3ª fase, n.º 6. Florianópolis: IHGSC, 1985, p. 7.

não tinha nenhuma garantia”.<sup>77</sup> Considerava-se como principal problema a ausência de Instituições que reprimissem o banditismo.

um dos grandes flagelos do Oeste Catarinense, como no nordeste brasileiro, é o banditismo. As estradas e as picadas estão macabramente povoadas de túmulos, em parte na zona que percorremos. São resultados de motivos políticos, questões de terras, assuntos de honra e, em menor escala, de roubo.<sup>78</sup>

A comparação com o nordeste brasileiro é significativa e provavelmente se refere ao cangaço, pois podiam ser lidos freqüentemente no jornal “O Estado” notícias e artigos acerca da atuação dos cangaceiros.<sup>79</sup> Talvez por isso, a região oeste foi identificada com o nordeste: uma terra sem lei, onde as desavenças são resolvidas na base da força e o resultado geralmente é a morte. Esta idéia permaneceu viva durante muito tempo, pois mesmo em 1948 ela ainda pôde ser percebida.

Em fevereiro de 1948 tive a feliz oportunidade de percorrer pela primeira vez o oeste catarinense. Fui aconselhado por alguns amigos a levar comigo uma arma de fogo, por que a gente lá de cima, pensavam eles, resolvia tudo no trabuco. Lá, estava situado o nosso *far-west*.<sup>80</sup>

A terra-sem-lei, o *far west*, era uma imagem que, ainda em 1948, estava presente em quem pretendia viajar à região.

Nas décadas de 20 e 30, atribuía-se esta imagem principalmente à ausência de instituições e à índole do morador da região, o “caboclo” que

<sup>77</sup> Idem, *ibidem*, p.13.

<sup>78</sup> COSTA, *op. cit.* p.10.

<sup>79</sup> “O Estado” de 1929.

<sup>80</sup> PERFEITO DA SILVA, Zedar. *op. cit.*, p. 7.

era considerado como elemento que barrava o progresso e o responsável pelo atraso social e econômico da região. Pode-se perceber isto em textos escritos por membros da comitiva de Adolpho Konder em 1929, então “Presidente” de Santa Catarina, ou por pessoas que exerceram alguma profissão na região. Entre eles está Wenceslau Breves, que trabalhou lá como agrimensor na década de 20. Ele descreve a maneira como via o sistema de trabalho dos caboclos:

O sistema de trabalho destes caboclos era o mais absurdo e atrasado. Basta dizer que os agricultores não conheciam o uso desta antiquíssima ferramenta agrícola chamada enxada. Faziam suas roças apenas com foice, machado e ... fogo.

Por isso eram grandes devastadores de matas. Gostavam sobretudo de derrubar matas virgens e capoeirões, porque a madeira derrubada dava bom facho para o fogo.

Feita a plantação, cujas covas eram abertas com ponta da foice ou com uma cavadeira de madeira, a roça não era carpida. A terra virgem e forte fazia com que o milho e o feijão crescessem mais depressa que o mato.

No ano seguinte faziam nova derrubada e assim iam até que nova derrubada se transformasse em capoeira. Tudo para não usarem enxada que achavam ser ferramenta própria só para mulher.<sup>81</sup>

Em seguida escreve que “ninguém conhecia e nem queria aprender o uso de picaretas, pás, enxadões e enxadas: achavam ridículo o seu uso”.<sup>82</sup> O autor procura definir o atraso dos caboclos como uma decorrência de sua índole e da ausência de vontade de aprender.

No que se refere as moradias, escreve Breves:

A maior parte desses caboclos tinham seus ranchos em lugares já devastados, transformados em campinas. Mas iam fazer suas roças à beira de sanga ou rio, a léguas de distância. Isto para não serem

---

<sup>81</sup> BREVES, op. cit. p.21.

<sup>82</sup> Idem, ibidem, p. 21.

obrigados a fazer cercas e poderem ter seu cavalo ou vaca (quando tinham) perto de casa.

Isto fazia com que a moradia de um caboclo fosse uma desolação: nem um pé de milho em torno, nem uma árvore frutífera, nem um pé de couve. Às vezes algumas galinhas e alguns porcos soltos. Nada mais.<sup>83</sup>

Os métodos de trabalho do caboclo são assim descritos por Wenceslau Breves e os considera decorrentes da sua mentalidade e cultura. Dentre as características que lhe são atribuídas estão a teimosia e a recusa em aceitar ou adotar novos métodos de trabalho, os quais “ninguém conhecia nem queria aprender”.

A situação é idêntica em relação à propriedade da terra:

os caboclos em geral não pensavam em ser proprietários. O ideal ara eles, seria continuar como intrusos. Isto lhes trazia várias vantagens: não pagariam impostos, não se sentiriam na obrigação de fazer uma boa casa ou uma boa roça, visto ali estarem provisoriamente, e terem a facilidade de se mudar quando quisessem, coisa muito do gosto de muitos deles.[...] De uma gente desse feitio não se poderia esperar que vissem com bons olhos, o projeto da vinda de colonos, gente de mentalidade completamente diferente. E se eles se sentiam felizes como viviam, não podiam ser culpados por isso.

Ao município e ao Estado, porém, essa situação não podia interessar, porque eles nada produziam.<sup>84</sup>

De acordo com o fragmento transcrito, o autor concebe o modo de vida dos caboclos como decorrência de sua vontade. Eles, de acordo com Breves, “não querem ser proprietários”, não querem “pagar impostos”, que é “coisa muito do gosto de muitos deles”. Não os culpa por isso, mas enfatiza que ao Estado esta situação não interessa. Aqui emergem

---

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>84</sup> Idem, *ibidem*, p.32.

nitidamente as idéias norteadoras destes textos: o estilo de vida dos caboclos não interessa ao Estado.

Ao Estado interessava outro estilo de vida daquele dos caboclos, com outra ética. O que se perseguia era o progresso, a civilização. Norbert Elias, em seu instigante livro acerca do “Processo Civilizador”,<sup>85</sup> apresenta algumas idéias que podem ser proveitosas para a compreensão do significado da idéia de civilizar o oeste catarinense. Primeiramente, aponta alguns ícones pelos quais se costuma avaliar o grau de civilização:

O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização.<sup>86</sup>

Na análise das descrições do oeste catarinense, especialmente dos hábitos dos colono que ali se estavam instalando, percebe-se o quanto estes ícones se faziam presentes: “ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes”, “ao tipo de habitações”, ao modo como são preparados os alimentos”. Mas a contribuição mais importante de Elias reside no sentido que atribui ao conceito de civilização:

---

<sup>85</sup> ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma história dos Costumes, Vol. 1, 2ª ed, [Trad. Ruy Jungmann, revisão Renato Janine Ribeiro] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>86</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

Mas se examinarmos o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”. Com esta palavra, a sociedade ocidental procura descrever o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível da *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão de mundo, e muito mais.<sup>87</sup>

A concepção de civilização, segundo Elias, envolve um sentimento de superioridade daqueles que a possuem em relação dos que não a possuem. Indica, outrossim, as atitudes que se devem tomar para com os não civilizados: civilizá-los, ou seja, ensinar-lhas as maneiras, a tecnologia, o modo de vida, a concepção de mundo consideradas civilizadas.

No caso do oeste catarinense, os promotores desta civilização eram identificados com os colonos descendentes de imigrantes europeus, considerados os “obreiros da civilização”.<sup>88</sup> Isto pode ser percebido em alguns textos analisados. A imagem apresentada acerca das colônias de descendentes de imigrantes europeus difere radicalmente da dos caboclos.

À margem da estrada, de um lado e de outro, os lotes coloniais verdejavam com as grandes plantações de milho, feijão, alface e fumo. Já se avistavam alguns parreirais novos. No centro deles, as características casas de madeira dos colonos de origem italiana, simples mas amplas, eram entrevistas através das plantações de milho. [...] Cada uma dessas casas era para os viajantes como nós, um pequeno hotel: em qualquer delas podíamos encomendar um almoço ou pedir uma pousada.

---

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>88</sup> COSTA, *op. cit.* p. 31.

Em todas havia grande abundância e em pouco tempo, éramos servidos de galinha frita ou carne de porco, polenta, salada de radicce, pão de milho, leite e café: uma alimentação abundante e sadia.<sup>89</sup>

Breves valorizava o trabalho e a produção doméstica das moradias italianas, especialmente a variedade de alimentos.

Já Ferreira da Costa valoriza outros aspectos das colônias de descendentes de europeus:

Mondahy tem iluminação electrica, clubs, salões de baile, boas casas. São Carlos tem apenas onze meses e já possui lavoura que quasi basta á alimentação de sua população, escola e uma grande Igreja em construção. Itapiranga, com dois annos apennas de existência é nossa sentinella avançada de civilização, a nove kilômetros da fronteira argentina. Tem ruas bem alinhadas, iluminação electrica, escola, bons predios.<sup>90</sup>

Aqui são valorizados os aspectos organizacionais das colônias: Ruas, escolas, eletricidade, clubes, boas casas, enfim, os bens que atestam o nível de civilização.

Othon da Gama D'Eça também valoriza o trabalho das novas colônias pelas quais passou.

Passarinhos, como Palmitos, como São Carlos, são colmeias ativas, onde uma gente próspera e sadia vai construindo o seu favo de ouro. Vale a pena vê-las. Alimentam-nas uma gleba fértil; orientam-nas espíritos de elite, com a consciência lúcida e nítida dos destinos humanos. - Benditas sejas tu, terra de Chapecó, que fazes germinar esses belos apiários!<sup>91</sup> Como toda vila de sangue alemão que se preza, Mondai tem filarmônica, dois clubes recreativos, uma sociedade de canto, dois hotéis e uma fábrica de cerveja para alegrar tudo isso.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> BREVES, op. cit. p.39.

<sup>90</sup> COSTA, op. cit. p. 19.

<sup>91</sup> D'EÇA, op. cit. p. 34.

<sup>92</sup> Idem, ibidem, p. 52.

És bem, Mondai, uma terra de promessa, onde há romãs de sementes de oiro e rios de leite e de mel.

E bem aventurado também sejas tu, oh!, trabalho da charrua, que estrias a gleba e, como na lenda etrusca, fazes surgir os homens fortes e as cidades muradas.<sup>93</sup>

O autor também descreve positivamente as colônias de descendentes europeus, seu trabalho e sua organização. Entretanto, o que mais transparece em suas descrições são um elogio às belezas naturais e a fertilidade da terra. São “ubérrimas como as terras do Nilo, terra núbile”,<sup>94</sup> “um torrão ubérrimo, [...], vale bíblico que se estende do Rio do Peixe ao Pepery-Guaçú”.<sup>95</sup> Também Ferreira da Costa exalta as terras da região, “que são fertilíssimas”. No entanto, para ele é uma riqueza morta devido à falta de trabalho adequado.

Quando observamos aquella riqueza immensa e morta por falta da vivificação da intelligencia e do trabalho do homem, nos lembravamos de tantas pessoas que se apoquetam pela ancia de um mserável emprego publico e comparavamos aquelle scenario as recompensas que elle ecerra ao que se vê em magnificas peliculas cinemathographicas americanas, sobre os thesouros do mesmo oeste daquelle grande pais, formulas admiraveis de propaganda em favor do trabalho dos campos e de contribuir para a granddeza de sua patria, atirando-se com coragem e decisão á exploração das enormes reservas que temos, adormecidos pelo interior do Brasil.<sup>96</sup>

Novamente a identificação com o faroeste norte americano. No entanto, é uma comparação que apresenta a região como algo positivo, como reservas de riquezas e oportunidades de enriquecimento daqueles

<sup>93</sup> Idem, ibidem, p. 56.

<sup>94</sup> Idem, ibidem, p. 37.

<sup>95</sup> D'EÇA, op. cit. p.50.

<sup>96</sup> COSTA, op. cit. p. 48.

que para lá se aventuram. A região poderia, no seu entender, ser palco para uma nova marcha para o oeste, nos moldes da que aconteceu nos Estados Unidos. Por isso, conclama os jovens a assumirem a “responsabilidade” e conquistar a região.

Sobretudo os jovens façam guerra ao urbanismo, abominem e condenem a empregomania e arrojem-se para o hinterland. Podem estar certos de que attingirão melhores resultados e terão da vida mais alta finalidade.<sup>97</sup>

O objetivo era incentivar a colonização das terras da região e que para lá fosse levada a civilização. Para isso, o governo, segundo os textos, estaria se empenhando em oferecer as condições necessárias ao desenvolvimento e ao advento da civilização.

A linha telegráfica e a estrada de rodagem, em activa construção de Mondahy a Dionisio Cerqueira, quebrarão, dentro de dois anos encantamento daquelle deserto, e, com ellas, os ellementos de civilização irão levar o conforto, a riqueza e o progresso áquella região virgem da acção benfeitora da intelligencia e do trabalho do homem. Este, até agora, quasi que somente tem feito a razzia; a morte de seus semelhantes, a rapinagem do gado e a queima das casas nos pequenos logares em que começaram os rudimentos da vida agropecuária daquelle afastado rincão. [...] Com a rodovia, com a linha telegraphica que o Governo patrioticamente está construindo, chegarão os colonos, os imigrantes, os obreiros da civilização, e, com estes, a fortuna da região e o progresso de um trecho fadado pela natureza para ser um verdadeiro edem.<sup>98</sup>

Com estas medidas governamentais, segundo Ferreira da Costa, a civilização estaria chegando.

Na margem catharinense [do Rio Uruguai] a contar de alguns annos, vem se formando nucleos coloniaes muito apreciaveis, como Palmitos,

---

<sup>97</sup> Idem, ibidem, p. 48.

<sup>98</sup> Idem, ibidem, p. 31.

São Carlos, Cascaes, Mondahy, antes Porto Feliz, Itapiranga, inteligentemente explorados pelas empresas Sul do Brasil e Chapecó-Pepery Limitada.

Explica-se a diversidade do progresso, observada em uma e outra margem [do rio Uruguai], porque, do nosso lado, as terras, que são fertilíssimas, estão sendo divididas em lotes e povoadas, enquanto que o governo riograndense conserva as suas completamente devolutas.

Mondahy é surpreendente.

Colônia fundada em matta aberta há sete annos, encontramos alli traços fortes de civilização, pela organização do trabalho, systematização das energias, ordem admiravel.

Terras ricas e gente idonea, que hão de cooperar para que floresça e avulte um importante nucleo de cultura e de riqueza humanas.

A colonização é de alemães e de brasileiros, vindos estes do Rio Grande do Sul, especialmente Carazinho e Nova Wurterberg.

O elemento immigratório germânico não é representado pelo 'rebutalho das grandes cidades da Europa', como muitas vezes acontece.

Longe disso.

Aquelles immigrants são, em grande numero, de alto nivel social allemão, levados para ali pelo vendaval da ultima guerra.<sup>99</sup>

Além de reforçar o acima descrito acerca dos colonos descendentes de europeus como elementos promotores da civilização e do progresso, que não eram o "rebutalho das grandes cidades européias", mas de "alto nível social alemão", procura-se exaltar as iniciativas do governo e atribuir-lhes grande importância no sentido de realizar obras públicas que promovessem as condições necessárias à civilização. Enfatiza ainda que enquanto o vizinho ao sul deixa suas terras incultas, o governo catarinense vem promovendo a civilização e o progresso da região situada na margem catarinense do rio Uruguai.

A visão pessoal do Presidente permitiu uma serie de medidas conducentes a implantação da ordem, ao respeito ás leis, ao fomento econômico, á civilização, enfim, de uma região assolada pelos movimentos revolucionarios e pelo banditismo.

Essas providências inteligentes e acertadas têm e terão salutarissimos efeitos para os interesses da comunidade catarinense e até do Brasil.

Essa "bandeira" deve ser divulgada.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Idem, ibidem, p. 18.

O texto se refere à viagem do presidente Adolpho Konder à região oeste em 1929 e exalta as obras governamentais. Eram, portanto, escritos publicados no final da década de vinte, cujos autores faziam parte da comitiva que acompanhou a viagem do presidente Adolpho Konder pelos rincões mais distantes do Oeste catarinense. Eram idéias que davam legitimidade à atuação do governo que se referiu à colonização da região, especialmente à concessão das terras a empresas privadas ignorando a ocupação da área por parte dos caboclos. Tudo era feito em nome da civilização. Isto não significa que eram idéias deliberadamente veiculadas com o intuito de tornar legítima a colonização. Seus autores escreviam o que pensavam ser a realidade. Por isso, além de fornecer uma base de legitimidade, estas idéias também indicavam as políticas a serem seguidas. Os fragmentos transcritos evidenciam que o colono descendente de europeus era concebido como elemento proporcionador do progresso e que seu estabelecimento na região devia ser incentivado. Entretanto, as medidas tomadas para este fim se reduziram apenas a concessão de terras a empresas colonizadoras em troca da construção de estradas. A cargo delas ficavam as providências a serem tomadas para a educação, saúde, transporte, enfim, toda infra-estrutura.

---

<sup>100</sup> COSTA, op. cit. p. 8.

### 1.3. Atuação das Empresas Colonizadoras.

A colonização do oeste catarinense caracteriza-se pela atuação de diversas empresas colonizadoras que conseguiram a concessão de extensas áreas de terras, dividindo-as em lotes que eram vendidos a quem se interessasse. As empresas, assim como a maior parte dos compradores de terras, provinha inicialmente das antigas colônias do Rio Grande do Sul e viam boas perspectivas de lucro no interesse dos colonos por novas terras, ocasionando assim o surgimento de vários empreendimentos coloniais. A seu cargo ficava a organização e infra-estrutura das colônias. Vítor Peluso Júnior já chamou atenção para este aspecto:

A fundação de povoados no Oeste Catarinense não ocorreu em obediência a determinações oficiais. Deixamos bem clara a omissão das autoridades relativamente à vida regional. As povoações, em geral, foram espontâneas, mas surgiram em decorrência das necessidades de cada núcleo colonial. Cada empreendedor olhou o problema como se sua colônia fosse única, e procurou dela tirar o máximo proveito. Nos núcleos pequenos, havia, apenas, a sede; nos maiores, tantas povoações quantas fossem necessárias. Eram obras de colonizadores que conheciam as exigências dos agricultores, e que assim, em virtude de sua utilização imediata por estes últimos, já nasciam com arruamentos, lotes urbanos demarcados e serviços indispensáveis - casa comercial, igreja, escola, hotel.<sup>101</sup>

Segundo o autor, o governo estava ausente na formação das colônias. Devido a isso, eram as empresas de colonização as responsáveis pela organização da colônia e por sua infra-estrutura, como estradas, escolas, igrejas, segurança, entre outras. A colônia bem organizada era

---

<sup>101</sup> PELUSO JÚNIOR. Op. cit. p. 292.

sinônimo de atração de novos compradores de terras e, conseqüentemente, maiores lucros.

Somando a isto o fato de a maior parte dos colonos ser do Rio Grande do Sul e que as grandes distâncias, sem de estradas, que separavam a região do litoral catarinense, ausência de estradas), o oeste catarinense esteve muito mais “próximo” do Rio Grande do Sul. As empresas de colonização se preocupavam antes em construir estradas que ligassem as colônias com as cidades do outro lado do rio Uruguai. Era ali, em Santa Bárbara, Neu Wurtemberg (Panambi), Carazinho, Ijuí e as vezes até Porto Alegre, que os colonos comercializavam seus poucos produtos como o mel, banha de porco, feijão, tabaco.

O Estado catarinense se preocupou apenas em fazer a concessão das terras. Segundo Jaci Poli, “a concessão de áreas de terra foi feita aos que dominavam política e economicamente a região, e que tinham prestígio suficiente para influenciar essas concessões”.<sup>102</sup> Por isso, nem todas as empresas conseguiam concessões de terras. Alceu Werlang, em seu estudo acerca da atuação da Companhia Sul Brasil, mostrou “como as concessões eram feitas pelo Estado por um preço bem abaixo do valor real, as mesmas eram amplamente disputadas entre as empresas colonizadoras. Acabava vencendo quem tivesse maior poder político”.<sup>103</sup> As influências políticas, no caso citado, baseavam-se no prestígio do Deputado Estadual Henrique

---

<sup>102</sup> POLI, Jaci. Op. cit, p. 20.

<sup>103</sup> WERLANG, op. cit. p. 04.

Rupp Júnior e Abelardo Luz, filho do então Governador Hercílio Luz. Ambos eram acionistas da Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense, que conseguiu várias concessões do Governo Estadual.<sup>104</sup>

Outras empresas, não contando com as influências políticas, tiveram de se contentar em adquirir terras por um preço sensivelmente superior das empresas que recebiam as concessões. É o caso, por exemplo, da Empresa Chapecó-Pepery Ltda, que comprou as terras localizadas entre os rios Pepery-Guaçú e Antas, onde pretendia erguer uma colônia de alemães protestantes. Não tendo condições de pagá-las, teve de vender grande parte das terras para a *Volksverein* a Sociedade União Popular para Alemães Católicos do Rio Grande do Sul. A *Volksverein* colonizou as terras entre os rios Macuco e Pepery-Guaçú, onde planejou implantar Porto Novo: uma colônia formada exclusivamente de colonos de fala alemã e de religião católica. Já a Chapecó-Pepery Ltda, dirigida pelo Pastor Hermann Faulhaber, ficou com as terras localizadas entre os rios Macuco e Antas, onde implantou sua colônia. (localizam-se atualmente nestas terras os municípios de Mondai e Iporã do Oeste).

As terras normalmente eram concedidas às Companhias Colonizadoras em troca da construção de estradas: que, em alguns casos, beneficiavam a própria companhia. Receberam terras em troca da construção de estradas a Companhia Colonizadora Oeste Catarinense, a Bertaso e Maia, a Companhia Brazil Development que, além de estradas de rodagem recebeu terras em troca da construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Outras companhias como a Chapecó-Pepery, *Volksverein* e a Barth-Benetti e Cia, adquiriram as terras da Brasil

---

<sup>104</sup> Idem, ibidem.

Development. As mesmas pagaram bem mais caro pelas terras, encontrando dificuldades, pois não podiam praticar os mesmos preços das demais Companhias por terem um custo bem maior. Enquanto a Oeste Catarinense e a Bertaso e Maia adquiriam do Estado o lote de 25 hectares por 125\$000, a Chapecó-Pepery pagava pelo mesmo lote até 395\$881. Soma-se o fato que suas terras não tinham acesso por estrada com o Rio Grande do Sul de onde vinha o fluxo migratório, nem tinham o mesmo o mesmo lucro das demais companhias colonizadoras que pagavam suas terras ao Estado com a construção das estradas de rodagem.<sup>105</sup>

O preço do lote colonial aumentava na medida em que a terra passava pelas diversas colonizadoras. Apesar disso, parece que ainda continuava a ser mais acessível adquirir um lote no oeste catarinense do que no Rio Grande do Sul. Provavelmente foi este um dos principais atrativos que influenciou o fluxo migratório à margem catarinense do rio Uruguai.

Além do preço acessível das terras, outro atrativo da região era a existência de grande potencial de madeira e a possibilidade de transportá-la pelo rio Uruguai até a Argentina, onde podia ser comercializada. As árvores eram abatidas, serradas em toras e transportadas até o rio, onde se formavam as balsas. Estas nada mais eram do que um conjunto de toras amarradas com cordas ou cipós que eram levadas pelas águas do rio até São Tomé, na Argentina. Entretanto, não era a qualquer momento que as balsas podiam partir. Como o rio tem corredeiras muito acidentadas, era necessário aguardar a época de chuvas para que o rio atingisse 4 metros acima do nível normal de água, o que denominavam de ponto de balsa. Somente então as balsas podiam zarpar. Eram conduzidas pelos balseiros,

---

<sup>105</sup> Idem, *ibidem*, p. 27.

indivíduos que iam com as balsas e retornavam por terra, trazendo o dinheiro proveniente da venda da madeira.<sup>106</sup> Esta atividade, nos primeiros anos, se constituiu na mais importante fonte de renda das colônias. A existência desta possibilidade de renda foi, portanto, outro importante atrativo para a vinda de novos colonos. O baixo preço da terra e a abundância de madeiras, no entanto, não seriam suficientes para atrair novos colonos se não fossem apresentadas por uma boa e eficiente propaganda. Sendo assim, os aspectos mais explorados pelas propagandas era, além do preço da terra e da abundância da madeira, a fertilidade do solo e as condições favoráveis para o cultivo da terra. Havia até ditos populares, como o seguinte acerca das terras de Porto Novo: “as terras são tão férteis que se durante a noite uma bengala for deixada ao contato com o solo, pela manhã já terá ganho brotos”.<sup>107</sup> Dizia-se também que na terra tudo o que for plantado cresce e dá frutos, “mas também aqui não voam livremente pelo ar pombas já cozidas”.<sup>108</sup> Referente à propaganda da Companhia Sul Brasil, escreve Alceu Werlang:

---

<sup>106</sup> Para maiores detalhes a respeito das balsas, veja-se o estudo de BELLANI, Eli Maria. Madeira, Balsas e Balseiros no Rio Uruguai. O processo de Colonização do Velho Município de Chapecó (1917/1950). Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1991.

<sup>107</sup> MIDDENDORF, Karl, op. cit. p. 4.

<sup>108</sup> Idem, ibidem, p. 5.



Mächtige Edelholzflore treiben flussabwärts Argentinien zu.

1. *Excelente Madeira Nobre sai via rio Uruguai em direção da Argentina.*  
(MIDDELDORF, 1932)

A [propaganda] mais eficiente, no entanto, foi a do convencimento pessoal, feita pelos agentes vendedores de terra, denominados de propagandistas. Esses deveriam ser colonos, portadores de credibilidade, conhecedores de terras e disporem de círculo relativamente grande de amizades para quem oferecer o produto. Eram motivados pelos 10% sobre o valor da venda que a Companhia lhes repassava. Normalmente, passavam de casa em casa e o argumento que convencia, segundo Pedro Sebastiani, era a existência de terra barata, boa, onde dava milho, mandioca, feijão e batata. Desabafando, o mesmo diz que dava de tudo, so que não tinha preço. Sobre isto, os agentes não falavam, nem da falta de estradas para comercializar os produtos.<sup>109</sup>

Da eficiência da propaganda dependia a venda dos lotes e desta o lucro das empresas. Por isso, aspectos negativos das colônias dificilmente

<sup>109</sup> WERLANG, Alceu. Op. cit. p. 59.

eram apresentados, como por exemplo a ausência de estradas e a dificuldade de comercializar os produtos cultivados.

Neste sentido, a tese de doutorado de Eunice Sueli Nodari faz uma importante contribuição. Fazendo um detalhado estudo acerca da etnicidade e sua negociação na região, a autora, sem negar a importância dos problemas agrários das antigas colônias para a saída dos colonos, aponta a atuação das empresas colonizadoras como o principal fator que fez com que o fluxo migratório se direcionasse ao oeste de Santa Catarina.

Após termos discutido as diferentes formas de propaganda e a ação das colonizadoras com seus vários métodos, a argumentação mais consensual de que as migrações de grupos, oriundos do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, ocorreram por causa da escassez de terras, torna-se uma explicação muito simplista, deixando muitas questões em aberto. Não estamos questionando se havia terras excedentes ou não no Rio Grande do Sul. O que argumentamos é que a opção dos migrantes poderia ter sido por outra área, Estado ou ainda por outro trabalho no Estado de origem, e que pesou sobremaneira na sua escolha, a propaganda feita pelas companhias colonizadoras, nas suas mais variadas formas, sobre as vantagens do Oeste de Santa Catarina.<sup>110</sup>

Baseando-se em farta documentação e, principalmente, em entrevistas de pessoas que participaram deste movimento migratório, ela pôde concluir que muitas das promessas feitas pelas colonizadoras região não eram cumpridas e que as imagens e idéias por elas veiculadas não condiziam com a realidade. Existência de estradas, escolas, igrejas, parteiras, assistência religiosa, eletricidade, comércio, terra livre dos

---

<sup>110</sup> NODARI, Eunice Sueli. A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1999, p. 68.

“intrusos” eram, entre outras, algumas das promessas que em muitos casos não se cumpriam.

A migração, apesar disso, não parava, pois as imagens mobilizadas nas propagandas das colonizadoras eram mais fortes do que as promessas não cumpridas e acabaram por formar no colono o sentimento de *Wanderlustigkeit*, como a denominou o Pe. Rick, SJ, ou seja, uma vontade ou um ânimo de migrar, de “ir à floresta virgem” (*in den Urwald gehen*), assim como outrora seus antepassados haviam feito. Tendo uma influência não menos importante do que os problemas com a terra, este sentimento foi se forjando em parte por esta lembrança do passado e pela vontade de ser proprietário de um pedaço de terra, o que também seus antepassados de além mar já pretendiam quando emigraram para as novas terras da América, mas também influenciaram as conversas com os vizinhos na venda e a de domingos depois do culto religioso, baseadas muitas vezes em correspondências e notícias das novas colônias, assim como no que haviam lido e visto nos periódicos da época. Desta forma, as novas colônias acabaram por ser colocadas na ordem do dia, ou como os alemães diziam, *Tagesgespräch im alten Koloniegebiet*<sup>111</sup> (conversas diárias na região das antigas colônias), de modo que este *Wanderlustigkeit* foi se forjando. A situação material problemática por um lado e, por outro, a promessa de tempos melhores em novas terras contribuiu para formar no descendente de imigrantes uma forte disposição para migrar.

Significativo, neste sentido, é o pronunciamento de Maria Rohde no Congresso Católico realizado em Porto Novo em 1934.

É certo que esta bela e rica terra oferece uma nova pátria, mas como foi difícil estabelecê-la! Sem ajuda externa, dependendo unicamente deles mesmos, o labor alemão desbravou esta terra. Sem ajuda externa, somente confiando em si mesma, a fidelidade alemã manteve a religião e sua maneira de ser alemã!

Cada um de nós sabe, e aqui na nossa Porto Novo todos podem experimentar novamente, o quanto é difícil o começo de uma nova pátria na floresta virgem.

Mas mesmo assim, nosso começo não se pode comparar com o de nossos antepassados, a mais e cem anos atrás. Mas hoje, assim como outrora, cada homem e cada mulher está imbuído do pensamento de se manter fiel à maneira de ser alemã e à religião católica.<sup>112</sup>

A oradora enaltecia uma determinada “maneira de ser alemã” que incluía características como disposição para o trabalho e espírito pioneiro, que, apesar de “muitos anos de desligamento com a terra natal”, pensava-se estar “inabalavelmente firme no sangue alemão, e ainda permanecem assim até hoje”. Assim, estar obedecendo a um voto de “fidelidade ao modo de ser alemão” foi um pensamento que contribuiu para formar no colono um forte ânimo para ir procurar novas terras e, assim, contribuiu para o movimento migratório.

---

<sup>111</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* op. cit. p. 35.

<sup>112</sup> ROHDE, Maria. *Treugelöbnis zu der Vorväter Art.* In. METZLER, op. cit. p. 141.

#### 1. 4. Por que migrar?

Nossos predecessores tiveram um desenvolvimento tão espantoso nesta terras porque tiveram diante de si possibilidades ilimitadas de trabalho. Hoje em dia, este não é mais o caso das antigas colônias. Se quisermos manter elevado o desenvolvimento de nossa identidade de colonos de descendência alemã, então temos atualmente somente uma alternativa: migrar para novas terras. Com isso, ambas as partes serão ajudadas: as antigas colônias, porque as pessoas que ficam terão espaço suficiente, e a nova terra, porque somente assim se podem formar fortes rebentos do modo de ser de nossa gente.<sup>113</sup>

Quase um século depois do desembarque dos primeiros imigrantes alemães nas margens do rio dos Sinos em 1824, que pensavam ter diante de si “possibilidades ilimitadas de trabalho”, seus filhos ou netos, assim como os das levas de imigrantes que lhes sucederam no decorrer do século XIX, saíam no limiar do século XX novamente em busca de terras para cultivar. Deixavam a casa paterna, vizinhos, comunidade e se embrenhavam nas florestas da margem catarinense do rio Uruguai, onde participavam da fundação das “novas colônias”, em moldes não muito diferentes das antigas. Tal movimento migratório se deve em muito a problemas econômicos, sociais e culturais dos núcleos coloniais mais antigos.

Alguns dos principais problemas podem ser percebidos no texto intitulado *Warum auswandere? Zeitgemäße Betrachtungen über das alte*

---

<sup>113</sup> Warum auswandern? Zeitgemäße Betrachtungen über das alte koloniegebiet. Beobachtungen eines in Rio Grande do Sul geborenen Priesters. *Der Familienfreund*. Jahrbuch der Familie. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1929, p. 173.

*koloniegebiet Beobachtungen eines in Rio Grande do Sul geborenen Priesters* (Por que migrar? Observações contemporâneas acerca da região das antigas colônias. Observações de um Padre nascido no Rio Grande do Sul), publicado no *Der Familienfreund*, (Almanaque Amigo da Família) editado pela Sociedade União Popular, a *Volksverein*. O texto procura analisar os principais problemas enfrentados nas antigas colônias e, ao mesmo tempo, aponta para a solução: migrar para as terras do oeste catarinense. O primeiro e principal problema apontado se refere à situação da terra nas antigas colônias, da qual “nem mesmo os preás conseguiam tirar seu sustento”<sup>114</sup>: a terra estava “cada vez mais escassa, mais cara e de pior qualidade”.

É preciso somente dar uma olhada em torno de si para se convencer disso. Lotes coloniais em que uma família se instalou a quarenta ou mais anos, hoje são ocupados por duas, três, cinco ou mais famílias de seus descendentes ou mesmo estranhas. O filho compra um pedaço do pai, o genro compra do sogro e também acontece que ambos já venderam a outros as partes recebidas. Noutros casos, a terra paterna, que já passou por diversas mãos, é vendida pedaço após pedaço para estranhos sob as mais desagradáveis brigas, até que a última faixa de terras é transformada em dinheiro.<sup>115</sup>

A escassez da terra seria, na opinião do sacerdote, resultado da partilha da propriedade entre os herdeiros, o que fazia com que a parte que cabia a cada um deles fosse muito pequena. Uma consequência direta disso se apresentava no aumento do preço da terra.

---

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*, p. 172.

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*, p.172.

Mas, sob a ótica do autor do texto, este não era o problema maior, poder-se-ia tolerá-lo

se tivéssemos uma agricultura correta em nossas colônias ao invés do cultivo predatório que acontece na maior parte. A mata é devastada até nos íngremes penhascos e nos morros completamente inutilizáveis. As chuvas torrenciais lavam o solo cultivável até na camada mais improdutivo. Ninguém aduba, ninguém faz algo contra a erosão do solo. Poder-se-ia verter lágrimas quando se vê o capim-vassoura nas antigas colônias.<sup>116</sup>

O problema central apontado pelo sacerdote é a pouca fertilidade do solo, ou seja, o esgotamento do solo das antigas colônias, fruto de uma agricultura predatória que resulta da recusa por parte dos colonos em aceitar métodos mais racionais de prevenção. Este é, na sua opinião, o cerne do problema.

precisamos aprender primeiramente a aproveitar ordenadamente um pequeno pedaço de terra; aprender como se deve evitar a destruição do mato em terras que não podem ser utilizadas para a lavoura, aprender como se pode evitar com muros de pedras a erosão em terras íngremes; em outras palavras, aprender como se faz uma agricultura ao invés de um cultivo predador.<sup>117</sup>

Após criticar os métodos de trabalho dos colonos, sua despreocupação com o futuro manifestada na não adoção de práticas preventivas do solo, ele chega ao que na sua opinião poderia ser uma forma de mudar esta situação, de fazer com que o colono abandone as formas ditas arcaicas de lidar com solo e passe a praticar uma agricultura instruída, considerada a correta.

o melhor aproveitamento possível do solo, como proteção do mato das encostas, adubamento, proteção contra a lavagem do solo, de

---

<sup>116</sup> Warum auswandern? .... op. cit, p.172

<sup>117</sup> Idem, ibidem, p.172.

modo nenhum é de se esperar a curto prazo. Pode-se ralhar o quanto quiser sobre a insensatez dos colonos, sobre a despreocupação do governo, sobre os enganos e erros totais nas instalações de proteção da agricultura, tudo isto dá em nada. Estamos aqui diante de uma realidade que é triste o suficiente, mas não se consegue melhorar com instrutivas investigações, mas sim com ações. Um mal, que agora já existe a mais de um século, não desaparece de um dia para outro. Precisamos considerar a humanidade como ela é. Precisamos oferecer um remédio, mesmo que não seja melhor para tudo.<sup>118</sup>

O remédio proposto, “mesmo que não seja o melhor para tudo”, era a migração para as jovens colônias do oeste catarinense, onde se pensava haver terras suficientes e férteis. Este remédio, no entanto, trazia em si uma grande dúvida para o autor:

com que direito os colonos migram para a nova terra, onde continuam a praticar o cultivo predatório até que também ali o mato estiver devastado, até que a região estiver empobrecida e povoada pelo “capim-vassoura”?<sup>119</sup>

Em seguida, o próprio autor oferece uma resposta:

Uma segunda verdade é que as novas colônias seguem mais ou menos o caminho das antigas: devastação do mato, divisão, plantação, empobrecimento de uma parte da população. Com lágrimas nos olhos observei o mar de floresta que cobre a região de Porto Novo e nisso pensei que também ali, após cinquenta ou cem anos, o capim-vassoura e o capim-bainha dominará da mesma forma que ocorreu na região do Cahy. Mas desta ponderação não se segue que não devemos incentivar a migração para Porto Novo, mas sim, que algo deve ser feito urgentemente para evitar o desenvolvimento deste erro. O maior problema do modo de agir de nossos agricultores (*Bauerntums*) é a mudança do cultivo predador para a verdadeira agricultura.

Só há uma solução para o observador da situação das antigas colônias: migrar para a nova terra.<sup>120</sup>

A solução seria, portanto, migrar para a nova terra. No entanto, o problema central, na ótica do autor, não estará resolvido, mas ao menos as dificuldades enfrentadas nas antigas colônias serão amenizadas.

---

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*, , p.173

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*, , p. 173.

<sup>120</sup> Warum auswandern? .... op. cit, p.173.

Além dos inconvenientes do uso inadequado de técnicas agrícolas, havia ainda outros que contribuíam para a migração. Trata-se dos casamentos entre parentes.

A maioria dos curas de almas podem contar uma boa história acerca disso. Em toda parte faltam literalmente alternativas aos jovens. Eles vêem somente parentes ao seu redor e, como acontece com a humanidade, não pensam no futuro de seus filhos e acabam unindo-se com seus parentes. Somente mais tarde percebem que se casaram com um parente próximo e para resolver a situação procuram a dispensa, movendo céus e terras se encontram oposição. Uma vez conseguida a dispensa, pensam que está tudo na melhor ordem. Certo dia, até ouvi de um homem a opinião de que o casamento entre parentes somente é prejudicial se acontecer sem a dispensa e com ela está tudo na mais bela ordem. Não, não está tudo em ordem. As leis da igreja (e as Estatais) contra o casamento entre parentes não são puros resultados da vontade. Não, elas se baseiam na natureza humana. Os filhos de tal casamento geralmente são medíocres corporal e espiritualmente.<sup>121</sup>

O casamento e, com ele, a saúde da descendência eram alvo de muitas críticas e advertências por parte dos autores que escreviam nos meios de comunicação da *Volkverein*. Elas iam desde a escolha da parceira ou parceiro até à maneira pela qual aconteciam as relações íntimas dos casais e a educação dos filhos. Muitos parentes vivendo num mesmo local ensejavam também “as pequenas e venenosas fofocas”, outra razão para se procurar novas terras.

Aqui está o ponto específico ao qual se chega. As piores fofocas acontecem sempre entre parentes. Nos locais em que vivem muitos parentes reunidos, há alguns bem de vida e outros empobrecidos; alguns saudáveis e outros não (devido aos casamentos entre eles); há parentes que tem mais ou menos os mesmos problemas de família: beberrões, jogadores, preguiçosos, hipocondríacos de alguma forma; nestes locais a vida na colônia realmente é desconfortável.

Exatamente para estas linhas e vales das antigas colônias, que também na maioria são de gente pobre, só há uma salvação: sair desta vizinhança abastecida desgraçadamente pela fofoca! Não que eu queira dizer que os migrantes destas linhas sejam os melhores compradores de

---

<sup>121</sup> Idem, *ibidem*, p. 173.

terras, mas sim, que é exatamente para estas pessoas que uma nova vizinhança e nova possibilidade é o ar com o qual poderiam despertar para uma nova vida.<sup>122</sup>

As preocupações com a escolha do cônjuge freqüentemente se faziam presentes nos textos veiculados nos meios de comunicação da *Volksverein*, e vinham geralmente associadas com uma advertência para o perigo dos casamentos mistos étnica e religiosamente.

Assim, o padre, nascido no Rio Grande do Sul, finaliza o artigo com o seguinte parecer:

Aqui chegamos ao fim deste artigo. Meu parecer é resumidamente este:

Da maneira como é conduzida a agricultura nas antigas colônias, ela não pode mais continuar a manter sua população num nível elevado. O bem estar está regredindo porque a terra não é mais suficiente, a saúde regride porque, se não é pelo empobrecimento, é prejudicada pelos casamentos entre parentes; o espírito comunitário regride porque o empobrecimento e a degeneração fazem os homens mesquinhos e muitas vezes também vulgares.

Deus quer que os homens tenham o pão diário para si e seus filhos e assim lhe possam servir com alegria.

Nos preocupar com a migração do excesso populacional é servir à nossa identidade popular descendente alemã, é servir à pátria brasileira e é servir à Deus. E se a *Volksverein* oferece aos colonos católicos a garantia que em suas terras estão assegurados o solo bom, a língua materna alemã e a religião católica, ela está servido duplamente na maior qualidade da humanidade.<sup>123</sup>

Como se vê, o autor faz uma análise da situação da região das antigas colônias, apontando seus principais problemas e tentando diagnosticá-los. Migrar para as novas terras é a solução sugerida e entre elas a colônia Porto Novo. Assim, o texto mobilizou, por um lado, a imagem de uma terra esgotada, com solos ruins e vizinhanças muito

---

<sup>122</sup> Idem, *ibidem*, p.175

<sup>123</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.

“fofoqueiras”: as antigas colônias. Em contrapartida, outra imagem, esta bem mais sedutora, era a que identificava o oeste catarinense como um lugar onde se pode progredir, com solo bom e vizinhança ainda em formação. É para esta região que ele aponta como a alternativa para a situação das antigas colônias.

O problema central, em sua opinião, reside no estilo de trabalho dos colonos: “um mal, que agora já existe a mais de um século, não desaparece de um dia para outro”. Assim, nota-se que aos poucos vai surgindo nas entrelinhas uma outra imagem acerca dos colonos descendentes de alemães estabelecidos nas terras gaúchas. Com uma postura crítica em relação ao estilo de vida do colono, o autor apontou os principais problemas: os métodos arcaicos e devastadores de agricultura, a teimosia em aceitar novas formas de cultivar, com adubação e preservação do solo, o comportamento social, as intrigas, invejas e fofocas, o casamento entre parentes.

CAPÍTULO II

VOLKSVEREIN OU SOCIEDADE UNIÃO POPULAR PARA CATÓLICOS  
DE LÍNGUA ALEMÃ

Entre as Empresas de colonização que atuaram no oeste catarinense está a *Volksverein Für die Deutschen Katholiken*, a Sociedade União Popular para Alemães católicos. Mas a *Volksverein*, como era chamada entre os colonos alemães, não era propriamente uma empresa de colonização. Embora tenha organizado uma colônia no extremo oeste catarinense, defini-la como uma empresa colonizadora seria uma maneira demasiada superficial de tratar uma associação de tamanha envergadura. Era, isto sim, uma associação de alemães católicos e suas atividades não se restringiam somente a venda de terras. Por isso, a compreensão de sua estrutura e objetivos requer uma análise das idéias que a nortearam, pois sua constituição, longe de ser um pensamento isolado de um grupo de religiosos, se insere num movimento mais amplo de mudança da concepção do papel da religião na sociedade. Neste caso, é fundamental que se faça uma análise também da trajetória dos jesuítas alemães, seus idealizadores, os quais tiveram de sair da Alemanha devido ao *Kulturkampf* e se instalaram em São Leopoldo, RS, de onde sua atuação se irradiou pela região de colonização alemã do Estado Gaúcho e oeste do

catarinense. Habitados a viver em meio a um ambiente de intensa concorrência pelo “monopólio da gestão legítima dos bens de salvação” como a Alemanha, os jesuítas passaram a reproduzir junto a população descendente alemã do Rio Grande do Sul algumas das atividades que conheceram na Europa. Eram atividades que procuravam contemplar todas as esferas de sua vida: na política os jesuítas criaram o Partido Católico, (*Zentrumspartei* o Partido do Centro); na esfera econômica organizaram o sistema de crédito das Caixas Rurais União Popular, ou como os colonos chamavam, a *Sparkass*, inspirado no sistema de crédito desenvolvido pelo alemão Friedrich Wilhelm Raiffeisen (1818–1888); na educação a Associação de Professores (*Lehrerverein*); formaram a associação de agricultores (*Bauernverein*) que a partir de 1912 passou a ser Sociedade União Popular para alemães, a *Volkverein*; criaram as Associações Paroquiais (*Pfarervereine*); formaram um núcleo colonial, (colônia Porto Novo) no oeste catarinense. Além destas iniciativas, tem-se ainda a fundação de escolas e seminários, hospitais e asilos, assim como também cooperativas de produção agrícola. Auxiliar os colonos em suas lidas diárias e ao mesmo tempo preservar sua religiosidade católica parece, à primeira vista, ter sido o objetivo perseguido pelos Inacianos. Segundo Arthur Rabuske, SJ, as atividades dos jesuítas alemães conferiram uma “nova fisionomia para a igreja no Rio Grande do Sul”<sup>124</sup> e a compreensão

---

<sup>124</sup> RABUSKE, SJ, Arthur. Nova fisionomia da Igreja no Rio Grande do Sul a partir de 1850. In. Pesquisas História. Nº 25. Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.

do sentido da *Volksverein*, bem como a formação da colônia Porto Novo, requer a análise da atuação dos jesuítas alemães. É este o propósito deste capítulo.

## 2. 1. Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul.

A presença da Companhia de Jesus no sul do Brasil é bem conhecida principalmente devido a sua atuação junto a população indígena na região missioneira, os denominados “Sete Povos das Missões”. Bem menos conhecida, entretanto, é sua atuação posterior, a de representantes da Companhia Restaurada, isto é, depois de sua expulsão do reino português e seus domínios ultramarinos por meio das leis do Marquês de Pombal em 1759, as quais contribuíram também para a supressão geral da Ordem em 1773, restaurada posteriormente em 1814. Eram jesuítas alemães os principais protagonistas da Companhia Restaurada que se fizeram presentes no sul do Brasil a partir de 1849, sendo que o número inicial de três religiosos, dois clérigos e um leigo que vieram naquele ano, aumentou significativamente durante o período do *Kulturkampf* (1870). Este acontecimento, que significou uma grande perda para a Igreja na Europa, paradoxalmente, veio a contribuir e incrementar a vida religiosa católica no sul do Brasil. Isto ocasionou uma intensificação das atividades Jesuíticas no final daquele século e princípios do seguinte

Neste sentido, o Pe. Arthur Rabuske, SJ, analisando a bibliografia produzida por seus colegas jesuítas Alemães e procurando avaliar sua contribuição cultural para o Brasil, cita a volta dos jesuítas ao Brasil meridional:

Se foi, há dois séculos precisos, um Papa – Clemente XIV – que, com o Breve “Dominus ac Redemptor”, suprimiu de modo geral a Ordem em foco, a um rei protestante – Frederico II da Prússia – coube o papel invulgar de, em vivo contraste com as potências absolutistas de países ditos tradicionalmente católicos, promover a continuidade dos trabalhos de jesuítas na Silésia, impedindo em seu território a promulgação do decreto pontifício...

Quanto a nós, válido se apresenta recordar aqui que, após a restauração da Ordem de Loyola em 1814, o retorno de jesuítas para o Brasil se deu apenas em 1842. De início foram representantes espanhóis, procedentes do La Plata, que vieram fixar-se em Porto Alegre. Ao depois, ou seja, a partir de 1849 em diante, se lhes juntaram missionários de língua alemã ou de nacionalidade germânica, os quais, por causa da Colônia Alemã, aportaram no chão do Rio Grande do Sul ou na terra de São Pedro. Pouco numerosos no começo da Segunda metade do século passado, sua presença, entre nós, fez-se mais e mais acentuada a partir dos tempos do kulturkampf alemão.<sup>125</sup>

Conforme Rabuske, SJ, os primeiros jesuítas da ordem restaurada que se instalaram no Brasil foram espanhóis. Sua vinda e atividades é descrita mais detalhadamente por Ferdinand Azevedo, SJ,<sup>126</sup> Carlos Teschauer, SJ,<sup>127</sup> Rafael Pérez, SJ,<sup>128</sup> e Jorge Alfredo Lutterbeck, SJ.<sup>129</sup>

---

<sup>125</sup> RABUSKE, SJ, Arthur. Uma Presença Maciça da Alemanha no Extremo Sul Brasileiro. In. Pesquisas História, Nº 25. Revista do Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.

<sup>126</sup> AZEVEDO, SJ, Ferdinand. Jesuítas Espanhóis no Sul do Brasil (1842-18670). In. Pesquisas: História Nº 24. Revista do Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1984.

<sup>127</sup> TESCHAUER, SJ, Carlos. Die jesuiten-Mission im Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typ. do Centro, 1904.

<sup>128</sup> PEREZ, SJ Rafael. La Compañía de Jesús restaurada en las Repúblicas Argentina y Chile, el Uruguay y el Brasil .... Barcelona, s. ed. 1901.

Segundo este último, após uma tentativa frustrada de se estabelecer na Argentina do então ditador General Juan Manuel Rosas, *El Supremo*, sendo de lá expulsos em 12 de março de 1841, os Inacianos espanhóis passaram brevemente por Montevideu e foram parar no Rio de Janeiro, de onde partiram numa conturbada viagem para o sul. Lutterbeck, escrevendo a história de sua Ordem no sul do Brasil, assim interpretou suas expectativas:

A eles, aos jesuítas espanhóis expulsos, abria-se-lhes um novo campo de atividade apostólica em fins de 1842. Era a vasta região do Rio Grande do Sul ou o território famoso que havia sido um dia teatro da vida edificante, bem como do Martírio do Padre Roque Gonzáles e da história original e trágica das Sete Missões. Claro que os Padres se alegravam por entrar nessa terra e retomar o trabalho interrompido entre índios! Óbvio que sonhassem com novas reduções e populosas aldeias, em que milhares de indígenas apreenderiam a vida cristã, um trabalho útil, e uma moral e cultura elevadas. Mas aquilo por ora não passava de um sonho.

O Pe. Berdugo mandou os Padres João Coris e José Sató, e o Irmão Gabriel Fiol para o sul do Brasil, a fim de eles fundarem em Porto Alegre, após um exílio brasileiro de oitenta e três anos, a primeira casa de jesuítas no Rio Grande do Sul e no Brasil.<sup>130</sup>

Com estas expectativas e o sonho com “novas reduções e populosas aldeias”,<sup>131</sup> os jesuítas espanhóis iniciaram, não sem dificuldades, sua atividade apostólica na região, que consistia principalmente em Missões Populares realizadas pelo interior gaúcho. Conforme escreve Ferdinand Azevedo, SJ, as Missões populares duravam em torno de sete dias em cada localidade e visavam revitalizar o sentimento religioso com inúmeros

---

<sup>129</sup> LUTTERBECK, SJ, Pe. Jorge Alfredo. Jesuítas no Sul do Brasil. Capítulos de história da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus. Publicações Avulsas, nº 3, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1977.

<sup>130</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*.

exercícios espirituais. Tal prática foi muito valorizada pelo Pe. João Roothaan, SJ, que fora eleito geral da Companhia de Jesus em 1829.

É que o novo Superior de toda Ordem intuiu como razão de ser dos jesuítas os Exercícios Espirituais de Santo Inácio e, retomando uma praxe inaciana, escreveu uma carta a todos os seus súditos em 1834, manifestando-lhes o seu modo de sentir.

Mais interessante ainda para nós era a carta que o mesmo Geral já endereçara à Companhia em 1833, pois nela insistia ele sobre a importância das Missões. Teve esse documento oficial um caráter tão persuasivo, que muitos jesuítas na Europa deslocados ou expulsos de seus países por causa de mudanças políticas, não raros deles decidiram-se também a trabalhar nas Missões, a fim de atenderem a grupos de imigrantes no Continente Americano. [...] Assim, a herança Inaciana relativa às Missões haveria de entrar, pouco a pouco, numa outra fase expressiva. E isso não obstante estar-se num século intelectualmente tão hostil ao catolicismo.<sup>132</sup>

Nestas andanças pelas plagas gaúchas, animados pela “herança Inaciana”, entraram em contato com a população imigrante alemã das antigas colônias, nas quais as dificuldades lingüísticas se mostravam quase insuperáveis pois os colonos não sabiam a língua portuguesa e os jesuítas desconheciam a língua dos imigrantes alemães. Estas dificuldades, aliadas ao abandono religioso em que a população imigrante se encontrava, ensejaram insistentes pedidos pelo envio de sacerdotes conhecedores da língua dos colonos. É o que escreve Jorge Alfredo Lutterbeck:

aumentou a necessidade de novos sacerdotes quando, após a revolução de 1835-45 ou dos Farrapos, chegaram novas levas de centenas de imigrantes da Renânia, do Palatinado e de Hessen. Sabendo-o, o Padre Córís tornou a insistir, sendo que mesmo Presidentes da província uniram os seus pedidos aos dele, para que fossem enviados da Europa padres de língua alemã para o Rio Grande do Sul, a fim de fundarem uma casa na colônia Leopoldense.

---

<sup>132</sup> AZEVEDO, SJ, Ferdinand. Op. cit. p. 14 e 17.

O Padre Geral da Ordem pediu à Província da Galícia, na Áustria de então, (hoje Polônia), que enviasse alguns padres. A circunstância histórica da época revelou-se de certa forma favorável, pois os jesuítas da Galícia passavam na hora por um período de perseguição e exílio. Assim, observemos mais uma vez esse fato tão comum na história eclesiástica, de que da perseguição em um lugar surgem não raro graças abundantes para outras partes do globo. Entre os muitos jesuítas austríacos ou poloneses que se apresentaram devido à convocação de trabalharem no Brasil, a escolha incidiu em apenas três nomes, a saber: no Padre Agostinho Lipinski, polonês, no Pe. João Sedlac, tcheco, e no Irmão Antônio Sonntag, silesiano. Todos eles, apesar da diferença de sua origem, falavam o alemão bastante bem. Após diversas aventuras e perigos na travessia por mar, chegaram eles em maio de 1849 ao Rio de Janeiro, de onde continuaram em seguida a sua viagem para o sul, ou seja, a 1º de agosto daquele mesmo ano.<sup>133</sup>

Os colonos que haviam migrado, fizeram-no com a idéia de que se migrassem para terras católicas, não encontrariam dificuldades relacionadas com o atendimento religioso. Mas depois de se terem instalado na novas terras, a nova vida se mostrou bem diferente das expectativas. Por isso, os primeiros jesuítas de língua alemã foram enviados ao Brasil com a finalidade de evitar que os imigrantes perdessem sua religiosidade católica que, a julgar pela correspondência do Pe. Lipinski a seus superiores um ano e meio após sua vinda ao Brasil em 4 de março de 1851, já estava em fase bastante adiantada:

Não me é possível indicar o número exato de católicos, mas ultrapassam eles, enquanto saiba, as quatro mil almas. Excetuados os recém chegados, nenhum deles, por falta de sacerdotes, se confessa a vinte anos.

A falta de sacerdotes e o abuso prejudicial dos casamentos mistos, principalmente na geração mais nova que passa os feriados bebendo e caçando, causou necessariamente uma grande indiferença em assuntos religiosos.

A colônia de São José do Hortênsio, onde a população católica não vive misturada com os protestantes, dá as melhores esperanças. Esta boa gente venera o sacerdote e contribui muito, sem olhar para sua

---

<sup>133</sup> LUTTERBECK, SJ, op. cit. p. 36.

pobreza, a seu templo, que visitam também em dias úteis. Estabelecemos ali uma Irmandade do Escapulário.

Desde nossa chegada até hoje ouvimos ao todo 5.000 confissões, batizamos 200 pessoas e abençoamos 20 matrimônios.<sup>134</sup>

Para conter “os abusos dos casamentos mistos” e uma certa degradação moral, os padres alemães destinavam-se à atuação junto aos colonos imigrados, no interior. Apenas a partir de 1867, segundo Lutterbeck, SJ, alguns se instalaram em Porto Alegre e entre eles figurava o Pe. Lipinski, na qualidade de Superior da Residência. “Com os reforços vindos em questão de um decênio, já em 1870 eram 17 os padres e 8 os irmãos procedentes de países de língua alemã”,<sup>135</sup> e de 1869 em diante, todo o território Sul-riograndense passou juridicamente, como missão, à Província Alemã da Companhia de Jesus. A respeito dos resultados obtidos na época, escreve Lutterbeck, SJ:

Nesse ínterim, ou no espaço de tempo que medeia entre os anos de 1849 e 1869, a vida religiosa dos católicos alemães se desenvolvia bastante a contento do Estado. O próprio Bispo Diocesano Dom Sebastião, no tempo o único Antístite de todo o Rio Grande, ao ensejo de suas duas primeiras visitas pastorais à Colônia Alemã de São Leopoldo, em 1863 e 1866-67, sentiu-se como que num oásis religioso-católico de sua vasta diocese, percebendo sem mais estar ali diante de algo novo, em questão de vida cristã verdadeiramente vivida.

Os próprios jesuítas alemães, porém, ao administrarem essas paróquias consideradas florescentes, viam-nas crescer de contínuo em questão de número de fiéis e consideravam a si mesmos insuficientes para tamanha tarefa apostólica. A vinda constante de novos reforços sacerdotais da Europa Central eles também não a julgavam uma boa solução. Perceberam com realismo que o filho da selva, ou o descendente de alemães, era bastante diferente dos seus antepassados da Alemanha. Daí a necessidade de um clero próprio, tirado do meio ambiente. Naquela hora não podiam prever a expulsão dos jesuítas da Alemanha através do Kulturkampf de Bismarck, em 1872, e que haveria

---

<sup>134</sup> Apud. LUTTERBECK, SJ, op. cit. p. 38 e 39.

<sup>135</sup> Idem, *ibidem*, p. 64.

de trazer não poucos representantes de sua Ordem para o Rio Grande do sul e Santa Catarina.<sup>136</sup>

O autor destaca os progressos alcançados pelos padres e religiosos leigos<sup>137</sup> alemães, não sem expor também as dificuldades. A maior que se lhes apresentava, em seu entender, era a ignorância dos descendentes de alemães, os “filhos da selva”, em assuntos religiosos, ocasionado por um longo período sem assistência religiosa adequada. Isto se dava, na ótica do autor, por não haver sacerdotes suficientes no Brasil e os que havia eram de formação insuficientes. Era pois necessário formar um “clero próprio, tirado do meio ambiente”.<sup>138</sup> Isto era oportuno para os jesuítas, pois o fato de atuarem na administração ordinária e constante de centros paroquiais era uma praxe contrária às prescrições de Santo Inácio de Loyola, expostas no Instituto de sua Ordem. Esta norma já não é válida para os tempos atuais, pois caiu na Congregação Geral 31ª de 1965.

Ficou em pé, no entanto, a dificuldade jurídica desta situação perante a Ordem: considerada séria por não poucos Superiores Maiores da Companhia. Pois, como foi dito, o Instituto dos jesuítas não permitia uma cura ordinária de almas, sustentada por mais tempo em regime paroquial.

Por isso, muitos dos recém chegados, entre Padres e escolásticos - estes a partir de 1879! - foram aplicados em colégios ou nos Seminários, a fim de formarem um laicato católico ilustrado e um clero secular numeroso e culto, que um dia pudesse tomar a si os trabalhos paroquiais no Sul do Brasil.

---

<sup>136</sup> Idem, ibidem, p.84 e 85.

<sup>137</sup> A respeito da vinda e atividades dos religiosos leigos, ou em alemão os *Brüder*, ver: RABUSKE, SJ, Arthur. Os *Brüder* Jesuítas no Sul do Brasil. In, Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão executiva dos Festejos do Sesquicentenário da imigração Alemã, 1974.

<sup>138</sup> LUTTERBECK, SJ, p. 85.

Este último trabalho levou anos até mesmo decênios, mas de 1910 em diante os jesuítas foram entregando, pouco a pouco, boa parte das paróquias, que eles mesmos haviam fundado, estruturado e dirigido, ao clero diocesano, em grande parcela saído de seus Colégios e Seminários.<sup>139</sup>

Em vista da falta de sacerdotes e das normas da Companhia, os jesuítas iam se direcionando também para a formação intelectual dos católicos e especialmente para a formação do clero que devia atuar no sul do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, os trabalhos com os colonos continuaram e até se intensificaram. Como o número de religiosos crescia, seu raio de atuação também aumentava e se diversificava.

O *Zentrumspartei* ou Partido do Centro fora a primeira destas atividades e tinha como objetivo defender na esfera política os interesses dos católicos. Acerca dos perigos que ameaçavam a religião, escreve Arthur Rabuske, SJ,

Estava-se, em 1890, nos inícios da República Brasileira ... A queda do Império e a introdução da República havia sido, em grande parte, obra dos positivistas e maçãos. Temia-se assim, no lado católico, não sem motivos justos, que houvesse de chegar-se no novo regime a determinada luta entre o Estado e a Religião Católica ou Igreja. Na verdade, já se tinha aceito no primeiro projeto das Constituições diversas disposições concretas, que faziam temer coisas sérias; entre elas, por exemplo, a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil. O Conselheiro do Estado, Rui Barbosa, que então se confessava adepto da Maçonaria, era o autor do parágrafo, que previa no anteprojeto da Constituição Republicana o banimento da Ordem de Jesus do Brasil.

Para se defenderem contra tais perigos iminentes, os católicos brasileiros quiseram reunir-se, a exemplo da Alemanha, num Partido Católico Central ou seja *Zentrumspartei*: o Centro Católico.<sup>140</sup>

Assim, parece que os políticos da república recém proclamada não eram muito favoráveis à Companhia de Jesus, numa época em que “houve

---

<sup>139</sup> LUTTERBECK, SJ, op. cit. p. 79.

bastantes ameaças de mudança política, religiosa e econômica”.<sup>141</sup> Isto pode ser constatado no projeto de constituição de 22 de junho de 1890 que previa, entre outras cláusulas, a “proibição de se abrirem novas comunidades religiosas, especialmente da Companhia de Jesus”.<sup>142</sup> Mesmo que a cláusula não tenha sido aprovada, reflete um clima hostil aos jesuítas, na época em que “muitos católicos acordaram do seu sono quase letárgico para uma nova realidade e atividade”.<sup>143</sup>

Esta “nova realidade e atividade” ensejou a formação de várias instituições e práticas por parte dos jesuítas. Neste sentido, as Associações Paroquiais, animadas principalmente pelos Inacianos, organizavam bibliotecas paroquiais, festejos beneficentes, enfim buscavam formar entre os imigrantes o “espírito social comunitário”. Também os *Katholikentage*, os Congressos Católicos que se realizaram a partir de 1898, procuravam unir os católicos para a solução de seus problemas, tratando de temas diversos que diziam respeito à vida dos colonos. Já a *Sparkass*, a Caixa Rural União Popular, inspirada no Sistema criado por Raiffeisen, tinha por objetivo atuar na esfera financeira, incentivando a poupança e promovendo investimentos, especialmente para

---

<sup>140</sup> RABUSKE, SJ, Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia Alemã no Rio Grande do Sul. op. cit. p. 34.

<sup>141</sup> LUTTERBECK, op. cit, p.119.

<sup>142</sup> MOURA, Sérgio Lobo de, e ALMEIDA, Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In. FAUSTO, Boris. (org. ) O Brasil Republicano 2. Sociedade e Instituições (1889-1930). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A 1990, p.327.

<sup>143</sup> LUTTERBECK, op. cit, p.119.

a aquisição de novas terras por parte dos colonos. Os problemas relativos a educação recebiam atenção especial do *Lehrerverein*, a Associação dos Professores assim como as questões da agricultura eram tratados pelo *Bauernverein*, a associação dos agricultores. Em 1912 esta associação, que era de caráter não confessional, deu lugar a fundação da *Volksverein*, uma associação civil de leigos que apresentava um forte caráter religioso e que tinha como objetivos assumir os interesses materiais, espirituais e religiosos dos imigrantes alemães e seus descendentes católicos.

A respeito das atividades desenvolvidas pelos jesuítas alemães, Lúcio Kreutz, em seu estudo acerca das escolas paroquiais no Rio Grande do Sul, escreve que se tratava de um movimento mais amplo, um “projeto de restauração católica”, que no Rio Grande do Sul teria sido conduzido justamente pelos religiosos da Companhia de Jesus e visava revitalizar a religião católica, constituindo-se numa reação contra as influências “nefastas” da revolução francesa com sua promoção do liberalismo.<sup>144</sup>

Já o Pe. Ambros Schupp SJ, expôs mais explicitamente o que estava acontecendo:

assim como uma colossal inundação, o ateísmo e a imoralidade varrem a face da terra, arrastam consigo o individual e o isolado, penetram na família, nas associações, nas escolas, nas fábricas e quartéis, e em toda parte realizam uma devastadora destruição. Opor-lhes um dique é um dever na cura das almas, e isto só poderá ocorrer através de uma ordenada organização, isto é, através da associação de elementos semelhantes e de sua arregimentação em associações. Só assim se pode por termo a destruição. Individualmente a pessoa

---

<sup>144</sup> KREUTZ, Lúcio. O Professor Paroquial, Magistério e Imigração Alemã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; Florianópolis: EDUFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

raramente tem forças para resistir ao apelo da tentação e à pressão social. Ela cai.

Somente em união com as pessoas de concepções iguais é que alguém tem uma certa garantia para permanecer fiel e resistir vitoriosamente aos engodos de um e de outro lado. Mas a união deve ser bem organizada. Numa boa organização reside a vida e a capacidade de resistência do organismo.<sup>145</sup>

Para preservar os fiéis do ateísmo e da imoralidade, segundo o Pe. Ambros Schupp, SJ, seria necessário organizar associações de pessoas de semelhantes concepções. Cabia aos jesuítas o dever de promover esta organização. Mas não era qualquer organização, ela precisaria ser bem fundamentada e esta boa fundamentação cabia a eles, Inacianos. Esta atuação se assemelha, de acordo com as palavras de Kreutz, com o “estilo de cristandade medieval: toda estrutura econômica e social sob a primazia do espiritual”.<sup>146</sup> Isto também poderia ser interpretado, levando em consideração seu contexto, como uma forma de legitimar a atuação dos jesuítas, dando-lhe um sentido de combate aos inimigos: o ateísmo, a imoralidade e a indiferença religiosa, sendo um dever na “cura das almas”. E este combate dever-se-ia basear na “união das pessoas de iguais concepções”, somente assim poder-se-ia fazer frente aos inimigos. Desta forma, portanto, a citação do Pe. Ambros Schupp, SJ, sugere que havia inimigos a serem combatidos.

Também Maria W. Rohde, identifica-os:

---

<sup>145</sup> SCHUPP, Ambros, *Die Deutsche Jesuiten-Mission in Rio Grande do Sul. Widerherstellung und herausgabe von Pater Arthur Rabuske, S.J. São Leopoldo: UNISINOS, 1974 (Separata do SKT Paulusblatt) apud. KREUTZ, Lúcio.op. cit., p. 69.*

<sup>146</sup>Kreutz, Lúcio. Op. cit. p.69.

Com a nova direção da *Volkverein* assumida pelo padre Rick, o secretário itinerante, o lema passou a ser: ‘nos precisamos aprender com nossos inimigos’. Como os círculos liberais criaram sua *Volkverein* para combater a Igreja Católica, da mesma forma nos precisamos criar a nossa *Volkverein* Católica para defender a Igreja Católica.<sup>147</sup>

Neste combate aos círculos liberais, os católicos lançaram mão das concepções do Papa Leão XIII, mentor da “Doutrina Social da Igreja”. É o que sublinhou Maria Rohde, pois em seu entender também a formação da *Volkverein* seguia estes princípios:

O que o Papa Leão XIII sempre ambicionou, e o que também a nossa *Volkverein* ambiciona, é a absoluta harmonia, a prevenção de todas as obscuras tentativas de implantação da discórdia. Com certeza está aí o plano esboçado pelo Papa Leão XIII de centralizar a vida social católica, a principal força da nossa associação.<sup>148</sup>

Percebe-se que o ponto central da reforma social é a “absoluta harmonia”, contra as obscuras tentativas de implantação da discórdia. Além das preocupações com a religiosidade dos fiéis, a igreja devia direcionar suas atenções também para a vida material, procurando evitar conflitos e manter a ordem social estabelecida pelos desígnios divinos. A *Volkverein*, portanto, seguia estes princípios, de congregar e unir os católicos leigos para a solução de seus problemas materiais, mas respeitando a ordem social. Nota-se, outrossim, que esta união dos leigos se mostrou como uma nova maneira de exercer o “domínio religioso”, usando uma expressão de Roberto Romano, que a entende como “um poder manifestado fora de conjunturas passageiras: seu centro de

---

<sup>147</sup>ROHDE, Maria Wie eine Frau... op. cit. p. 18.

<sup>148</sup>Idem, ibidem.

efetividade é a consciência do homem, lugar da manifestação do Eterno, impossível de ser alcançada por qualquer ordem humana positiva”.<sup>149</sup> Revela-se assim uma forma de atividade religiosa bastante diferente daquela do catolicismo luso brasileiro, “com sua vida de confrarias e irmandades **mandando** em tudo”,<sup>150</sup> a qual, segundo Rabuske, criou uma nova imagem da igreja no sul do Brasil.

Podemos dizer “sine ira et studio” que esses agentes pastorais, que em absoluto se limitaram a meros “curas de almas”, criaram uma nova imagem da igreja no RGS, através da organização de uma infraestrutura que puseram a serviço de todos: igrejas, escolas, hospitais, imprensa, iniciativas associativas e seminários. Cremos também que isso influenciou, não pouco, a vida religiosa da própria colônia italiana, e serviu de fermento para a renovação da própria vida na igreja tradicional.<sup>151</sup>

A compreensão desta “nova imagem da igreja”, à qual se refere o autor, bem como dos fundamentos que nortearam as atividades dos jesuítas alemães no sul do Brasil requer uma análise mais detalhada do ambiente em que se formaram estes religiosos e do qual tiveram de sair, ou seja, o contexto da restauração católica na Alemanha e o *Kulturkampf*. Para isso, pode ser proveitoso um olhar mais atento sobre uma das atividades realizadas, os *Katholikentage* ou Congressos Católicos.

---

<sup>149</sup> ROMANO, Roberto, Brasil: Igreja contra Estado. (Crítica ao Populismo Católico) São Paulo: Kairós, 1979, p. 39 e 40.

<sup>150</sup> LUTTERBECK, op. cit. p. 80.

<sup>151</sup> RABUSKE, SJ, Arthur. Nova fisionomia da Igreja no Rio Grande do Sul a partir de 1850. In. Pesquisas História. Nº 25. Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.

## 2. 2. *Katholikentage*: os Congressos Católicos

Amparadas por um ideal de religiosidade que se distanciava do catolicismo luso-brasileiro, as atividades desenvolvidas pelos jesuítas diziam respeito não só à vida religiosa dos fiéis, como também procuravam abranger sua vida social, econômica e cultural. Eram, pois, atividades que se harmonizavam com um novo estilo de catolicismo e que, conforme Arthur Rabuske, conferiram uma nova fisionomia para a Igreja no Rio Grande do Sul. Destacam-se entre estas atividades os Congressos Católicos, os *Katholikentage*, pela sua amplitude em mobilizar grande número de fiéis e pelos temas ali discutidos. Sua análise mais detalhada pode ter muito a dizer acerca do ideal de religiosidade que animava os jesuítas.

Eram estes Congressos grandes e solenes<sup>152</sup> encontros inspirados nas Assembléias Gerais dos Católicos da Alemanha, cujo primeiro se realizou em Mainz, em 1848, sendo posteriormente repetidos de dois em dois anos em lugares diferentes. Mais tarde, foram realizados também nos Estados Unidos, cujo primeiro *Deutschamerikanische Katholikentage* (Congresso Católico Teuto-Americano) realizou-se em Cleveland, em

---

<sup>152</sup> A respeito do caráter solene destes eventos, veja-se a fotografia nº 2. A multidão de fiéis se ajoelha diante da passagem dos Padres.



## 2. Congresso Católico de Bom Princípio, 1936.

1877 e na América Latina, o primeiro aconteceu em Lima, no Peru, em fevereiro de 1897. No ano seguinte, os teuto-brasileiros, sob a iniciativa dos jesuítas, realizaram seu primeiro *Katholikentag*, em Harmônia, no Rio Grande do Sul. A partir daí, os congressos no sul do Brasil passaram a se repetir regularmente de dois em dois anos, em lugares diferentes até a Segunda Guerra, sendo interrompidos durante 10 anos devido a Primeira Guerra. Os objetivos que se lhe atribuíam eram, conforme mencionou Lutterbeck, SJ, “a intensificação da vida e ação religiosa-cristã, bem como a união dos católicos teutos para a solução de seus problemas mais

candentes”.<sup>153</sup> Sua idéia norteadora era que dele participassem representantes de todas comunidades, “máxime homens, que ao depois voltavam às suas picadas repletos de entusiasmos e dispostos para a ação católica”.<sup>154</sup> Já Arthur Rabuske, SJ, refere-se a eles como uma “espécie de revista de tropas do exército católico de alemães e seus descendentes no Sul do Brasil”.<sup>155</sup> Também o papa Pio XII, no Congresso Católico realizado em Mainz em 1948, (o primeiro depois da 2ª Guerra) referindo-se à tradição de um século destes eventos, nomeou-os como „*die Heerschau des katholischen Volkes*“. A “revista de tropas” se fazia por meio de palestras que, além de assuntos propriamente teológicos, tratavam de temas diversos relacionados com o cotidiano dos imigrantes, desde a vida íntima dos casais, incluindo-se educação dos jovens para o casamento, higiene, saúde e cuidados com a água e nascentes de rios, educação escolar das crianças, cuidados na escolha das leituras, problemas econômicos, sociais, culturais e religiosos das colônias, assim como também política e economia internacional.<sup>156</sup> Eram, pois, temas que

---

<sup>153</sup> LUTTERBECK, SJ, op. cit. p. 123.

<sup>154</sup> Idem, ibidem, p. 123

<sup>155</sup> RABUSKE, Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia alemã do Rio Grande do Sul. In.: Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão Organizadora do Simpósio, 1974, p. 36.

<sup>156</sup> Estes foram os assuntos tratados nos *XVI Katholikentage*, realizado em 1934 na Colônia Porto Novo, As palestras foram publicada no *Festschrift* deste Congresso. METZLER, Franz. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1934.

vinham de encontro aos interesses dos colonos e, assim, profundamente envolvidos com seu cotidiano, o que fazia com que os Congressos Católicos se imbricassem em seu contexto, com as questões e anseios de sua época.

Entretanto, concebê-los apenas como a “união dos católicos teutos para a solução de seus problemas mais candentes”, seria uma maneira muito superficial e simplificada de tratar eventos de tamanha envergadura. Sua compreensão requer, acima de tudo, uma análise que vá além do contexto sul brasileiro, pois assim como as outras atividades promovidas pelos jesuítas no sul do Brasil não são ações isoladas, mas atividades que se inserem num movimento mais amplo de mudança na concepção do papel da religião na sociedade, que se fez mais intensamente presente nos países europeus, onde as brutais transformações sociais, econômicas e culturais promovidas pela modernidade exigiam da Igreja uma reformulação de suas práticas, que não mais se enquadravam à realidade que se lhe apresentava. Por isso, para se compreender não só os Congressos Católicos como também toda atuação dos jesuítas alemães no sul do Brasil, deve-se levar em consideração os *Katholikentage* Alemães e seu contexto, o da restauração católica, que é também o ambiente em que se formaram a maioria destes Inacianos.

A restauração era um amplo movimento da Igreja católica no século XIX, que visava fazer frente às inúmeras ameaças advindas na modernidade como o liberalismo, o racionalismo exacerbado, a nova

ordem social e econômica capitalista, o movimento filosófico da ilustração ou *Aufklärung*, enfim, novas maneiras de pensar e agir que, confiando positivamente na razão e na ciência para a explicação do mundo e organização da sociedade, punham em xeque várias das concepções teológicas em que se baseava a doutrina eclesiástica, como a origem do homem, a divindade de Cristo, sua ressurreição e os milagres, assim como várias outras. A respeito disso escreve Lúcio Kreutz:

o período de 1864 até meados do século XX é um período de ataques e condenações violentas da Igreja para com o Mundo Moderno que se laicizava, caminhava autonomamente. Os jesuítas entraram em cheio nesta polêmica, em parte, até como mentores principais das posições católicas. A polêmica entre Igreja Católica e Mundo Moderno se tornou mais marcante na Segunda metade do século XIX, quando as ciências mexiam e polemizavam com fatos sobre os quais a Igreja mantinha posições já seculares, tais como o problema da origem do homem, a divindade de Cristo, a explicação dos milagres, etc. Lessing se tornou uma das figuras centrais nesta polêmica. Sob o pseudônimo de Reimarus ele publicou *Fragmentos*, propondo uma explicação racionalista dos milagres e especialmente da ressurreição de Cristo.<sup>157</sup>

Além da obra de Lessing citada por Kreutz, foram publicadas ainda inúmeras outras de grande repercussão que tocavam em assuntos delicados. Por estas polêmicas, que ensejaram inúmeras outras, iniciou-se o movimento de restauração que, aliás, não foi o único a não ver com bons olhos as transformações pelas quais a sociedade moderna passava.

Foi no contexto e na base do Conservadorismo Romântico que a Igreja Católica, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, começou uma forte reação ao movimento liberal. Opondo-se a formação crescente das nacionalidades, com a qual só tinha a perder, a Igreja Católica se confrontava com diversos governos. O capitalismo crescente abalava estruturas arcaicas e milhões de camponeses deixavam o campo em busca de trabalho nas indústrias e, enquanto massa operária, abandonavam uma religião de cunho agrário. Era uma

---

<sup>157</sup> KREUTZ, op. cit. p. 32.

perda significativa para a Igreja Católica que ensaiou então uma forte reação, conhecida como a *Restauração Católica*. Esta vinha marcada especialmente com os objetivos de uma ampla condenação do mundo moderno e seus valores e por uma tentativa de reafirmação eclesial e católica a partir de um prisma romântico e por um reordenamento espiritual, centralista e hierárquico da sociedade.<sup>158</sup>

Assim como os católicos, também pensadores do Romantismo questionavam os rumos materialistas e racionalistas que a sociedade industrial estava tomando. O conservadorismo romântico deitou raízes por toda Europa, mas se afirmou de forma especial na Alemanha do final do século XVIII e princípios do seguinte. “Em geral, a historiografia literária está de acordo com o crítico francês Albert Béguin, considerando o Romantismo alemão como o verdadeiro e os romantismos de outras nações como derivados mais ou menos desfigurados”.<sup>159</sup> Para se contrapor aos valores burgueses da sociedade industrial, especialmente o caráter utilitário e materialista que o indivíduo assumiu nesta época, os românticos exaltavam qualidades que estavam sendo perdidas no processo de industrialização. Iam buscá-las na história, numa época que já não mais existia, a Idade Média. Isto não significava uma volta aos tempos medievais, mas apenas ressaltar valores que a sociedade industrial e racional havia destruído. Animados muito mais pelos sentimentos do que pela razão, os românticos exaltavam a vida do campo, como na obra de Rousseau, intitulada “Nova Eloísa” e valorizavam a religiosidade da Idade

---

<sup>158</sup> Idem, *ibidem*, p. 25 e 26.

<sup>159</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Literatura Alemã*; posfácio Willi Bolle. – 2ªed. – São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 106

Média, como o Barão de Harderberg, mais conhecido por seu pseudônimo Novalis, em sua obra “Cristandade ou Europa”. Dedicavam também atenção especial ao povo, às características nacionais como a língua, literatura popular e costumes, expressas por Herder e tão bem aproveitadas pelos Irmãos Grimm, além de outros. São estes alguns aspectos deste movimento que, evidentemente, não se resume a isso, sendo muito mais complexo e amplo. De acordo com Otto Maria Carpeaux, há muitas diferenças entre os romantismo dos grupos de Iena e Berlim, universalistas e progressistas a despeito de seu irracionalismo, e os de Heilderberg e Viena, católicos e medievalistas.<sup>160</sup> Mas o que os unia era uma posição crítica diante dos valores utilitaristas e materialistas da sociedade burguesa. Era esta posição crítica que identificava este movimento com a restauração católica.

Mas embora tenha compartilhado com alguns valores do romantismo, os católicos tiveram uma atuação mais diversificada e os jesuítas eram os seus principais protagonistas. Neste contexto, os *Katholikentage* assumiram um papel importante no sentido de fazer frente ao liberalismo nas esferas políticas e econômica-sociais. Ernst Heinen, em seu livro intitulado *Staatliche Macht und Katholicismus in Deutschland (1867 bis 1914)*<sup>161</sup> analisando as relações entre política e religião numa

---

<sup>160</sup> Idem, ibidem, p. 106 e 107.

<sup>161</sup> HEINEN, Ernst.[Horg.] Staatliche Macht und Katholizismus in Deutschland. Bd. 2. Dokumente des politische Katholizismus von 1867 bis 1914. Paderborn: Schöningh, (Sammlung Schöningh zur Geschichten und Gegenwart), 1979

época de bastante insegurança para a Igreja Católica, o período conhecido como *Kulturkampf*, enfatizou o caráter político dos *Katholikentage*, mencionando que a partir do Congresso de *Düsseldorf*, realizado em 1869, devido à crescente opressão da Igreja pelas políticas de Bismark, os católicos passaram a discutir o papel da igreja na política, para promover a liberdade da Igreja, ou *die Kirchenfreiheit*. Dez anos mais tarde, no Congresso de *Aachen*, 1879, Ludwig Windhorst, talvez o maior expoente da política católica da Alemanha na segunda metade do século XIX, falava pela primeira vez num Congresso Católico e, a partir daí até 1890, pronunciava os *Schlußreden*, as palestras de encerramento.

Os Congressos Católicos, desta forma, se apresentavam como importantes aliados para o *Zentrumspartei*, o Partido Católico Alemão, que era bastante expressivo, elegendo 63 deputados nas eleições de 1871, número que não abaixou nos anos subseqüentes, permanecendo entre 63 e 106 nas eleições de 1871 a 1932.<sup>162</sup> A política católica das regiões do sul da Alemanha e da Renânia eram, sem dúvida, mais do que representantes de interesses confessionais. Fortes tendências no sentido de promover a reforma social, faziam-nos reservatórios de forças não socialistas das camadas sociais menos favorecidas.<sup>163</sup> Com isso, pretendiam combater o

---

<sup>162</sup> Fragen an die Deutschen Geschichte. Ideen, Kräfte, Entscheidungen von 1800 bis zum Gegenwart. Bonn: Deutscher Bundestag Referat Öffentlichkeitsarbeit, 1988.

<sup>163</sup> “Der Süddeutsche und rheinische politische Katholicismus sind allerdings mehr als eine rein konfessionelle Interessenvertretung. Starke sozialreformerische Kräfte machen ihn zu einem nicht-sozialistischen Sammelbecken der sozialen Unterschichten”. *Fragen an die ...op. cit.* p. 205.

liberalismo e os avanços da burguesia industrial e liberal, que era concebido como a causa da acirrada crise social advinda da nova ordem capitalista.

Para resolver e amenizar a crise social, desenvolveram-se no meio católico, especialmente em seus Congressos, pensamentos e propostas voltados para os problemas sociais, mas que não se distanciavam muito do sagrado. Surgem assim personagens como Adolf Kolping, conhecido como o *Gesellenvater*, Wilhelm E. Von Ketteler, Bispo de Mainz, entre outros, propondo idéias e também ações concretas para a reforma social. Os Congressos eram o foro de debate dos pensamentos e propostas sociais,<sup>164</sup> que tiveram influências também na elaboração do pensamento social da Igreja. Ou citando as próprias palavras de Leão XIII: “Ketteler foi meu grande precursor”.<sup>165</sup> Ketteler, que fora aluno dos jesuítas e ordenado sacerdote aos 33 anos de idade, pode ser considerado o fundador do catolicismo social na Alemanha e Áustria e, segundo Fernando Bastos de Ávila, SJ, “enfrentou Marx e Lassalle não só através de seus escritos, mas principalmente na solução prática dos imensos problemas que oprimiam a classe operária”.<sup>166</sup> Uma das atividades por ele idealizada e

---

<sup>164</sup> No *Katholikentag* de Frankfurt/Main, realizado em 1863 foram discutidas as idéias do *Gesellenvater Kolping*, assim como também as de *Lassalle*. HEINE, Ernst, op. cit. p. 88.

<sup>165</sup> Apud. ÁVILA, SJ, Fernando Bastos. Pensamento social antes de Marx. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1972, p. 176.

<sup>166</sup> ÁVILA, SJ, *ibidem*, p. 176.

implementada foram os círculos operários da Alemanha, que se assemelhavam com as antigas Corporações de Artífices. O Papa Leão XIII parece que também seguia estes pensamentos, pois escreve em sua encíclica:

O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para êles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa têm se visto, com o decorrer do tempo, a mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada.<sup>167</sup>

O que agravava ainda mais o problema dos operários “isolados e sem defesa”, era estarem expostos às teorias e atividades de socialistas, ou citando os termos utilizados por Leão XIII, “homens turbulentos e astuciosos” que procuram desvirtuar o sentido da relação capital e trabalho e “aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordens”.<sup>168</sup> Propunham, em substituição da sociedade burguesa, uma outra ainda mais racional e anti-religiosa do que aquela, o que representava uma ameaça ainda maior para a religião. Desta forma, portanto, tem-se um contexto de crise social marcado por um lado pelos avanços da burguesia industrial e liberal com suas desastrosas conseqüências sociais e, por outro, personagens como Marx e Engels, Lassale, Bakunin, para citar os mais conhecidos, propondo alternativas e o

---

<sup>167</sup> PAPA LEÃO XIII, *Sobre a Condição dos Operários*. Encíclica *Rerum Novarum*. In: Documentos Pontifícios Sobre Questões Sociais. Brasília: Câmara dos Deputados, Secretaria Geral da Presidência, 1967, p.10.

<sup>168</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

que a seu entender podiam ser soluções para a sociedade moderna. Como alternativa às idéias comunistas e socialistas, os católicos apostavam no cooperativismo e associativismo, o que seria uma maneira de união e auxílio mútuo dos trabalhadores sem agredir a ordem social. Não se tratava, pois, de abolir a propriedade privada, nem de promover a revolução proletária, mas de uma forma de organização dos trabalhadores que amenizasse sua difícil situação, tendo como fundamento idéias e sentimentos cristãos. Era este o pensamento do Bispo Ketteler.

Era justamente este desenvolvimento político dos católicos, de acordo com Lúcio Kreutz, um dos fatores que desencadeou o *Kulturkampf* e conseqüentemente a expulsão da Companhia de Jesus da Alemanha.

Bismarck sentira que o Partido católico, com suas tendências ultramontanas (fidelidade a Roma) se havia tornado uma forte oposição política, à qual poderiam juntar-se as minorias polonesas e alsaciano-lorena. É a eles que Bismarck, tendo o apoio dos Luteranos e dos nacional liberais, dirigiu o *Kulturkampf*. Suspeitando da coincidência do dogma da infalibilidade do Papa e da declaração de guerra da França à Alemanha, Bismarck interpretou-o como declaração de guerra à Prússia protestante. Em reação eliminou a divisão católica do Ministério dos Cultos, substituiu os inspetores escolares católicos, até então tidos como um direito de nomeação da Igreja Católica, e proclamou o decreto facultando a expulsão dos jesuítas apenas por uma ordem policial e ainda proclamou as leis de Maio que limitavam o campo de ação da Igreja Católica.<sup>169</sup>

A infalibilidade papal, proclamada no Concílio Vaticano I em 1870, questionava a soberania imanente do Estado sem o aval religioso e estava imbricado num contexto de violentas condenações por parte da igreja em relação à sociedade moderna, expostas nas Encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus* em 1864 por Pio IX. Por isso, os jesuítas, como Ordem mais

---

<sup>169</sup> KREUTZ, Lúcio. Op. cit. p. 34

diretamente ligada ao Papa, e mais envolvida com o nascente catolicismo político e social, foram expulsos da Alemanha. Dos 200 Inacianos, 159 haviam ido para as barricadas na guerra contra a França em 1870/71 e destes, 80 haviam sido condecorados por Guilherme I por fidelidade na guerra e um ano depois foram expulsos como traidores de pátria.<sup>170</sup> Grande parte dos jesuítas Alemães se instalou no Rio Grande do Sul e suas atividades com os imigrantes alemães e seus descendentes foram influenciadas por este novo estilo de catolicismo, muito mais voltado para os problemas sociais dos fiéis. Entretanto, no sul do Brasil, que se apresentava como uma região essencialmente agrária, os problemas eram muito diferentes dos da Alemanha, um país que se estava industrializando e, por isso, com enormes problemas sociais. Por isso, suas atividades tiveram de se adaptar ao novo contexto, como por exemplo, os Congressos Católicos, que tratavam de questões do cotidiano dos colonos. Mas o princípio que norteava estas atividades não mudavam em sua essência: diziam respeito não somente à vida religiosa, mas a todas as esferas da vida dos católicos. Pode se compreender assim o porquê dos jesuítas desenvolverem suas atividades com forte caráter social. Por um lado, pelo contexto que lhes não era muito favorável também no sul do Brasil, como foi exposto no item anterior, e, por outro, por terem trazido de além-mar

---

<sup>170</sup> É o que dizia um artigo do *Jornal Desutsches Volksblatt*, fundado pelos Jesuítas do Rio Grande do Sul, intitulado "Os protestantes na Alemanha e os Jesuítas", em 06/02/1894. Apud. KREUTZ, Lúcio. *Ibidem*. p. 34.

uma bagagem de experiências amparadas por uma religiosidade mais voltada para o mundo material, mas visando a manutenção do mundo espiritual, dos valores que a sociedade industrial estava destruindo. Isto não significa que se devia ser avesso ao progresso, ao desenvolvimento econômico, mas o que estava em questão eram os bens culturais com raízes na tradição cristã que estavam desaparecendo, e especialmente o espaço da religião na vida pública. Um exemplo destes pensamentos, da concepção dos jesuítas em relação ao progresso, pode ser encontrado na análise de outra atividade realizada junto aos colonos do Rio Grande do Sul e oeste catarinense, a *Sparkass*, ou o sistema de Crédito das Caixas União Popular.

### **2. 3. *Sparkass*: “O Banco do Colono para o Colono”**

*Spar- und Darlehenkasse*, caixas de poupança e de empréstimos, era assim que se denominou entre os colonos o sistema de crédito implementado pelos jesuítas entre os agricultores alemães do Rio Grande do Sul e oeste catarinense. Seu nome oficial era Sistema de Crédito das Caixas Rurais União Popular e a idéia mestra era, baseando-se no associativismo, auxiliar nos problemas financeiros dos colonos e especialmente promover ou financiar novas colonizações. O sistema se inspirou nos princípios associativistas de Friedrich Wilhelm Raiffeisen

(1818 – 1888), que havia desenvolvido cooperativas de crédito na Alemanha, em meados do século XIX. Como prefeito *Flammersfeld*, uma cidade essencialmente agrária, *Raiffeisen*, buscando alternativas para a crise que a assolava, centrou seus esforços no associativismo e formou um sistema de crédito entre os agricultores, contando inicialmente com 60 sócios.<sup>171</sup> Desta experiência se seguiram ainda outras e em 1865 escreve um livro sobre o assunto, intitulado: *Die Darlehenskassenvereine als Mittel zu Abhilfe der Not der Ländlichen Bevölkerung*.<sup>172</sup> (As sociedades de caixas de empréstimo como instrumento de auxílio da necessidade da população agrária). Provavelmente este livro foi lido pelo Pe. Theodor Amstad, SJ,<sup>173</sup> pois foi ele que, junto com um grupo de 19 colonos de Nova Petrópolis, fundou em 1902 a primeira Caixa de Crédito que posteriormente iria formar os Sistema de Crédito das Caixas Rurais União Popular.

O objetivo das Caixas Rurais, conforme seus estatutos, era “combater a usura, fornecendo a juros módicos, a seus sócios e somente a

---

<sup>171</sup> PINHO, Diva Benevides O pensamento cooperativo e Cooperativismo brasileiro. São Paulo: CNPQ, 1982. p. 43 e 44.

<sup>172</sup> FEGEER, Ranz. F.W. Raiffeisen hat das Dorf Kreditwürdig gemacht. In Skt Paulusblatt. Junho de 1988, p. 244.

<sup>173</sup> Pe. Theodor Amstad era suíço, nascido em 9 de novembro de 1851 em *Bekenried am Vierwaldstättersee*. Em 1864, com 13 anos, estudou em *Feldkirch*, no Pensionato “*Stella Matutina*” até 1870. Em 3 de outubro de 1870 ingressou na Companhia de Jesus em *Gorheim, Sigmaringen* e em 1886 veio ao Brasil como Missionário. Atuou também nas paróquias de São Sebastião do Cai, São José do Hortêncio, Nova Petrópolis e Lageado. Foi um dos fundadores da *Volksverein* e depois seu secretário itinerante até que um acidente (uma queda do cavalo) o tirou de sua atividade. ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* op. cit. p. 16.

eles, os capitais necessários á exploração de seu pequeno trabalho, facilitando-lhes o exercício de sua profissão”.<sup>174</sup> Este objetivo também pode ser percebido no discurso do diretor da colônia Porto Novo, Carlos Francisco Rohde, na ocasião da fundação da Caixa Rural naquela colônia, em 1932.

O agricultor, que emigra de núcleos mais populosos para procurar nas terras virgens o futuro de seus filhos fica abandonado ao leão nas inóspitas paragens do interior, desbravando a mata virgem, arroteando o solo para o entregar depois comunhão da Pátria, não pode esperar pelas providências tardias das autoridades que no sertão grosso, com a deficiência dos meios de comunicação, com a falta de meios não a acorrem ou quiçá ignoram-lhe os anseios verdadeiros. A Caixa Rural é o que a todos deve unir, ella recolhe as sobras dos que mais possuem e as emprega a módicos juros para incentivar aquelles que, que menos compensados foram pelo aquinhoamento da sorte. O espírito da harmonia e da cooperação conseguirá em pouco refletir-se benéficamente sobre os interesses da coletividade e o lema christão de um por todos e todos por um, constituirá princípio de prosperidade da colônia. O capital ganho na gleba assim permanecerá na própria colônia, não convergindo para os bancos, que tem seus interesses nas cidades, mas será empregado na própria circunscrição rural, onde influirá sobre a fortuna da população em geral.<sup>175</sup>

Pode-se notar na citação, a ênfase do orador em apontar por um lado ao caráter econômico da instituição financeira que se estava fundando, no sentido de auxiliar os agricultores que ficam “abandonados ao leão nas inóspitas paragens do interior, desbravando a mata virgem, arroteando ao solo para entregar depois á pátria”. Mas por outro lado, este auxílio econômico não é destituído de um sentimento cristão, do lema “christão de um por todos e todos por um”.

---

<sup>174</sup> Estatutos da Caixa Rural União Popular de Porto Novo.

<sup>175</sup> Livro de Matrícula de Sócios da Caixa União Popular de Porto Novo. p. 02.

Esta idéia está presente também no artigo publicado pelo jornal “A Voz de Chapecó”, que considerava-a como “a mais importante organização do gênero em toda América do Sul”<sup>176</sup>.

A primeira destas caixas foi fundada em 1902, cinco anos antes, portanto, de ser promulgada, no Brasil, a primeira lei de cooperativa do País. Naquele tempo era secretário geral da Sociedade União Popular, o Padre Theodoro Amstad, de saudosa memória, natural da Suíça, o apóstolo sem par do cooperativismo no sul do Brasil. A essa Caixa seguiram-se, aos poucos, novas fundações e com o correr dos anos, até hoje, se formou esta pujante família de crédito cooperativo integradas pelas 47 Caixas existentes. Os resultados foram surpreendentes e a prova cabal do acerto no sistema adotado como modelo pela União Popular: o clássico sistema *Reiffeisen*, que prega a fórmula da constituição sem capital, sem distribuição de lucro e com a responsabilidade solidária e ilimitada do associado, bem como a gratuidade da diretoria. Poder-se-á imaginar fórmula mais ideal e cristã para o manejo do dinheiro? Parece-nos que não.

A ‘Central das Caixas Rurais’ foi fundada no ano de 1926, quando o número de Caixas já havia ascendido a mais de uma dúzia, foi pelas mesmas resolvido fundar uma central, a atual Central das Caixas Rurais já citada. Visavam, com esta centralização de federativa, facilitar o intercâmbio de dinheiros entre as diversas zonas agrícolas, promover a uniformização e, sobretudo, criar um serviço permanente e eficaz de assistência às cooperativas de crédito existentes, no que concerne à contabilidade, técnica de receber e dar dinheiro, eliminação de vícios e abusos, esclarecimento sobre legislação, defesa das Caixas nos seus direitos de isenção de impostos. [...] A Caixa Rural é em verdade, o Banco do Colono para o Colono.<sup>177</sup>

Percebe-se que as Caixas Rurais formavam um sistema integrado que visava o “intercâmbio do dinheiro” para o desenvolvimento de diferentes regiões agrícolas, pois o sistema *Raiffeisen* preconiza a formação de uma Central Financeira. Esta pode ser entendida como uma forma de promover o auxílio entre as diferentes regiões através da distribuição de riquezas envolvendo regiões mais abastadas e as de

---

<sup>176</sup> Fundação de uma cooperativa de crédito. *A Voz de Chapecó*. 27/02/1949, n.º 224, p.5 (Biblioteca Pública Estadual).

<sup>177</sup> Fundação de uma cooperativa de crédito. *A Voz de Chapecó*. 27/02/1949, n.º224, p.5 (Biblioteca Pública Estadual).

condições mais precárias ou as que estariam iniciando o processo colonizatório. Desta forma, o Sistema se estendia também para Santa Catarina, sendo que a primeira Caixa Rural neste Estado foi fundada em 1932 em Porto Novo, seguindo a fórmula “mais ideal e cristã para o manejo do dinheiro”.

Mas conforme o idealizador desta “fórmula”, seus objetivos não eram puramente o manejo do dinheiro.

O sentido da solidariedade dos sócios nestas sociedades não reside unicamente na obtenção dos meios financeiros necessários. Ela deve levar à consciência de cada sócio seu dever: um por todos e todos por um, agir em sociedade e aliados em solidariedade Cristã. Isto pode ser o apoio de todas as classes e membros de nosso povo. Então o desenvolvimento social encaminhará o povo a um futuro mais belo e será abençoado por Deus.<sup>178</sup>

Parece que este era também o lema que norteou a fundação da Caixa União Popular de Santa Cruz do Sul, RS. É o que sugere Francisco E. Freitas em sua dissertação de mestrado.

o pensamento não era outro senão que a solução dos problemas sociais dependia, basicamente, da participação de cada um, onde a união, a ajuda mútua constituíam fatores indispensáveis na busca de um caminho no qual o povo fosse agente modificador e impulsionador para o progresso.<sup>179</sup>

Pode-se concluir, assim, que a formação deste sistema de crédito, que se alicerçava sobre a idéia do trabalho associativo e cooperativo,

---

<sup>178</sup> Raiffesen. Apud. ENGLERT, Gaston. Vortrag gehalten von Herrn Gaston Englert, in Serro Azul, am Montag, den 5 März. In. St. Paulusblatt, Mai 1928, p. 8.

<sup>179</sup> FREITAS, Francisco E. Cooperativa de Crédito Caixa União Popular Santa Cruz. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação e História, 1990, p. 84.

trazia em si uma dimensão cultural e simbólica no sentido de veicular determinados valores cristãos.

A análise do Sistema de Crédito *Raiffeisen* realizada por Diva Benevides Pinho aponta para a mesma direção. Escrevendo sobre as cooperativas de crédito, a autora anotou que o sistema baseava-se em princípios cristãos de amor ao próximo, conferindo grande importância à formação moral dos associados, que tinham responsabilidade solidária e ilimitada quanto a obrigações contraídas pela cooperativa. Além disso, os dirigentes da Caixa não recebiam remuneração, sendo enfatizado o caráter filantrópico e concedidos empréstimos a longo prazo.<sup>180</sup> Isto, segundo a autora, conferiria ao sistema de crédito um caráter essencialmente cristão.

Assim entendida, esta “fórmula ideal e cristã para o manejo do dinheiro” traz em seu bojo uma dimensão cultural e simbólica. Isto sugere a concepção das Caixas Rurais do Sistema *Raiffeisen* como mecanismos de desenvolvimento material e, ao mesmo tempo, “aparelhos de produção simbólica”,<sup>181</sup> isto é, são portadores de “poder simbólico”. Fazendo referência a Pierre Bourdieu, pode-se conceber tal poder como

---

<sup>180</sup> PINHO, Diva Benevides. A Doutrina Cooperativa nos Regimes Capitalista e Socialista. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1966, p. 45.

<sup>181</sup> Entende-se por aparelhos de produção simbólica os mecanismos onde se constituem as linguagens e representações por meio dos quais a cultura se apresenta como realidade própria e ocorre sob a forma de símbolos, ou seja, de um conjunto de significantes e significados, cuja eficácia reside na sua capacidade de ordenar e atribuir sentido ao mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações.

poder de construir o dado pela anunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização.<sup>182</sup>

A eficácia deste sistema simbólico reside justamente em sua capacidade em ordenar e dar sentido ao mundo natural e social. Em concordância com isso, o sistema de crédito, juntamente com outras atividades realizadas pelos jesuítas, pode ser concebido como veículo de transmissão e produção de bens simbólicos através do qual os princípios de solidariedade cristã e amor ao próximo veiculados pela *Volksverein* entravam em contato com os colonos, norteando suas práticas e influenciando suas formas de ver e conceber o mundo, bem como suas formas de atuar sobre ele e lhe conferir sentido. Apresenta-se assim o caráter social desta associação. Ela indica a seus membros os padrões comportamentais considerados certos, justos e bons pela comunidade e, portanto, que devem ser seguidos, assegurando assim a manutenção da ordem social. Não se trata de um código de normas estabelecido formalmente e composto por leis que prevêm sanções aos infratores, mas de um conjunto de princípios assegurados por forças como a consciência, moral, concepção de mundo e de justiça e policiados pelos demais membros da comunidade. Mas ao mesmo tempo, pode-se concebê-lo também como forma de manutenção do domínio religioso, no sentido que Roberto Romano, citado anteriormente, confere ao termo. Em outras

---

<sup>182</sup> BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. [trad. Fernando Tomáz] Portugal: DIFEL, 1989, p. 14.

palavras, este domínio se alicerçava sobre uma atuação religiosa na esfera material da vida dos fiéis, isto é, auxiliar nos problemas materiais dos colonos, seguindo o princípio cristão de “um por todos e todos por um”, conforme apontou o diretor da colônia Porto Novo. Isto era, portanto, uma maneira de atuar também na vida religiosa dos colonos, nos moldes do catolicismo social europeu.

Este catolicismo também se manifestou em outra associação formada pelos jesuítas e que, de certa forma, passou a coordenar as atividades dos católicos. Trata-se da *Volkverein Für die Deutschen Katholiken*, a Sociedade União Popular para Alemães Católicos.

#### 2. 4. *Volkverein*.

A *Volkverein*, denominação que a Sociedade União Popular para Católicos Alemães recebia entre os colonos, foi fundada no Congresso Católico de 1912, realizado em Venâncio Aires. Não era a primeira experiência do Pe. Theodor Amstad, SJ, um de seus fundadores, pois também havia sido o principal idealizador do *Bauernverein*, a Associação de Agricultores, de caráter não confessional e planejado para ser interétnica,<sup>183</sup> que organizara a colonização de Cerro Azul, (atualmente

---

<sup>183</sup> O caráter interconfessional e interétnico da Associação dos Agricultores é enfatizado por Arthur Rambo. Segundo ele, “pelos seus estatutos, foi a Associação dos Agricultores pensada como uma organização interétnica e interconfessional. As

Cerro Largo), predominantemente católica, e de Santo Cristo, composta por maioria Luterana, ambas no Rio Grande do Sul. O *Bauernverein* surgiu no *II Katholikentage* realizado em Santa Catarina da Feliz (Feliz, RS) em 1900 e seus objetivos direcionavam-se principalmente aos problemas econômicos e técnicos dos agricultores, visando auxiliá-los em suas lidas diárias. A associação preocupava-se com os preços dos produtos coloniais, com as técnicas de cultivo, reflorestamento, cuidados com a limpeza da água e preservação de fontes, conservação do solo, enfim, eram inúmeros auxílios referentes aos problemas dos agricultores. Uma das principais idéias defendidas pela associação era o cooperativismo, cujo principal protagonista foi o Pe. Theodor Amstad, SJ. Entretanto, em 1912 houve uma cisão na associação. Os católicos fundaram a *Volkverein*, uma associação de caráter confessional e os protestantes continuaram com o *Bauernverein*, com o nome de “Liga Colonial”.<sup>184</sup>

Como seu nome indica, a *Volkverein* era uma associação de católicos de fala alemã e se insere no conjunto de atividades desenvolvidas pelos jesuítas. Para sua compreensão, pode-se partir de uma

---

pretensões, portanto, não se limitavam à solução dos problemas dos teutos-brasileiros católicos apenas. Tratava-se de um projeto de promoção humana que não deveria excluir nenhuma das vertentes étnicas ou religiosas presentes no Rio Grande do Sul”. RAMBO, Arthur Blásio, A Sociedade União Popular In. *Perspectiva Econômica*, Vol. 27, Nº 79, Série Cooperativismo nº 32, 1992, p. 34.

<sup>184</sup> Uma análise mais detalhada acerca do *Bauernverein* pode ser encontrada no texto de Arthur Rabuske, SJ, Eles se empenharam... op. cit. e RAMBO, Arthur Blásio. Op. cit. Também há referências em FREITAS, Francisco E. de. op. cit. p. 77-83 e em LUTTERBECK, op. cit, p. 124-127.

auto definição, expressa por Carl Midderdorf numa brochura destinada a propagar a colônia Porto Novo na Alemanha:

A *Volkverein* é a associação dos católicos de fala alemã do Rio Grande do Sul, dos quais assume os problemas materiais e espirituais-culturais. A associação está legalmente constituída, sendo portadora dos direitos de pessoa jurídica. Trabalhos, objetivos, recursos bem como a administração estão previstos em estatutos. [...] No *'St. Paulusblatt'*, o periódico redigido e publicado mensalmente pela associação, são oferecidas aos associados muitas e importantes matérias de leitura como lições de economia rural, orientações espirituais e educação cívica. A *Volkverein* deve e pode assumir a representação dos anseios dos católicos de fala alemã, mesmo daqueles que ainda não se associaram, pois os frutos de seu trabalho vem para o bem de todos os associados e não associados. Por isso, espera que também aqueles que até o momento não se associaram entrem em suas fileiras.<sup>185</sup>

O autor a apresentou como uma associação de alemães católicos, e seus descendentes, e seus objetivos eram “assumir os interesses materiais, espirituais e culturais” dos associados. Para isso, suas atividades eram diversas: publicação de periódicos (jornais e almanaques), fundação de hospitais (Santas Casas Rurais), escolas e seminários; passou a realizar os *Katholikentage* (Congressos Católicos) e coordenar a *Sparkass*, a Caixa Rural União Popular, entre outras.

Esta definição se harmoniza com os esboços dos estatutos elaborados pelo Pe. Amstad, SJ, em 1912. Eles refletem o espírito que a norteou.

Sociedade União Popular para os Católicos do Rio Grande do Sul

Esboço de Estatutos

I- A finalidade da sociedade consiste em promover o bem-estar tanto material como espiritual dos católicos de descendência alemã no Rio Grande do Sul. A língua da sociedade é o alemão.

---

<sup>185</sup> MIDDELDORF, Karl., op. cit., p.46.

II- Qualquer católico que tenha completado dezoito anos pode-se tornar sócio.

III- Ao ingressar na sociedade cada sócio pagará 2\$000 e como contribuição anual nos anos subseqüentes 1\$000. Uma única contribuição de 30\$000 garante a condição de sócio vitalício e dispensa futuras contribuições anuais.

IV- As áreas de atuação da sociedade são: Pôr em prática as resoluções das assembléias gerais dos católicos; 2 preocupar-se com novas colonizações para católicos; 3. Desenvolver iniciativas católicas de beneficência e assistência, concretizadas na medida em que a necessidade o aconselhar; 4. Uma constante e geral promoção das escolas paroquiais católicas; 5. Difusão da boa imprensa e da boa leitura assim como a edição e a distribuição gratuita aos associados de uma publicação periódica; 6. A instrução popular mediante palestras e conversações ; 7. A intermediação de empregos e informações; 8. Assistência jurídica para os associados.

V. A organização: 1. Formar-se-á em cada paróquia da colônia alemã uma comissão integrada por homens de confiança oriundos das diversas picadas. Dentre eles será eleito um presidente.

N.B. Naqueles distritos, entretanto, em que já existe alguma associação católica de homens, a qual persegue no Distrito os mesmos objetivos que a Sociedade União Popular, não se fundará uma sociedade União Popular, caso a associação local se filie à Sociedade União Popular. No caso de católicos não filiados à associação local quererem associar-se à Sociedade União Popular, esses dirijam-se diretamente à diretoria central e a ela paguem as contribuições.

2. A diretoria central compor-se-á no mínimo de um presidente, de um seu substituto, de um secretário geral, de um tesoureiro e três conselheiros. O secretário geral terá sua residência permanente em Porto Alegre.

3. A assembléia de delegados e a assembléia geral da sociedade realizar-se-ão por ocasião de cada congresso geral dos católicos. Nessa oportunidade haverá eleição da nova diretoria da sociedade, ou então será confirmada a antiga. Na mesma ocasião haverá prestação de contas.

4. Além da assembléia geral ordinária é facultado ao presidente de toda a associação ou a maioria das diretorias das associações setoriais, convocar, a qualquer momento, por motivo relevante, uma assembléia geral extraordinária. Nela cada associação far-se-á representar por um delegado.

5. No caso de um sócio, apesar de avisado, ficar em débito com uma anuidade, considerar-se-á o mesmo desligado da Associação. Os sócios desligados da associação não tem direito ao patrimônio da mesma.

6. A dissolução da associação somente poderá ser decidida com uma maioria de 2/3 da assembléia dos delegados. Sobre o destino do patrimônio existente, decidirá a assembléia dos delegados que votou pela dissolução da associação.<sup>186</sup>

---

<sup>186</sup> *St. Paulusblatt*, 1912, nº 1, p.07. Apud. RAMBO. Arthur Blásio. Op. cit. p. 41 e 42.

Trata-se, portanto, de uma associação de leigos, idealizada e orientada por religiosos da Companhia de Jesus e que apresenta acentuado caráter confessional. Sua finalidade era abrangente e sua área de atuação ampla. Intimamente ligada com as Assembléias Gerais dos Católicos, cujas resoluções pretendia pôr em prática, a idéia que norteou a fundação da *Volksverein* era formar uma estrutura que abrangesse todas as comunidades em que se fizessem presentes descendentes de imigrantes alemães, fazendo com que pelo menos um representante participasse ativamente. Para isso, cada comunidade elegeria um delegado que participaria das reuniões ou assembléias, apresentando os problemas de sua comunidade e também propondo soluções e sugestões. Depois dos encontros, ele voltaria para sua comunidade e expor aos outros aquilo que havia sido decidido. Era também muitas vezes o responsável pela venda e entrega dos jornais e outros periódicos editados pela associação.

Outra figura muito importante para o funcionamento da associação era o Secretário Itinerante, ou o *Reisesekretär*, que até 1926 era um Jesuíta. Sendo inicialmente o Pe. Theodor Amstad, SJ, que devido a um acidente foi substituído no cargo em 1921 pelo Pe. Johannes Rick, SJ,<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup> Filho das Montanhas Tirolesas, o Pe. Johannes E Rick viu pela primeira vez a luz deste mundo em 19 de janeiro de 1869, em *Dornbirn, Voralberg*, onde seus pais tinham o restaurante "*Grienbaum*", e uma padaria. Quando atingiu idade adequada, sua mãe o levou pessoalmente a *Feldkirch*, na escola "*Stella Matutina*". Ali permaneceu o jovem Johannes Rick de 1882 até 1887, quando entrou para a Companhia de Jesus em *Blyenbeeck*, na Holanda, onde fez o noviciado durante dois anos. Dali seguiu para *Wynandsrade*, também na Holanda, onde por dois anos estudou Humanidades. Depois disso, permaneceu durante três anos em *Exaeten*, ainda na Holanda, e em 1894 voltou ao "*Stella Matutina*", desta vez como professor de matemática e ciências naturais. De 1898 a 1903 foi teólogo em *Walkerburg* e em

“nosso Dom Bosco”,<sup>188</sup> o secretário Itinerante percorria toda comunidade, sendo uma de suas atribuições, conforme escreve Lúcio Kreutz, cuidar das atividades das comunidades:

Não tendo nada a ver com uma mera função de secretário, o *Reisesekretär*, sem dúvida, foi o elemento estratégico na animação geral e na inspiração de novas iniciativas do Projeto Católico Regional. Com uma visão de totalidade e simultaneamente conhecedor da especificidade das picadas ou núcleos rurais, era ele quem articulava novas iniciativas, contornava desentendimentos e, especialmente, conjugava e canalizava os esforços comuns para objetivos comuns. Destacaram-se nesta função alguns jesuítas com muita habilidade, visão organizativa e liderança pessoal, bem ao gosto dos colonos. Para a geração mais antiga o *Reisesekretaer* rememora, ainda hoje (1984), uma figura quase mítica, mesmo 40 anos após sua cessação.<sup>189</sup>

A importância deste personagem no funcionamento da associação foi ressaltada também por Arthur Rambo, que a comparou ao caixeiro viajante:

O secretário-itinerante pode ser comparado, ressalvadas as peculiaridades específicas, a um outro personagem da época: o caixeiro viajante. Se o caixeiro viajante garantia o relacionamento entre as casas de comércio da capital e as mais afastadas picadas do interior, o secretário-itinerante encarregava-se em manter o fluxo constante entre a diretoria central da Sociedade União Popular e as comunidades do interior e dessas para com a diretoria central.<sup>190</sup>

Com relação ao *Reisesekretär* Theodor Amstad, SJ, escreve Arthur Rabuske:

---

setembro de 1903 veio ao Brasil lecionar em São Leopoldo, onde permaneceu em atividade até 1915. Depois disso foi missionário pelo interior do Rio Grande do Sul. Em 1922 foi chamado a continuar a obra iniciada pelo Pe. Theodor Amstad, substituindo-o como Secretário Itinerante da *Volkverein*.

Além desta atividade religiosa, seu nome atravessou as fronteiras brasileiras também como pesquisador da natureza, especialmente de insetos. RODHE, Maria. Op. cit. p. 113, 114 e 115.

<sup>188</sup> *Unser Dom Bosco* eram qualificativos atribuídos por RODHE, Maria, *Wie eine Frau* ... op. cit. p. 17.

<sup>189</sup> KREUTZ, Lúcio, op. cit. p. 76.

<sup>190</sup> RAMBO, *Ibidem*, p. 53.

ele conhecia a Colônia palmo por palmo ... pois a percorreu diversas vezes, em todas as direções da rosa de ventos, no lombo da mula. Sabe-se que, nessas suas andanças de povoado em povoado, por estradas primitivas, viajando uma média de 700 horas "a cavalo" por ano, o P. Amstad tenha coberto uma distância correspondente a três vezes a volta ao globo (pela linha do Equador).<sup>191</sup>

Deixando de lado este aspecto pitoresco, o que deve ser ressaltado, entretanto, é a maneira pela qual se estruturou a *Volksverein*. As intenções do Pe. Amstad ao apresentar os esboços dos estatutos eram, ao que parece, abranger todas as colônias alemãs do Rio Grande do Sul e incentivar a participação ativa de leigos de todas as comunidades. Esta idéia estava em sintonia com os princípios de Leão XIII. É o que escreve Maria Rohde:

Em 15 de fevereiro de 1922, em uma reunião geral da ordem religiosa em Porto Alegre, foram marcadas, pela primeira vez desde o fim da guerra, pelo Padre Rick os novos esforços e metas da *Volksverein*. Sob a direção geral da *Volksverein* deveriam se anexar todas as associações católicas. Satisfazer as intenções do grande Papa social Leão XIII, que deu à vida social católica Italiana seus estatutos, os quais deveriam servir de exemplo a nossa *Volksverein*.

Os pensamentos fundamentais dos Santos Padres eram os que seguem:

1- Concentração de todas as forças católicas dos países em direção a um mesmo objetivo: defender, conservar e fomentar a fé e a vida católica.

2- Dirigir a associação através de reuniões delegativas, comitês centrais e condutores de comissões.

3- Dividir territorialmente toda terra em ligas diocesanas e sociedades locais.

4- Atingir os objetivos da associação através de distribuições da ação da associação em diferentes seções com seus próprios diretores.

5- Incorporar as associações e ligas já existentes, especialmente aquelas que cultivam e tratam dos objetivos da ação católica.<sup>192</sup>

<sup>191</sup> RABUSKE, Arthur. Op. cit, p. 53.

<sup>192</sup> ROHDE, Maria. Wie eine Frau .... op. cit. p. 17.

Assim como o Pe. Amstad, seu sucessor, o Pe. Rick, partilhava de pensamentos não muito diferentes no que se referia a vida social católica e aos ideais e metas da *Volkverein*.

A respeito das atividades promovidas pela *Volkverein*, lia-se no Jornal “A Voz de Chapecó”:

A Sociedade União Popular para Católicos do Rio Grande do Sul. Associação civil de finalidades cívicas culturais, visando a assistência social e prática de filantropia, tem sido a grande patrocinadora de iniciativas benéficas, quer promovendo-as diretamente, sob sua responsabilidade jurídica, quer promovendo outras criações autônomas. Entre as realizações em que interveio diretamente, se contam um asilo para velhos e um hospital de caridade, com um patrimônio elevado e um núcleo colonial, afim de para ali escoar o excesso das antigas zonas coloniais do Rio Grande do Sul, cingindo-se, porém, exclusivamente, a vinda de agricultores católicos. Ainda uma série de iniciativas se contam entre seus méritos, como sejam, para só citar algumas: carteira gratuita de assistência a desempregados, combate às pragas das culturas e criação, assistência jurídica, etc... Foi ela quem fundou a extinta Sociedade Leprosária Riograndense, que, durante longos anos, procurou minorar o sofrimento dos infelizes humanos. Entretanto, entre as suas obras meritórias se destacam, em seu favor, as Caixas Rurais, que formam a mais importante organização do gênero, em toda América do Sul.<sup>193</sup>

Eram atividades bem vistas pelo jornal e se referiam a problemas dos colonos: saúde, velhice, problemas de cultivo das terras, questões econômicas e financeiras, além de assistência social e prática de filantropia. Sua atuação se estendia por toda região de colonização do Rio Grande do Sul e também do oeste catarinense, procurando contemplar todas as esferas da vida do colono, promovendo o caráter associativo e assistencial.

---

<sup>193</sup> Fundação de uma cooperativa de crédito. *A Voz de Chapecó*. 27/02/1949, n.º 224, p.5 (Biblioteca Pública Estadual).

Este esforço em promover o caráter associativo e assistencial era, como já citado anteriormente, resultado de um novo estilo de catolicismo, mais voltado para os problemas materiais dos colonos, sendo muito influenciado pelo meio do qual saíram os jesuítas e também das instituições existentes na Alemanha. Uma destas instituições era a *Volksverein* da Alemanha, fundada por Windhorst em 1890, em cujos objetivos se inspiraram os católicos descendentes de alemães do Rio Grande do Sul.

Ao lado do falso esforço da social-democracia, a *Volksverein* prossegue como sua principal missão, a direção da reforma social, o erguimento da situação econômica e social das classes profissionais menos favorecidas.[...] Mas o movimento de reforma social das grandes massas do povo necessita de dirigentes sensatos e responsáveis.<sup>194</sup>

Mas na Europa, os problemas enfrentados eram bem diferentes dos do sul do Brasil e, talvez por isso, as áreas de atuação tenham sido diferentes. Mas os princípios que as nortearam parece que não se diferenciavam muito. Também na Alemanha se investia no associativismo e se propunham soluções assistenciais, dos quais os círculos operários do Bispo Ketteler são um bom exemplo: uma forma de auxiliar os trabalhadores e ao mesmo tempo combater as idéias comunistas e os desdobramentos do liberalismo. Assim também os jesuítas que se

---

<sup>194</sup> Der Volksvereinfür katholische Deutschland. Der Volksverein im Jahre 1899; entnommen aus: Verhandlungen der 47. Generalversammlung der Katholiken Deutschlands zu Bonn vom 2. Bis 6. September 1900, S. 356-361. In: HEINEN, Ernst.[Horg.] Staatliche Macht und Katholizismus in Deutschland. Bd. 2. Dokumente des politische Katholizismus von 1867 bis 1914. Paderborn: Schöning, (Sammlung Schöningh zur Geschichten und Gegenwart), 1979, s. 233.

instalaram junto aos imigrantes alemães do Rio Grande do Sul pretendiam auxiliar os colonos, desenvolvendo atividades com acentuado caráter associativista e assistencial. Neste sentido, uma das atividades que merece destaque especial, “quicá por haver-se revelado das mais importantes”,<sup>195</sup> foi a formação do núcleo colonial, Porto Novo, cuja idéia também já constava no esboço dos estatutos da associação apresentado no Congresso Católico de Venâncio Aires pelo Pe. Amstad, SJ.

---

<sup>195</sup> LUTTERBECK, SJ. op.. cit. p.126.

### CAPÍTULO III

#### IDÉIAS E PLANOS NA FORMAÇÃO DE UMA COLÔNIA ÉTNICA E RELIGIOSAMENTE HOMOGÊNEA.

Com a fundação da *Volksverein* nasceu também a idéia de organizar uma colônia formada exclusivamente por descendentes alemães de religião católica. A intenção era colonizar terras no estado do Rio Grande do Sul “onde já existiam escolas e Igrejas”.<sup>196</sup> Mas isto se mostrou inviável devido aos preços da terra. Além disso, o então governo do Rio Grande do Sul parece não via com bons olhos uma colonização formada exclusivamente por alemães católicos. É o que escreve o Pe. Rick, SJ:

Numa consulta do Sr. Alberto Bins ao Governador do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, pronunciou-se este disposto a colocar terras a venda para os católicos alemães. Por causa disto fizemos um requerimento por terras, situadas perto de Santa Rosa e Três Arroios. Entregou-se essa petição ao Dr. Borges de Medeiros, mas ela acabou não tendo qualquer resposta. Fui eu mesmo, por quatro vezes, a palácio por motivo desta situação. Desculpava-se Sua Senhoria de cada vez com o fato da falta de medições.

Na minha última visita, disse-lhe eu sucintamente que pouco se nos dava da circunstância de a medição fazer-se um ano mais cedo ou um ano mais tarde, sendo nosso desejo termos uma resposta decisiva no sentido de realmente podermos esperar a recepção de tais terras...

E ela não veio. O homem a impedir o negócio, era o Dr. Carlos Torres Gonçalves, inimigo dos “alemães” e pessoa hostil aos católicos.<sup>197</sup>

---

<sup>196</sup> ROHDE, Maria, Wie eine Frau .... op. cit. p. 24.

<sup>197</sup> RICK, SJ, João Evangelista. Colonização Alemã Católica no Sul do Brasil. In. Pesquisas: História Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas. N 27. São Leopoldo: 1989, p. 117.

A alternativa que se lhes apresentou, portanto, foi a colonização de terras do oeste catarinense, que eram apresentadas como férteis e baratas.

O plano de formar uma colonização fechada somente para pessoas alemãs, cujo modelo todos aprovaram, começou com dificuldade, mas muito bem feito. Baseada no velho Bauernverein que criou a colônia Serro Azul, a idéia não foi nova para a Volksverein. Já nos anos 1916-17 o pensamento estava maduro e pairavam negociações com a Companhia Colonizadora Luce, Rosa e Cia, e a Volksverein provavelmente teria a disposição um vasto território para formar uma colonização, bastante a leste da atual colônia Porto Novo.<sup>198</sup>

Com o advento da I Guerra Mundial, os planos da *Volksverein* foram abalados e o negócio com a colonizadora Luce, Rosa e Cia. não foi realizado. Mas ao que tudo indica, pairavam outras relações entre a *Volksverein* e esta colonizadora. Havia entre eles uma espécie de acordo que envolvia a formação da colônia de Três Arroios. A Sociedade União Popular dava seu aval acerca da fertilidade do solo e condições de colonização em troca a colonizadora formaria a colônia de Três Arroios exclusivamente com alemães católicos. Assim, a idéia de uma colônia homogênea finalmente parecia se realizar. Entretanto, a colonizadora não seguiu o acordo e acabou vendendo terras a italianos.<sup>199</sup> Mas a idéia de formar uma colonização de alemães católicos não morreu e dez anos mais tarde, no 12<sup>a</sup> Congresso Católico, realizado em Novo Hamburgo em 1926, a primeira compra de terras já havia sido concretizada, depois de diversas

---

<sup>198</sup> METZLER, Franz., p. 10. O fragmento transcrito encontra-se também em ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* Op. cit. p. 20.

<sup>199</sup> O fato é analisado mais detalhadamente por ZILLES, Maria. Porto Novo: Uma colônia para Teuto-Católicos no Processo de Expansão Colonial no Sul Brasileiro (1912 – 1933). Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Católica do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

viagens da comissão de terras da *Volksverein* para verificar as condições e a fertilidade das terras da Empresa Chapecó Peperly Ltda. A decisão fora tomada numa reunião de delegados realizada em 26 e 27 de abril de 1925 em Santa Cruz do Sul. A compra da primeira parte da terra foi realizada no dia 28 de janeiro de 1926, numa reunião da qual participaram Jacob Becker e o Pe. Johannes Rick SJ, como representantes da *Volksverein*, e o Pastor Luterano Hermann Faulhaber, diretor da Empresa Chapecó Peperly Ltda.<sup>200</sup> Mais tarde foi comprado o restante das terras, perfazendo um total de 583.975.705,40 metros quadrados.<sup>201</sup> O dinheiro necessário para a compra e a formação da Colônia Porto Novo foi conseguido graças a Central das Caixas Rurais, fundada neste ano, pois uma Caixa Rural sozinha dificilmente teria tão grande quantia, mas todas juntas, reunidas na Central, puderam disponibilizar os recursos necessários.

As terras deveriam ser divididas em pequenas propriedades rurais, em moldes não muito diferentes dos lotes das antigas colônias. Isto resultaria numa estrutura fundiária ideal para o desenvolvimento da vida comunitária dos colonos. 25 hectares seria terra suficiente para uma família se estabelecer, sobreviver e até progredir. Pequenas comunidades, com lotes não muito distantes de um pequeno centro com igreja e escola, talvez ainda uma venda e salão de festas seria o cenário ideal para a nova

---

<sup>200</sup> Neste dia a *Volksverein* comprou os primeiros 100 lotes coloniais, reservando-se o direito de preferência para comprar mais 900. KOELLN, op. cit. p. 57.

<sup>201</sup> METZLER, Franz, apud ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* op. cit, p. 21.

colônia da *Volksverein*. Lúcio Kreutz chama atenção para a importância da estrutura das pequenas comunidades ou linhas coloniais<sup>202</sup>.

Insisto na explicitação a estrutura física destes núcleos coloniais, pois eles são a base sem a qual a rede de organizações socioculturais e religiosas a animar e caracterizar a vida dos colonos, praticamente sem a marginalização de ninguém que compusesse esta comunidade rural. Previa-se a participação de todos na igreja, escola e associações, inclusive com trabalhos concretos.<sup>203</sup>

A estrutura ideal seria, portanto, aquela que mais facilitasse a integração dos moradores, mesmo os mais distantes, à comunidade, isto é, à participação dos eventos, religiosos ou não. Por isso seria importante organizar as linhas coloniais de modo que as comunidades não distanciassem muito uma das outras e os lotes estivessem próximos do centro da comunidade, onde havia a igreja e a escola. Dever-se-ia observar a distancia de 4 a 5 quilômetros, tida como viável para uma criança em idade escolar percorrer para ir a escola. Assim, a topografia de Porto Novo permitia mais facilmente a implantação do Sistema de Travessão, também conhecido como “espinha de peixe”,<sup>204</sup> para a

---

<sup>202</sup> Linha colonial, as vezes também denominadas de “picadas”, eram as linhas ou estradas pelas quais seguia a colonização. Abria-se uma estrada na floresta, geralmente ao longo do leito de um pequeno rio, a partir da qual se mediam os lotes coloniais, de 25 hectares. Nestas linhas se fundavam as “comunidades”, que eram grupos de moradores, com suas propriedades rurais localizadas próximas umas das outras, que construíam uma igreja, escola, salão de festas. (As empresas colonizadoras geralmente já destinavam um local para a construção da igreja e escola). Assim, uma linha colonial podia ter mais de uma comunidade, dependendo da estrada e do rio.

<sup>203</sup> KREUTZ, Lúcio. Op. cit. p. 57.

<sup>204</sup> KREUTZ, op. cit, p. 56.

distribuição dos lotes. Segundo Kreutz, que analisou este sistema nas antigas colônias,

a um travessão central se ligavam transversalmente os lotes, sendo que normalmente o travessão era planejado ao longo de um curso de água de modo que as casas e benfeitorias ficassem próximas ao mesmo. Era comum que os lotes tivessem uma testada de 200 metros ao longo dos caminhos ou linhas. O comprimento dependia da topografia. E, na medida do possível, cada lote deveria ter acesso ao curso de água. O mais importante era o núcleo para o qual convergia o travessão. Este núcleo deveria ter as condições básicas para a integração dos habitantes desta área, ou como então se dizia, para o desenvolvimento *comunitário*. A partir destes núcleos foram surgindo as vilas ou sedes distritais.<sup>205</sup>

Segundo o autor, este sistema foi sendo substituído nas colonizações do alto Uruguai formadas no início do século XX, as quais “tomavam a forma de cruz, em que as duas linhas centrais de cruzamento eram de 8 km, anexando-se ainda duas linhas laterais de apenas 4 km na ponta das duas”.<sup>206</sup> No entanto, a observação dos mapas da colônia Porto Novo indica que a idéia era utilizar, inicialmente, o sistema “espinha de peixe”. Mais tarde poderiam ser construídas mais estradas que ligassem os travessões. Estes seguiriam os leitos dos pequenos rios, afluentes do rio Uruguai, interior adentro. Em cada margem construir-se-ia uma estrada, de modo que os lotes, que seriam medidos a partir de cada margem do rio, teriam acesso a água e estrada. Assim, seguindo os rios acima, partindo do Uruguai, poderiam se formar diversas comunidades, não muito distantes uma da outra.

---

<sup>205</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>206</sup> Idem, *ibidem*.

Os lotes seriam vendidos a colonos, sendo privilegiados os descendentes de imigrantes alemães de religião católica e dificultado o acesso a terra por parte de colonos que não fossem desta confissão e que não falassem este idioma. Com esta triagem, pretendia-se formar uma comunidade étnica e religiosamente homogênea. Mas as atividades orientadas pelos jesuítas não se restringiriam somente a venda de lotes coloniais, abrangendo também o incentivo e organização de escolas, seminários e hospitais, além de inúmeras associações direcionadas à vida social e cooperativas que visavam o desenvolvimento econômico. Com isso, pretendiam “assumir os interesses materiais, espirituais e culturais” dos associados. É o que se pode pensar a partir da seguinte citação que, de certa forma, sintetiza o sentido da formação da colônia Porto Novo.

A colonização de Porto Novo não é um empreendimento comercial. Não visa a especulação financeira e segue unicamente o programa de colonização. A *Volkverein* persegue objetivos colonizatórios, econômicos e culturais. A serviço da religião e da boa identidade do povo, visa colonizar as terras com agricultores católicos de fala alemã.<sup>207</sup>

A referência a “boa identidade do povo”, o *Volkstum*, e a religiosidade católica se faziam freqüentemente presentes nos discursos e nas práticas da *Volkverein*. A importância de se preservar a língua alemã dos colonos, a necessidade de seus filhos freqüentarem a escola para não

---

<sup>207</sup> MIDDELDORF, op. cit, p.07.

perderem sua fé católica e “regredir à superstição”,<sup>208</sup> a importância de participar das associações como forma de manter “o espírito comunitário”<sup>209</sup> e o cooperativismo como fórmula de desenvolvimento econômico eram os principais pensamentos sociais que norteavam as práticas dos jesuítas e, por extensão, da *Volksverein*. Visava-se com isso alcançar um determinado estilo de vida social no qual a idéia de etnia e religião eram quase que inseparáveis e ocupavam um lugar fundamental. A etnia era a alemã e a religiosidade, a estabelecida nos moldes do Concílio de Trento, um catolicismo romanizado e racionalizado. Isto permite pensar que as práticas dos agentes religiosos, bem como as representações acerca do mundo social mobilizadas em seus discursos, visavam atender um grupo social específico, cuja fronteira baseava-se num princípio étnico.

Entretanto, as atividades dos jesuítas, ao se voltar somente a um grupo social, parecem paradoxais se forem analisadas tendo em mente os princípios universalistas da Igreja Católica. Se analisada como um todo, não se percebe na Igreja preocupações com grupos específicos, pois sua mensagem religiosa visa abranger a totalidade da sociedade e não grupos sociais ou étnicos específicos. Levando isto em consideração, o problema que se apresenta, portanto, é como compreender a atuação dos jesuítas e o

---

<sup>208</sup> POCHMANN, Julius. Falches Sparen an der Schule. In. Metzler, Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro. p. 128 e 129.

<sup>209</sup> MIDDEIDORF, Karl. Op. cit. p. 13.

projeto de formação da colônia Porto Novo, que visava atender os interesses de um grupo em particular, os imigrantes alemães e seus descendentes?

Uma questão não muito diferente também foi percebida em outras regiões e analisada por alguns pesquisadores. Suas conclusões geralmente estão em sintonia com a idéia de que religiosos católicos não teriam preocupações em preservar a etnicidade de grupos particulares. Não obstante, tais pesquisas fornecem também pistas para se pensar o problema. É o caso da pesquisa de Giralda Seyferth em seu estudo acerca da identidade étnica e o nacionalismo no Vale do Rio Itajaí.

Sob todos os aspectos, prevaleceu na comunidade católica o ideal religioso, mas de modo algum se pode afirmar que o *Deutschtum* fosse ignorado por ela. Manter *fé e religiosidade* (nessa ordem) também foi a norma dos teuto-brasileiros católicos, e a língua alemã era considerada o principal veículo dessa manutenção. [...] A assimilação era considerada uma ameaça à devoção do teuto-brasileiro, “porque entre os luso-brasileiros a frequência à igreja se limita às mulheres; os homens não vão à missa, problema que não existe entre os teutos, especialmente os badenses”.

O *Deutschtum* (Germanismo), então, passa a ser um meio de preservar a religiosidade e a piedade dos colonos teuto-brasileiros. Não tem a conotação puramente germanista, mas se refere, aqui, às qualidades e índole alemãs e à língua materna alemã. Mesmo prevalecendo o interesse religioso, é dada alguma importância à consciência étnica. No caso dos evangélicos, as duas coisas se equivalem.<sup>210</sup>

Seyferth sugere que a religião era a prioridade entre os católicos, ou seja, a “fé” antes da “nacionalidade” e assim as preocupações com as características culturais de um grupo étnico em particular são concebidas não como um fim em si mesmo, mas como um meio para se alcançar um

---

ideal de religiosidade. Neste caso, a autora procura vinculá-lo a determinadas qualidades da população descendente de alemães, como por exemplo a frequência em ir a missa.

A idéia de um ideal religioso se faz presente também em outro estudo, bem mais antigo. Emílio Willems, escrevendo nos anos 40 acerca da assimilação da população descendente de imigrantes alemães, também enfatizava que alguns sacerdotes apresentavam uma atitude negativa perante a “assimilação” dos imigrantes e seus descendentes

Vemos mais de um vez que a atitude negativa de alguns sacerdotes alemães (naturalmente não de todos), em relação à assimilação dos colonos, é determinada pelo ideal religioso, e não pela vontade de conservar ou difundir determinadas idéias étnicas ou nacionais.<sup>211</sup>

Desta forma, enfatiza-se que a preocupação, por parte de sacerdotes católicos, em manter a etnicidade de um grupo é orientada por um ideal de religiosidade. Partindo disso, pode-se pensar que as atividades dos jesuítas e a formação da colônia Porto Novo também envolvia tal ideal, mas neste caso amparado por determinadas concepções acerca de como deveria ser sua vida em sociedade. Este pensamento se reforça na medida em que se entra em contato com alguns textos veiculados pela *Volksverein* em seus meios de comunicação

---

<sup>210</sup> SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 146.

<sup>211</sup> WILLEMS, Emílio. Assimilação e populações Marginais no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 250.

A *Volksverein* não podia contemplar passivamente como os camponeses alemães riograndenses eram induzidos, através da propaganda de empresas privadas, a se instalar em colônias com diferentes nacionalidades e religiões. O espírito de intolerância em relação a nacionalidade e religião não está presente em seu modo de pensar e em sua atitude. Somente foi decisiva a preocupação em relação ao bem-estar espiritual e cultural do colono emigrado. Comunidades paroquiais, escolas, fundamentos cooperativos, mesmo a instituição de associações recreativas são possíveis somente dentro de povos e religiões uniformes e são benéficas para a sociedade. E se também um colono viver em meio a vizinhanças parcial ou totalmente estranhas poderá obter do mesmo modo boas colheitas. Isto significa sufocar no materialismo, se a gente quiser obter somente boas colheitas e acabar nisso. Um tal materialismo teria efeito devastador diretamente sobre a descendência. As colônias, nas quais há mistura de credo e de povos são o maior perigo para a religião e cultura vindoura, especialmente para a descendência em crescimento. Esta foi, provavelmente, a maior preocupação da *Volksverein* na formação da colônia.<sup>212</sup>

O texto escrito por Franz Metzler, citado anteriormente, enfatiza que a vida comunitária não está relacionada somente com a esfera material, pois “o colono que viver em meio a vizinhanças estranhas pode obter boas colheitas”, mas isso significa “sufocar no materialismo”. Para evitar este materialismo a solução apontada pelo orador é promover sociedades homogêneas, nas quais não há mistura de nacionalidades nem de religiões. Somente nestas sociedades é que seria possível a vida comunitária e harmônica. “É válido o princípio orgânico: o descendente alemão com o alemão, o católico com o católico. Somente assim pode-se formar e permanecer com êxito o que é o mais indispensável para a prosperidade: o modo de pensar comunitário”.<sup>213</sup> Neste caso, a

---

<sup>212</sup> METZLER, op. cit. p. 11. O fragmento também foi citado por ROHDE, Maria, *Wie eine Frau...* op. cit, p. 20.

<sup>213</sup> MIDDELDORF, op. cit., p.13.

homogeneidade étnica e religiosa é parte essencial dos pensamentos sociais norteadores das atividades da *Volksverein* e a preocupação era evitar a mistura de nacionalidades e de religiões para estabelecer um “modo de pensar comunitário”<sup>214</sup> e, com isso, preservar a “cultura vindoura”.<sup>215</sup>

Formar comunidades homogêneas não era pensamento exclusivo dos idealizadores da colônia Porto Novo. Este pensamento era também a promessa e estratégia das empresas de colonização privadas, pois isto trazia inúmeras vantagens e menos custos, além do que, os colonos preferiam se estabelecer em tais linhas coloniais. Mas parece que para os jesuítas, a homogeneidade não tinha um caráter meramente funcional, constituindo-se num dos fundamentos da vida em comunidade. Esta idéia, entre os jesuítas, era bastante antiga. Veja-se, por exemplo, a correspondência de um dos primeiros jesuítas de língua alemã da Ordem Restaurada que foi ao Rio Grande do Sul, o Pe. Lipiski, SJ. Naquela época, 1851, ele já havia mencionado os perigos dos “casamentos mistos” e os progressos da colônia de São José do Hortêncio, onde “a população não vivia misturada com os protestantes”.<sup>216</sup>

Entretanto, esta preocupação com a homogeneidade étnica, ou seja, com a preservação de traços culturais do descendente alemão, conferiu à

---

<sup>214</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>215</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>216</sup> LUTTERBECK, SJ, *op. cit.* p. 38 e 39.

Companhia de Jesus um certo mal-estar em relação ao Bispo de Porto Alegre, D. João Becker. Na ocasião da I Guerra Mundial, o Bispo, que era alemão nato e ex-aluno do Pe. Johannes Rick, SJ, seguindo as diretrizes do clero nacional, que ordenava a “mais completa adesão dos párocos à política externa brasileira”<sup>217</sup> e “impunha a obrigatoriedade do ensino do português em todas as escolas católicas situadas na zona rural”,<sup>218</sup> provocou insatisfações entre os jesuítas, a ponto de o Pe. Balduino Rambo, SJ o acusar de traidor de sua germanidade. O fato vem registrado na tese de Artur César Isaia, que cita a insatisfação do Pe. Rambo:

Este Homem, nascido em Winterbach, Hunsrueck, cujos pais não conheciam o português e cuja formação toda provinha do alemão, cujas Cartas Pastorais foram respingadas de livros alemães, negou e traiu sua germanidade de maneira mais desavergonhada.<sup>219</sup>

Desta forma, evidencia-se a preocupação dos jesuítas em preservar os bens culturais dos descendentes de alemães, ou o modo de ser destes colonos, o qual incluía a língua alemã. Para isso, a melhor maneira vislumbrada seria direcionar os colonos a um lugar “onde todos seriam

<sup>217</sup> ISAIA. Artur César. O Cajado da Ordem. Catolicismo e projeto político no Rio Grande do Sul: D. João Becker e o autoritarismo. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1992, p. 71.

<sup>218</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>219</sup> Anotações do Padre Balduino Rambo, S.J, 18 de junho de 1946. apud ISAIA, *ibidem* p. 71.

semelhantes”, o que não causaria transtornos para o “corpo e para a alma”.<sup>220</sup>

Os perigos foram expostos no Congresso Católico realizado em Porto Novo em 1934. Na palestra intitulada “Fontes de perigo para o corpo e para a alma”, que não era a única a tratar deste assunto, expõe-se explicitamente o que seria o maior perigo:

Eu nomeio como primeira e principal fonte de perigo para a perda da fé, seu enfraquecimento e a negligência religiosa: as colônias ou colonizações mistas do nosso Brasil tão belo e cordial.

Quando eu digo colônias mistas, me refiro em primeiro lugar às colônias com mistura de confissões, mas também com mistura de nacionalidades.<sup>221</sup>

De acordo com o orador, as colônias mistas traziam muitos problemas à religiosidade do colono. No que se refere a mistura de confissões, o principal perigo residia nos casamentos.

Se numa colônia estiverem vários credos, não deixarão de acontecer casamentos mistos, que são tão veementemente condenados pela mais sábia instrutora dos povos, a igreja católica. Conforme mostra a experiência, na maioria das vezes diminui o número de católicos. Eles se tornam infiéis e enfraquecem em sua fé e poucas vezes ou nunca praticam a fé católica. É impossível manter as crianças, mesmo sendo batizadas na igreja católica, numa verdadeira educação católica. Também, nestas colônias não podem ser fundadas escolas com orientação religiosa. Desta forma, as crianças crescem sem instrução religiosa e, mesmo vivendo em paz e harmonia religiosa, é muito fácil se estabelecer a perigosa indiferença religiosa. É certo que ‘todos cremos num único Deus’, mas assim o pensar e sentir católico enfraquece cada vez mais.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> SCHUHEN, Polykarp. Gefahrenquellen für Leib und Seele. In. METZLER, Franz. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1934.

<sup>221</sup> Idem, ibidem, p. 116.

<sup>222</sup> Idem, ibidem, p. 116 e 117.

Já no que se refere a mistura de nacionalidades, o que mais se temia era a ausência do “espírito comunitário”, ocasionado pelo desconhecimento da língua. O convívio, por exemplo, de descendentes de alemães com italianos numa mesma comunidade dificultaria a comunicação entre eles, o que tornaria quase impossível o “espírito comunitário”. Também o serviço religioso sairia prejudicado, pois não poderia ser celebrado na língua conhecida pelos colonos. A celebração em português também mostrava-se problemática, pois muitos não conheciam a língua nacional. A melhor solução seria, portanto, a formação de colônias homogêneas onde todos falassem o alemão e onde o culto religioso poderia ser celebrado na língua conhecida dos colonos.

Também as colônias com mistura de nacionalidades são, em menor grau, um perigo para a religião. Não por ser a língua ou a nacionalidade em si um perigo, pois um católico é católico em todos os lugares, abrange todos os povos e todas as nações, ou como se diz hoje em dia, é internacional. Mas nas colônias de nacionalidade mista, falta geralmente o espírito comunitário, o serviço religioso coletivo, que especialmente neste grande e abençoado Brasil é o apoio da fé. Se viajarmos pela região de colonização se percebe que nos lugares em que é praticado o serviço religioso coletivo, onde há a participação de todos, é que se mantém a fé. Nas colônias, especialmente nas novas colônias, em que se encontram muitos colonos que ainda não conhecem a língua deste hospitaleiro Brasil, o serviço religioso não deve ser celebrado na língua nacional. Estes, dos quais se encontra muitos, ficam bem distantes com a desculpa: ‘Ach! eu não entendo nada!’. Aqueles que ficam distantes do serviço religioso, enfraquecem e se tornam negligentes e incrédulos.<sup>223</sup>

A ausência do espírito comunitário é considerada uma ameaça à fé. Este princípio é válido, de acordo com o palestrante, não somente para as colônias de descendentes de alemães, mas também para as de

---

<sup>223</sup> SCHUHEN, Polykarp. Op. cit. p. 117.

descendência polonesa, italiana, russa, e assim por diante. Assim, “depois de alguns anos tem-se verdadeiras escolas e colônias alemãs-brasileiras ou ítalo-brasileiras”.<sup>224</sup> Pode-se notar que a idéia era preservar as características dos grupos étnicos, sejam descendentes de alemães, de italianos, poloneses, com o objetivo de evitar que os fiéis “regredissem à superstição”<sup>225</sup>, isto é, manter sua fé e hábitos católicos.

“Regredir à superstição” estava intimamente associada ao catolicismo tradicional e festivo luso-brasileiro, que deveria ser evitado ou substituído por algo mais “sério e rígido como o clima alemão”.<sup>226</sup> É o que se explica na palestra de Maria Rohde intitulada “Um voto de lealdade à maneira de ser de nossos antepassados”, proferida no referido Congresso Católico de Porto Novo, de 1934.

Ancorados firmemente em nossa bela pátria brasileira, lembramos orgulhosos nossa descendência alemã e nos reconhecemos fiéis à nossa religião católica e a nossa maneira de ser alemã. O que nossos pais celebraram antigamente, isso nós também ainda hoje celebramos. O que fazia seu orgulho, também faz hoje o nosso e como eles trabalhavam, assim também nós hoje o fizemos. Fidelidade e honestidade, este era seu lema e também deve ser o nosso.

O que eles celebraram?

Páscoa, festa do Espírito Santo, Natal! Onde estas festas da igreja eram celebradas mais séria e elevadamente a não ser nas terras alemãs? Não na colorida e comemorativa florescência, em alegrias jubilares como as da terra do sol, onde o propício sul deixou brotar uma vida fácil aos homens. Mas sim séria e rígida como o clima alemão, como toda a vida alemã, também as festas religiosas e mundanas são

<sup>224</sup> Idem, ibidem, p 118.

<sup>225</sup> POCHMANN, Julius. Falches Sparen an der Schule. In. Metzler, Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro. p. 128 e 129.

<sup>226</sup> ROHDE, Maria Treugelöbnis... op. cit, p. 142 e 143.

comemoradas à maneira alemã. A luta pela existência nas terras alemãs sempre foi difícil, pois o espaço se reduzia e a situação exigia toda força das pessoas. Esta luta, este permanente conflito, forjou esta gente, a comprovou perante o amolecimento.<sup>227</sup>

Manter-se fiel à “maneira de ser alemã”, com seu modo de celebrar a missa, assim como festas populares e religiosas, parece ter sido este o sentido da homogeneidade. Ela se revestia de significados religiosos.

A compreensão da atuação dos jesuítas ao projetar a colônia Porto Novo é facilitada se se leva em consideração alguns conceitos desenvolvidos por Bourdieu acerca do funcionamento do campo religiosos. Neste sentido, pode ser proveitoso a idéia de

trabalho religioso realizado pelos agentes e porta vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados.<sup>228</sup>

De acordo com este pensamento, os jesuítas aparecem como “os porta vozes especializados” dos interesses de um grupo social específico, “com um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados”. Neste caso, as necessidades ultrapassam a esfera propriamente religiosas e se direcionam aos problemas materiais, mais próximos da realidade do grupo social. Por outro lado, visam atender os interesses do próprio grupo de agentes religiosos de manter os fiéis na fé católica, ou se se preferir na

---

<sup>227</sup> ROHDE, Maria Treugelöbnis... op. cit, p. 142 e 143.

<sup>228</sup> BOURDIEU, op. cit. p 79.

terminologia de Bourdieu, manter o “monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”.

Assim, pode-se pensar que o objetivo último do projeto de Porto Novo era direcionar a colonização a uma determinada região, o oeste catarinense, onde havia terras férteis, cobertas por densa floresta e, o que era importante, afastadas das “influências nefastas do ateísmo e da imoralidade”,<sup>229</sup> para ali fundar comunidades paroquiais, escolas, cooperativas e associações recreativas. Isto seria uma forma de evitar a “miscelânea” étnica e religiosa, considerada “o maior perigo para a religiosidade e a boa identidade do povo, especialmente da descendência em crescimento”.<sup>230</sup> Evidencia-se desta forma o caráter utópico da colonização: formar uma comunidade “pura”, um “reino colonial”<sup>231</sup> fechado às influências maléficas, sem impurezas, talvez tendo ainda na memória a “antiga herança Jesuítica das reduções dos Sete Povos ou da região missioneira”,<sup>232</sup> onde “florescessem as virtudes cívicas e

---

<sup>229</sup> SCHUPP, Ambros, Die Deutsche Jesuiten-Mission in Rio Grande do Sul. Widerherstellung und herausgabe von Pater Arthur Rabuske, S.J. São Leopoldo: UNISINOS, 1974 ( Separata do SKT Paulusblatt) apud. KREUTZ, Lúcio. op. cit., p. 69

<sup>230</sup> METZLER, op. cit. p. 11. O fragmento também foi citado por ROHDE, Maria, Wie eine Frau...op. cit, p. 20.

<sup>231</sup> MIDDELDORF, op. cit. 4

<sup>232</sup> RABUSKE, Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia Alemã do Rio Grande do Sul. In: Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão Organizadora do Simpósio, 1974, p. 37.

religiosas<sup>233</sup>” sendo a homogeneidade étnica seu fundamento. Um idílio onde os colonos descendentes de alemães pudessem cultivar seus campos e jardins, celebrar seus cultos religiosos e festejar, tudo na “maneira alemã”,<sup>234</sup> longe dos perigos que abundam na modernidade. Tem-se, assim, um projeto que não se distancia muito dos ideais do romantismo europeu, dos de Rousseau que valorizava a vida simples no campo, de Herder que via no povo a força que move a história ou dos de Novalis que exaltava os hábitos religiosos da Idade Média. Mas isto não significa que a *Volksverein* pretendia manter os colonos num atraso ou que pretendiam uma volta ao passado, mas sim que os colonos deviam progredir economicamente, por isso a *Sparkass*, sem esquecer os valores e a religiosidade católicos, ou citando as palavras de Franz Metzler, para não “sufocar no materialismo”.<sup>235</sup>

Percebe-se, assim, que a idéia de uma comunidade homogênea se reveste de um significado utópico. Conforme Teixeira Coelho, a imaginação utópica, “é um pro-jeto, algo que o homem lança à sua frente para, a seguir, partir em busca de sua consecução”.<sup>236</sup> Ela surge

de fatores subjetivos produzidos, num primeiro momento, apenas no âmbito do indivíduo. Mas, a seguir, ela se nutre dos fatores objetivos

---

<sup>233</sup> MIDDELDORF, op. cit. 4.

<sup>234</sup> ROHDE, Maria. Treugelobnis ... op. cit.

<sup>235</sup> METZLER, op. cit. p. 11. O fragmento também foi citado por ROHDE, Maria, *Wie eine Frau...* op. cit, p. 20.

<sup>236</sup> COELHO, Teixeira. op. cit, p. 10.

produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem para o diferente a existir amanhã. Não é fantasia inconseqüente (pelo contrário: deve ter seqüência), mas tampouco se deixa nortear ou corrigir pelo dia-a-dia, pelo terra-a-terra: seu lastro é o da realidade da própria antecipação visada, a única realidade plausível que existe”.<sup>237</sup>

Em concordância com isso, pode-se pensar que a idéia de formar a colônia surgiu “de fatores subjetivos”<sup>238</sup> produzidos no âmbito de indivíduos como Pe. Max Von Lassberg, Pe. Amstad e Pe. Rick, influenciada talvez, pela memória das antigas reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões. Em seguida “nutriu-se de fatores objetivos”, uma leitura ou interpretação da “realidade” dos colonos, como a falta de terras, migração para colônias ditas “mistas”; guiou-se “pelas possibilidades objetivas e reais do instante”,<sup>239</sup> formar uma colônia homogênea no oeste catarinense. A imaginação utópica é, portanto, propositiva: “as coisas, que devem acontecer daquela maneira, *poderão* acontecer *se o homem quiser*; o homem necessita querer, mas pode não fazê-lo. Pode nutrir hostilidade contra os desejos orientados para e pelo futuro, por temer este futuro [...] neste caso a utopia não se concretiza”.<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> Idem, ibidem, p. 9.

<sup>238</sup> Idem, ibidem, p.9.

<sup>239</sup> COELHO, ibidem, p. 9.

<sup>240</sup> Idem, ibidem, p. 11.

## CAPÍTULO IV

## IMPLANTAÇÃO E FORMAÇÃO DA COLÔNIA PORTO NOVO

Realizada a compra das terras, era hora de pôr em prática o projeto e as idéias que já vinham fermentando há alguns anos. Era pois necessário arregimentar os pioneiros, persuadir as famílias a se instalar não nas várias colônias particulares que estavam surgindo no oeste catarinense, mas sim na da *Volksverein*. Dada a estrutura da associação, ramificada por todas regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul, com diversos periódicos, com a *Sparkass*, com a ajuda dos padres das comunidades, isto não seria muito difícil. Entretanto, havia a acirrada concorrência das outras empresas que também queriam seu quinhão neste lucrativo negócio de compra e venda de terras. Surgiram assim intrigas e boatos que nem sempre eram resolvidas sem brigas judiciais, como o caso do processo que Albano Volkmer, diretor de colonização da *Volksverein*, instaurou em 1931 contra Hermann Rüdiger por calúnia e difamação.<sup>241</sup> Neste contexto, a *Volksverein* lançou mão de diversas estratégias de propaganda, como pagamento parcelado e longos prazos, textos e imagens veiculadas em seus meios de comunicação, tentando mostrar que a melhor alternativa seria Porto Novo, a colônia dos católicos alemães.

---

<sup>241</sup> VOLKMER, Albano. Der Volksverein for Gericht. Ein Kapitel Vereinsgeschichte aus den Akten des Prozesses Hermann Rüdiger. (Übersetzungen: Carl Middeldorf). Porto Alegre: Tipografia do Centro, s.d.

A partir de maio de 1926, os primeiros compradores de terras foram se instalando em seus lotes. Jovens, casados, famílias inteiras atravessavam o rio Uruguai, de maneira não muito diferente da de seus antepassados quando saíram da Europa, atravessando o Oceano Atlântico. Instalaram-se então na floresta virgem, não sem dificuldades, oriundas, nas mais das vezes da falta de informações precisas acerca do que encontrariam na nova colônia. As empresas colonizadoras, no afã e às vezes necessidade de vender cada vez mais lotes, faziam promessas como construção de estrada, formas de escoamento e comercialização dos produtos coloniais. Visavam com isso atrair mais compradores, mas tais promessas muitas vezes não podiam ser cumpridas. Neste embalo, a *Volkverein* também adotou estratégias mais agressivas de venda, uma vez que sua estrutura, baseada no lema cristão de “um por todos e todos por um” não deu os resultados esperados. Isto, somado aos boatos e intrigas que envolviam dirigentes da *Volkverein* acabaram por conferir-lhe uma imagem que se afastava cada vez mais da de uma associação, aproximando-se da de uma empresa colonizadora.

### **3. 1. Procedência dos colonos.**

Não eram imigrantes vindos diretamente da Europa os primeiros colonos a se instalar nas terras de Porto Novo, mas os descendentes daqueles que durante o século XIX haviam migrado ao Rio Grande do Sul.



alemães que saíram de outras colonizações começavam a migrar para a colônia da *Volksverein*. Por volta dos anos 50, muitas famílias das regiões mais antigas de colonização alemã de Santa Catarina também optaram por se instalar no oeste catarinense.

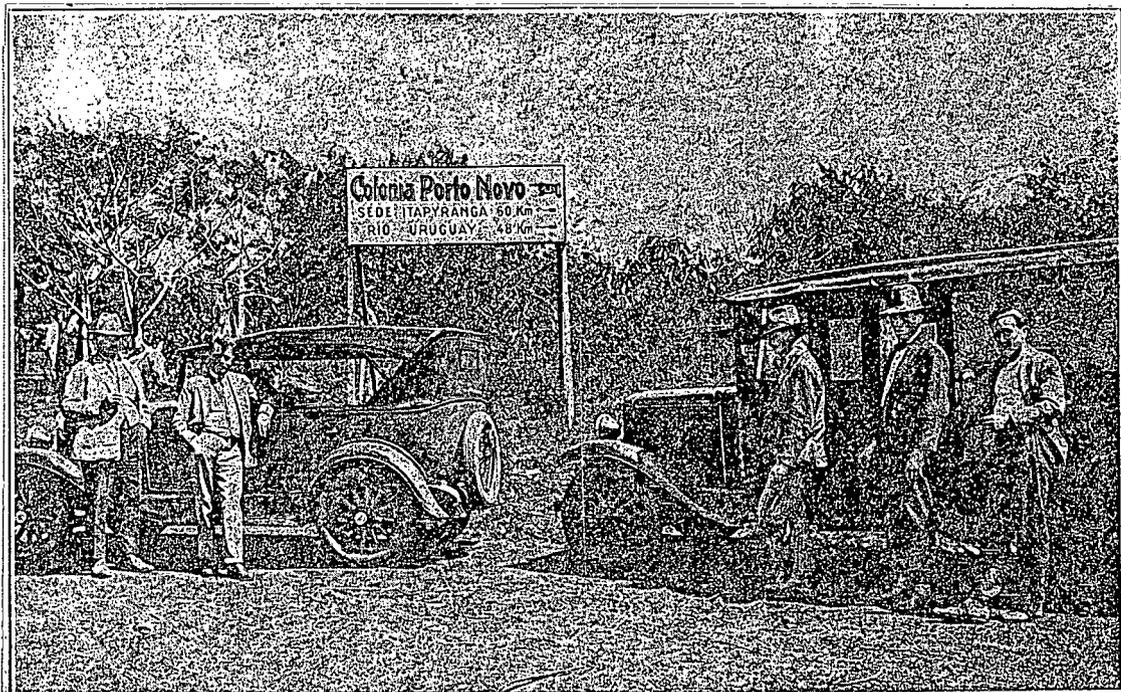
Os primeiros a viajar a Porto Novo a fim de ali se instalar fizeram-no acompanhados pelo Pe. Max Von Lasseberg, SJ, saídos de Cerro Azul. No dia seguinte ao de sua chegada, à sombra de algumas laranjeiras,<sup>243</sup> o padre rezou a primeira missa, em 11 de abril de 1926. Participaram da Missa: Carlos Wirtes, Leopoldo Werle, Pedro Tenraler, Nicolau Knob, Pedro Agnes F., Oscar Angst, Bruno Nitsche, João Sausen, Vendelino Heinzmann, Carlos Kliemann, Jakob Becker, José Finkler, Franz Junges, Nicolau Both, João Krein, Mathias Heinzen, Franz Heck, Gustav Stangler, Hubert Koeln, José Franzen, Pedro Franzen, Carlos Angst, Felipe Scherfe, Frederico H. Knapp, João Caten, Antônio Kieling, João Geneway, Mathias Agnes e Otto Zimmer.<sup>244</sup>

Já as famílias pioneiras foram as de Pedro Henrique Bender e Susana Luft, com dois filhos, que vieram em 17 de julho de 1926; Pedro Veit e Maria Paula Neis, que teve a primeira criança nascida na nova

---

<sup>243</sup> Para sua surpresa, os pioneiros encontraram na região inúmeras laranjeiras. Trata-se de uma espécie de “laranjas selvagens”, como os colonos as denominavam. O nome surgiu provavelmente porque são muito azedas e também por isso ninguém as come. Sua origem era desconhecida entre os colonos, mas muitos acreditam que foram plantadas outrora pelos indígenas. Também há quem diga que as sementes podem ter vindo com as cheias do rio Uruguai e depois a plantação poderia ter se espalhado por aves.

<sup>244</sup> Estes nomes constam no monumento em homenagem a primeira missa erguido no local em que aconteceu, onde atualmente é o centro da cidade de Itapiranga.



Personen- und Frachtautos auf dem Wege nach Porto Novo.

### 3. Automóveis e caminhões na estrada de Porto Novo (MIDDELDORF, 1932)

colônia, em 14 de outubro de 1926 e João Sausen (falecido em 1932) e Catarina Hammes, que saíram de Santo Cristo, RS, e depois de 21 dias de viagem com três carroças chegaram em Porto Novo em 28 de julho de 1926.<sup>245</sup> As primeiras famílias se instalaram em lotes mais próximos do rio Uruguai, sendo que as linhas coloniais seguiam os afluentes do rio interior

---

<sup>245</sup> JUNGBLUT, Roque. Documentário Histórico de Porto Novo. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000, p. 112. Estas informações constam também em HEINEN, Luiz. Colonização e desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina. Aspectos Sócio-Político-Econômicos e Religiosos. Joaçaba: UNOESC, 1997, p.89.



4. *Transposição do rio Uruguai* (MIDDELDORF, 1932)

adentro, de modo que as primeiras comunidades foram fundadas nas margens do rio Uruguai, e a partir daí a ocupação foi se interiorizando.

Em 1929 já existia uma estrada ligando a colônia de Porto Feliz a Porto Novo, de modo que o Presidente de Santa Catarina, Adolpho Konder, com sua comitiva pôde percorrer o trajeto de automóvel.<sup>246</sup> Mas os primeiro migrantes chegaram a Porto Novo por via fluvial. A viagem era feita de caminhão até o rio da Várzea, especificamente na localidade de São João do Porto, atualmente pertencente ao município de Frederico Westphalen, RS. Do rio da Várzea a viagem prosseguia com barcos a remo, conduzidos por canoieiros de Porto Feliz. Já existia, porém, uma

estrada, denominada “Estrada do Prado”, que ligava Frederico Westphalen até as águas sulfurosas do Prado, atualmente Vicente Dutra, na margem riograndense do rio Uruguai. Eram cerca de 40 quilômetros por entre a floresta virgem até chegar ao rio Uruguai, que era transposto por barca, que aportava em Porto Feliz, de onde a viagem a Porto Novo prosseguia ou com barco rio abaixo ou pela estrada que margeia o rio. Mas as condições da Estrada do Prado não permitiam o tráfego de caminhões no primeiro ano de Porto Novo, sendo utilizada somente por cavaleiros. Em fins de 1926, no entanto, os compradores de terras já podiam utilizar a Estrada do Prado até Porto Feliz, de onde iam de barco até Porto Novo.<sup>247</sup>

“Em 1929 entrou em tráfego o caminhão misto de Carlos Francisco Rohde, com Wilibaldo Schoeler e depois Afonso Schoeler como motoristas, entre Porto Novo e Santa Bárbara, estação da estrada de ferro”.<sup>248</sup> A existência de estradas fez com que alguns colonos, já na primeira viagem, levassem suas famílias. Outros, mais receosos, preferiam deixar a esposa e filhos nas antigas colônias e fazer a viagem em grupos de homens para primeiro construir uma casa e depois buscar a família. Havia também o caso de homens solteiros, geralmente noivos, que construía a casa, faziam pequena plantação e em seguida voltavam a casa dos pais onde se casavam e depois se instalavam na nova colônia.

---

<sup>246</sup> D’EÇA, Othon. Op. cit. p.56,57 e 58.

<sup>247</sup> JUNGBLUT, op. cit. p. 442.

<sup>248</sup> HEINEN, Luiz. op. cit. p. 102.

O fato de a procedência dos pioneiros ser das antigas colônias e não da Europa chamou atenção de Emílio Willems.

É preciso não esquecer-se de que o número de camponeses entre os imigrantes diminuía na medida em que a Alemanha se industrializava. Não admira, portanto, que nos últimos trinta ou quarenta anos, o espírito pioneiro se tenha tornado uma qualidade cada vez mais rara entre os alemães. Em 1926, a Associação Popular Católica fundou Porto Novo, em Santa Catarina. Era muito difícil encontrar “pioneiros” para a colônia. Os únicos moradores se compunham de descendentes da primeira geração de imigrantes.<sup>249</sup>

Segundo o autor, os imigrantes que vinham diretamente da Alemanha preferiam se instalar em regiões onde já havia colonos, o que facilitaria sua adaptação. A conquista de novos espaços ficava por conta dos descendentes, que já estavam adaptados à região. Explica isto como sendo resultado de uma falta de espírito de pioneirismo dos imigrantes do século XX. É sabido que os imigrantes do período posterior a 1ª Guerra Mundial - ao contrário dos do século anterior que saíram de uma Alemanha ainda com forte base agrária, sendo quase todos camponeses em busca de terras - eram geralmente saídos de um ambiente urbano, conhecedores de um ofício ou de uma profissão, mas que estavam desempregados, e portanto, não conhecedores das lides da “roça”. Por isso, no entender de Willems, as colonizações mais recentes do oeste catarinense teriam sido iniciadas por descendentes de imigrantes.

---

<sup>249</sup> WILLEMS, Emílio. A aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus descendentes no Brasil. Edição Ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946, p. 95.

Mas em 1931 estiveram em Porto Novo Willi Strauch da *St. Rafaelsverein*, a Sociedade São Rafael, e Johannes Nattermann, secretário geral da *Katholiches Gesellenvereins aus Köln*,<sup>250</sup> com o objetivo de observar as terras da colônia e estudar as possibilidades da imigração de alemães. Com sede em Hamburgo, a *St. Rafaelsverein* era, e ainda é, uma entidade que contava com objetivos não muito diferentes dos da *Volkverein* e procurava indicar um rumo aos alemães desempregados do difícil e complicado período de entre guerras. O principal campo de atuação da Associação consistia na assistência aos migrantes, bem como sua instalação e adaptação. Neste sentido, a associação promovia a emigração para os Estados Unidos, mas na década de vinte este país começou a dificultar o estabelecimento de europeus em seu território, sendo praticamente proibido em 1929, devido a recessão econômica.<sup>251</sup> Já o *Gesellenverein aus Köln* era uma associação inspirada nos ideais de Adolf Kolping, (visto anteriormente) e também procurava alternativas para a difícil situação que a Alemanha atravessava na época. Junto com a *Volkverein*, estas associações promoveram a vinda de inúmeros *Reichdeutsche* para a colônia Porto Novo. Muitos se instalaram na linha Presidente Becker, que se localizava mais próximo da fronteira com a Argentina.

---

<sup>250</sup> MIDDELDORF, op. cit. p. 45.

<sup>251</sup> Relatório do Sr. Dr. Max Größer P.S.M. Secretário Geral do *St. Rafaelsverein*, apud ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* op. cit. p. 173.

Os motivos principais da emigração dos *Reichdeutschen* foram expostos e discutidos no Congresso Católico que se realizou em Porto Novo em 1934:

A guerra mundial deu o pontapé inicial. Inveja, malquerença e profundo ódio, foi isto que esta guerra gerou. Muitos de nós, na época ainda quase crianças, fomos obrigados a fazer parte deste horrível acontecimento. Em seguida veio a paz! Uma paz que não era paz! Tudo era destroços que sobreviveram a guerra. Com a inflação, riquezas e propriedades foram dizimados em escala incrível. Lugares inteiros, que eram portadores de religião e cultura, desapareceram. Partidos foram criados, um mais radical que o outro. Como estes partidos atuaram sobre a atividade católica, só sabe quem vivenciou isso e tentou conseguir seu pão diário sem ter um livro do partido vermelho debaixo do braço.

Observando isso tudo, como deve ter parecido o coração de um jovem que vivenciou uma tal sobrecarga de misérias. Os profundos fundamentos desta corrente de obstáculos, que trazia sempre novas desgraças, localizam-se no exílio de nossa religião, no exílio de Deus, o todo poderoso, das instituições públicas. O “Deus conosco” teve de ser tirado do dinheiro alemão, da casa da moeda. O comerciante, que era lembrado de sua obrigação e fidelidade para com o próximo pela frase “com Deus”, exposta na primeira página de seu livro razão, passou a receber livros sem esta opinião diária. Em troca, desapareceu uma boa parte do cristianismo e fidelidade alemã da vida econômica. As fórmulas de juramento foram utilizadas para prestar juramentos sem pedir a proteção de Deus, que tudo sabe. Em troca, encheram-se as prisões, ocorreram mentiras e vaidades de todos os tipos. Nas escolas as crianças, cujos pais foram influenciados por elementos radicais, não precisavam mais aprender orações nem a instrução religiosa. Deus foi banido dos jovens corações.

Jornais diários anunciavam com orgulho que muitos estavam deixando nossa Santa igreja. Mas ainda mais miséria estava por vir. O desemprego condenava sem compaixão um número sempre maior de homens à desocupação. Tudo o que o demônio podia imaginar estava reunido. Jovens viam, dia após dia, seus anos passar sem a possibilidade de aprender a justiça. Não encontravam trabalho e tiveram de reconhecer que estavam sobrando nas engrenagens econômicas. Por estar parados pelos cantos, sem nada conhecer e nada a fazer, sempre mais pessoas ficavam vacilantes com Deus e com a Santa Igreja.<sup>252</sup>

Mas os imigrantes deste período não se instalaram somente no oeste catarinense, embora este tenha sido seu alvo principal. Não eram também

---

<sup>252</sup> RICHTER, Gewerbelehrer. Lieber zur Scholle. Wie begegnen wir der wirtschaftlichen Not unserer Zeit? In: METZLER, Franz. op. cit. p. 104.

somente estas associações que organizaram a imigração neste período. Neste sentido, Valberto Dirksen, desenvolveu recentemente uma pesquisa acerca da *Jugendgemeinschaftsiedlung*, a Sociedade Colonizadora Juvenil, que fundou a colônia comunitária de *Heimat-Timbó* e *Heimat -Moema*, no município de Doutor Pedrinho, localizado a 70 quilômetros de Blumenau seguindo o rio Itajaí acima. A colônia foi fundada pelo Pe. Johannes Beil, de Berlim.

Seu projeto consistia em trazer jovens solteiros, alemães, católicos a fim de, comunitariamente, desbravar a floresta e construir a infraestrutura da colônia. Após dois anos de trabalho comunitário, o jovem mandaria vir a noiva, casar-se-ia e se estabeleceria no próprio lote. O primeiro grupo formado por 17 jovens chegou em julho de 1932. Mais tarde outros vieram se juntar aos pioneiros vindo a colônia a contar com mais de uma centena de jovens.<sup>253</sup>

Por motivos diversos analisados pelo autor, a colônia se dispersou, sendo que alguns imigrantes voltaram para a Alemanha, outros permaneceram no local e algumas famílias tomaram o rumo do oeste catarinense. É o caso de teuto-russos que se instalaram em Porto Feliz, (Mondai) mais precisamente na linha Riqueza (atualmente município de Riqueza). Outros se estabeleceram na colônia da *Volkverein* como Arthur Göhr e sua família que em 1935 passou a viver, assim como ainda outras famílias, na linha Macuco, em Porto Novo.<sup>254</sup> A respeito deles escreve Maria Rohde:

---

<sup>253</sup> DIRKSEN, Valberto. A Colônia Comunitária Juvenil Heimat-Timbó. In. Caderno de programa e resumos do VIII Encontro Estadual de História : "História : Experiências e desafios". Associação Nacional de História-Núcleo Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 49.

<sup>254</sup> GÖHR, Bárbara. Ein Familien Schicksal Zwischen Hackenkreutz und Brasilianischen Urwald. Curitiba: Bárbara Göhr, 1996, p. 94 e 95.

No decorrer do ano de 1935 um grupo de jovens vindos da Alemanha, formado por uma Associação Juvenil Católica e sob a direção do Capelão Beil, que havia se estabelecido nas proximidades de Timbó, sob o nome de Heimat, migrou para Porto Novo. Por demasiada confiança nos vendedores de terras por parte da direção, logo caíram em dificuldades financeiras e técnicas e não puderam encontrar ali um bom progresso. Com a ajuda do *St. Rafaelsverein* e outros auxílios, migraram então para Porto Novo. Estes jovens, que tiveram uma educação virtuosa e disciplinar na associação juvenil, contribuíram bastante para a vida associativa, fazendo suas atividades mais animadas e bonitas. Pensamos ainda com alegria em algumas festas destes velhos tempos.<sup>255</sup>

Desta forma, antes da 2ª guerra mundial, era basicamente esta a procedência dos colonos e suas famílias que se instalaram em Porto Novo: a maioria procedentes do Rio Grande do Sul e, em menor número, da Alemanha e os que tiveram uma breve passagem pelas colonizações acima citadas.

Nos anos 50, o fluxo migratório foi incrementado por descendentes de imigrantes vindo da região dos rios Capivari e Braço do Norte, do vale do rio Itajaí (Blumenau Gaspar) e de Forquilha. Os migrantes do vale do Rio Braço do Norte e Capivari fundaram as comunidades de São Ludgero e Coqueiro. Os colonos procedentes do vale do rio Itajaí e de Forquilha se instalaram nas comunidades de Raigão Baixo, Cristo Rei. Entretanto, estas comunidades não se formaram exclusivamente pelos elementos acima citados. Nesta época havia já uma forte migração interna, ou seja, os filhos dos pioneiros se casavam e procuravam novas terras. Desta forma, até a década de 60 as comunidades já estavam formadas e a migração diminuiu muito. Nos anos 60, iniciou-se já o fenômeno inverso,

---

<sup>255</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ....* op. cit. p. 215.

ou seja, muitas famílias saíam de Itapiranga e se instalavam no Oeste do Paraná, principalmente na região de Missal, Medianeira, Marechal Cândido Rondon, entre outras, e no Mato Grosso.

### 3. 2. Divisão dos lotes, preços e condições de pagamento.

As terras da colônia Porto Novo se dividiam em lotes, chácaras e terrenos urbanos. Os lotes tinham área de 25 hectares e os preços variavam de acordo com sua localização. Por volta de 1930, custavam de 3:300\$000 a 5:500\$000. Na moeda alemã, os valores eram de 1.100,- a 1833,- Marcos Alemães. As chácaras se localizavam não muito distante dos locais reservado para as vilas, os *Stadplätze* e mediam em torno de 7,5 hectares. Seus preços variavam entre 3:750\$000 a 6:000\$000 ou entre 1.250 a 2.000 marcos. Os lotes urbanos se vendiam por metro quadrado, sendo seu preço de 400 réis ou 13 *pfenig*, enquanto o metro quadrado dos lotes rurais variavam entre 13,2 a 22 Réis.<sup>256</sup> As compras podiam ser financiadas pela *Sparkass*, sob as seguintes condições:

Compra de um lote rural de 25 hectares:

25 hectares ===== 250.000 metros quadrados  
1 metro quadrado a 13,2 Réis ===== 3:300\$000

Pagamento de entrada                    -----                    1:000\$000

---

<sup>256</sup> MIDDELDORF, Karl. Op. cit. p. 15

Pagamento de despesas de viagem	-----	70\$000
	<u>3:300\$000</u>	<u>1:070\$000</u>
Saldo a pagar:		2.230\$000 <sup>257</sup>

O saldo final podia ser pago em até quatro anos, a juros de 7% ao ano, contados a partir da data da compra. (Anexo II) As compras com pagamento integral no ato da compra seguiam os seguintes valores:

Preço do lote	3:300\$000	
Despesas de viagem	-----	70\$000
10% de desconto	-----	<u>330\$000</u>
Pagamento final	-----	2.900\$000 <sup>258</sup>

As despesas de viagem de Santa Bárbara até Porto Feliz eram descontadas no pagamento da primeira parcela. O plano de viagem para a colônia era amplamente divulgado e explicado:

Plano de viagem: Para quem quer conhecer Porto Novo, o melhor caminho a ser percorrido é passando por Santa Bárbara, de Trem, onde há um caminhão fretado pela *Volksverein*, de propriedade do Sr. Nicolau Biernfield, que percorre o trajeto para Porto Feliz, de onde se vai até Porto Novo. O caminhão parte as quintas-feiras pela manhã bem cedo da Estação férrea de Santa Bárbara.

Preço da passagem: uma viagem custa 40\$000 e o preço da viagem de ida e volta é 70\$000 até Porto Feliz. Compradores de terras terão este valor abatido no pagamento da primeira parcela das terras, mas somente se esta viagem for feita com o caminhão da *Volksverein*.<sup>259</sup>

O comprador deveria tomar posse da terra, isto é, se instalar nela, num prazo de 2 anos. Com isso, a *Volksverein* pretendia evitar a

---

<sup>257</sup>Idem, ibidem, p. 15.

<sup>258</sup>Idem, ibidem, p.15.

<sup>259</sup>Der Familienfreund, 1928, p. 02.

especulação financeira com as terras, isto é, que alguém compre e depois revende lotes coloniais. É o que escreve Karl Middeldorf:

Outra condição é a ocupação da terra por parte do próprio comprador, dentro do prazo estipulado no contrato. Caso o comprador não cumprir esta cláusula de seu contrato, sem justificativa e comprovação dos motivos, ele receberá devolta o dinheiro empenhado. A administração da colônia, como protetor dos interesses dos colonos já instalados, não irá permitir que sejam feitas especulações com a terra, deixando-a abandonada e sem ser trabalhada.<sup>260</sup>

Além de evitar a especulação, a *Volksverein* pretendia acelerar o povoamento da colônia, pois isso facilitaria a instalação dos colonos. Quanto mais famílias instaladas, tanto melhor para os novos que vinham e tanto melhor para a venda de novos lotes. Entretanto, parece que nos primeiros tempos, muitos compradores não tomavam posse de suas terras, é o que se pode auferir da notícia publicada no *St. Paulusblatt* de 1928:

Atenção! Compradores de terras de “Porto Novo”.

Todo um grupo de compradores de lotes de nossa colônia, que fizeram suas compras a dois anos, não está cumprindo suas cláusulas contratuais de desmatar a floresta, construir e morar em suas terras. Para o interesse do desenvolvimento de nossa colonização, o não cumprimento deste termo contratual não pode ser adiado por muito tempo. Por isso, quem não cumprir suas obrigações contratuais até a primavera, isto é, até o final de setembro, perde seus direitos da colônia comprada e a terra estará a disposição da administração da colônia. O dinheiro já pago será reembolsado sob as considerações da cláusula contratual.

Porto Novo, 1 julho de 1928.

A Administração

da colônia da *Volksverein* “Porto Novo”.<sup>261</sup>

No início havia algumas complicações para a viagem a Porto Novo, talvez por isso alguns compradores não tomavam posse de suas terras.

---

<sup>260</sup> MIDDELDORF, op. Cit. P. 14.

<sup>261</sup> Achtung! Landkäufer in “Porto Novo”. In. *St. Paulusblatt*, Agosto de 1928, p. 2.

Grupos de revolucionários ou bandoleiros vagavam pelas florestas do noroeste gaúcho e oeste catarinense, como o liderado por Leonel Rocha, e ao seu encalço iam tropas do exército.<sup>262</sup> Mas apesar disso, a venda de terras não parava e também não faltavam pessoas autorizadas pela *Volkverein* para dar informações acerca da compra de terras de Porto Novo. No *Der Familienfreund*, (Almanaque Amigo da Família) de 1928 foi publicado uma lista destas pessoas:

Maiores informações podem ser obtidas pelos seguintes senhores:

Venâncio Aires: presidente da Volkverein, Sr. Jacob Becker  
 Lageado: Jakob Scheid Sobrinho  
 Arroio do meio: Waldemar Moesch  
 Estrela: Lehrer Leonard Tochtropp  
 Rocca Salles: José Stromowski  
 Santa Cruz: Wilhelm Kliemann e João Guilherme Verlang  
 Sinimbu: Friedrich Kops  
 Alte Pikade (Picada Velha): João Rabuske  
 Pikada Café: Guilherme Witmann  
 Pikade Herval: João Klauck  
 Taquara: Albino Lehnen e o Rev. Kolling  
 Rolante: Henrique Helbling e o Rev. Georg Anneken  
 Neu -Hamburg (Novo Hamburgo): Leopoldo Petry  
 Neu-Petrópolis (Nova Petrópolis): José Neumann Filho  
 Poço das Antas: Vicente Wesendock  
 Harmonia: José Werlang,  
 Santa Maria: João Müller (Hotel)  
 Colônia Selbach: Manuel Klauck  
 Serro Azul: Michel Dewes Filho e Anton Wenzel  
 Santo Cristo: José Walentin Backes  
 Adiante ainda o Secretário Geral da Volkverein, Siegfried Kniest.<sup>263</sup>

Estando a Associação amplamente difundida pela região de colonização alemã, não parecia muito difícil a seus dirigentes utilizar sua organização em favor da nova colonização. Deste modo, em quase todas

---

<sup>262</sup> ROHDE, Maria. Wie eine Frau ... Op. cit. p. 36 e KOELN, Arno, op. cit.

<sup>263</sup> Familienfreundkalender. 1928, p. 02.

as colônias alemãs do Rio Grande do Sul havia alguém autorizado a dar informações acerca da nova colonização. Eram vendedores de terras. A seu respeito, o Pe. Rick, SJ, fazia questão de ressaltar que não recebiam nenhuma remuneração pela prestação deste serviço à *Volkverein*

De Santa Maria a Porto Novo, existem agentes de colonizadoras por toda parte, nos hotéis e no trem, para convencer as pessoas que pretendem viajar a Porto Novo a desistirem da viagem. Mesmo na viagem a Porto Feliz fala-se habilmente contra Porto Novo. Um jovem rapaz me disse que somente conseguiu se livrar dos agentes no trem quando lhes falou que não iria comprar terras. Em Barril (no hotel), em Palmeira (no hotel), em Santa Bárbara, por toda parte aparecem estes senhores. Eles querem lucrar. 200\$ por pessoa que conseguem fazer desistir de Porto Novo e ir para outras colônias. Isto é bem pago. A *Volkverein* não paga agentes, ela somente diz: vai e veja a situação e saiba que por trás está a *Volkverein*, que não faz negócios privados, mas sim que visem o povo.<sup>264</sup>

Assim, o Pe. Rick, SJ, enfatizava que a *Volkverein* não pagava agentes e ao mesmo tempo denuncia a atuação dos agentes de outras empresas de colonização como grande empecilho para as vendas das terras de Porto Novo. Sem comissões nem pagamento de salários, a intenção era congrega todos os membros para a ação comum em prol da colonização, seguindo o lema cristão “um e um por todos de todos por”. Mas parece que este lema não era muito seguido, pois segundo o Pe. Rick, existiam “alguns membros da *Volkverein* que se deixam convencer a trabalhar contra Porto Novo”,<sup>265</sup> assim como alguns gerentes das Caixas Rurais e padres das paróquias das antigas colônias. Isto era uma das dificuldades

---

<sup>264</sup> RICK, SJ, Johannes. Fünf Monate in Porto Novo. In. *Der Familienfreund*, Jarbuch der Familie. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1929, p. 165.

<sup>265</sup> Idem, ibidem, p 165.

que atrapalhavam a formação de uma colônia nos moldes em que havia sido planejada, além de outros.

### **3. 2. Dificuldades para a Colonização.**

Nem sempre os projetos utópicos saem como imaginados, isto por razões diversas, mas principalmente porque nem todos assim o querem. Também projeto da colônia Porto Novo não se concretizou plenamente. Muitas coisas não saíram como o desejado, fazendo com que a direção da *Volkverein* adotasse medidas e procedimentos que, em alguns aspectos, se mostraram contraditórios com a idéia inicial e, até mesmo, com os próprios ideais da associação. As dificuldades com o início da colonização contribuíram para formar uma imagem não muito positiva da colônia Porto Novo. Isto somado a acirrada concorrência das empresas de colonização, prejudicou a venda de terras e em consequência, exigiu atitudes novas por parte da direção da colônia, que já não era mais formada por jesuítas, mas por membros leigos da *Volkverein* que tinham mais afinidades com o mundo empresarial, como por exemplo Albano Volkmer, o sucessor do Pe. Rick, SJ, na função de Secretário.

Como muitos dos que haviam comprado terra adiaram a transferência para a nova colônia, quase puseram por terra a idéia de

formar a colônia dos católicos. Também a colônia dos luteranos, Porto Feliz (Mondai), foi afetada por isso. Corria o comentário nas antigas colônias que grupos de revolucionários haviam tomado o noroeste do Rio Grande do Sul e extremo oeste catarinense. Dizia-se que eram maragatos, bandoleiros ou revolucionários. Entre eles, incluía-se também o nome de Luiz Carlos Prestes que, em sua marcha pelo Brasil com a chamada Coluna Prestes, passou pela região em 1925.<sup>266</sup> Temia-se ainda um grupo que denominavam Maragatos, liderados por Antônio Tropeiro, que estaria vagando pelas florestas do noroeste riograndense. Outros nomes eram Mário Mello, João do Prado e Leonel Rocha. Além destes, e a quem os colonos não temiam menos, havia ainda as tropas do exército em seu encalço. Para se defender, organizaram-se em Porto Feliz e Porto Novo as *Selbstschutz*, as auto-defesas. Mesmo assim não conseguiram evitar a invasão.

Numa bela manhã de domingo, mais precisamente no dia 7 de novembro de 1926, quando deveriam ser realizadas as eleições, os moradores viram, para surpresa geral, sua cidade sitiada por oitenta a cem “vermelhos”. As pessoas mais influentes foram presas no escritório da Empresa onde, sob ameaça de serem degoladas, seriam forçadas a dar ajuda financeira para a revolução, já tida como vitoriosa.

Leonel Rocha, procedente do Rio Grande do Sul, invadira a Colônia da Sociedade União Popular de Porto Novo, de onde sua infantaria levava cavalgaduras e armas de fogo dos colonos. Ao se dirigirem para Porto Feliz, encontraram na casa do agrimensor Mayntzhusen, situada nas margens do rio Macuco, o sócio da Empresa Herman Flad, levando-o como refém.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> KOELLN, Arno. Op. cit. p. 44.

<sup>267</sup> Idem, ibidem, p. 60.

Estes eram acontecimentos marcantes no início da colonização e o que deve ser ressaltado é que eram de conhecimento na região das antigas colônias, o que gerava inúmeras preocupações a seus moradores. O noroeste gaúcho tomado por grupos de revolucionários e tropas do exército, era a notícia que, acompanhada de outros relatos atroz, circulava entre os colonos do Rio Grande do Sul e poucos eram os que se aventuravam a viajar para as margens do rio Uruguai. Além destas notícias, havia também histórias e comentários de cunho fantástico, como as que diziam que em Porto Novo havia cobras capazes de engolir homens inteiros e que muitas pessoas já haviam perdido suas vidas devoradas pelos tigres que abundavam nas margens do rio Uruguai. Isto sem esquecer os relatos acerca de selvagens antropófagos, mosquitos, arranhas e uma infinidade de outros animais selvagens.<sup>268</sup>

Acerca disso, podia-se ler no *St. Paulusblatt* em 1928:

Esta desconfiança se nutre de boatos de toda espécie. Infelizmente um boato pode ser o mais bobo, o mais incompreensível, mas todos acreditam nele. Estes infelizes mexericos estão em tantas pessoas.

Então algum morador de Porto Novo escreveu a seu parente: “Desapareceu-me um canivete”, provavelmente ele o perdeu. Logo, fala-se nas antigas colônias que Porto Novo foi novamente invadida por centenas de Maragatos, que todas as armas foram roubadas, inclusive os canivetes.

Ou um morador de nossa colônia momentaneamente não pôde saciar sua vontade de comer um assado de porco e então volta a escrever: “pego a pena para vos escrever que hoje novamente não havia carne para comer”. Veja, a partir disso o boato da fome em Porto Novo já está formado nas antigas colônias. Que isto não é exagero, comprova uma queixa que veio até nós por meio da central da Volksverein de que compradores de terra tiveram de passar sede em nossa colônia. Fica-se estarrecido com tal queixa, pois aqui se encontra uma vertente de água a

---

<sup>268</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau...* op. cit. p. 34.

cada dez minutos, cada colônia tem sua água, que é nosso orgulho. Passar sede, isto é completamente incompreensível.<sup>269</sup>

Assim, uma maneira de se desembaraçar das conversas ou comentários contrários a Porto Novo era atribuir-lhes a qualidade de “boatos”, “mexericos”, “exageros”. Já o Pe. Rick foi mais contundente em seu texto, afirmando: “não vou falar de marchas horripilantes de toda espécie, das quais tanto se gosta de falar quanto o assunto é novas colônias, pois não os considero tão tolos a ponto de acreditar nisso”.<sup>270</sup> Mas muito mais prejudicial do que estes “boatos”, foram as acusações contra alguns dirigentes leigos da colonização e as intrigas daí resultantes. Trata-se do livreto publicado em 1931 intitulado “*Unser Volksverein – Was geht in im vor?*”<sup>271</sup> (Nossa *Volksverein* - quais suas prioridades?) que continha diversas denúncias que colocavam em dúvida a integridade moral dos dirigentes da colônia, especialmente de Albano Volkmer. Este foi acusado de receber propina na compra da terra e além disso, e o que não era menos importante, vender terras a Arthur Tannhauser, um protestante. Hermann Rüdiger, principal autor das acusações e que escreveu a brochura acusatória, a *Hetzbrochure* como a chamavam, era católico e, ao que tudo indica, não via com bons olhos a substituição do Pe. Rick por um

---

<sup>269</sup> Bericht vorgelegt seitens der Administration der Katholischen Volksvereinskolonie Porto Novo. In. *St. Paulusblatt*, abril de 1928, p. 8 e 9.

<sup>270</sup> RICK, Johannes. Fünf Monate in Porto Novo. *Familienfreudkalender*, 1928, p. 166.

<sup>271</sup> VOLKMER, Albano. Der Volksverein vor Gericht. Ein Kapitel Vereinsgeschichte aus den Akten des Prozesses Hermann Rüdiger. (Übersetzungen: Carl Middeldorf). Porto Alegre: Tipografia do Centro, s.d.

leigo, mesmo que este leigo tenha sido indicado pelo próprio Pe. Rick.<sup>272</sup>

Como as acusações eram demasiado graves, abriu-se um processo por calúnia e difamação contra Hermann Rüdiger, que acabou sendo condenado a se retratar publicamente.

#### Esclarecimento

Depois de ter me convencido de que as acusações e ataques constantes em minha brochura “Unser Volksverein- was geht in ihm vor?” a alguns dirigentes da administração central e chefes de seções da Volksverein für die deutschen Katholiken im Rio Grande do Sul, assim como a outros homens honrados da Volksverein no interior do Estado, não são convincentes e repousam sobre inverdades. Os responsáveis por isso são alguns de meus informantes. Reconheço que me foram apresentados falsos relatos e acusações por homens em quem confiava plenamente. Então ficou claro que meu procedimento, com o qual pretendia prestar um bom serviço às coisas da Volksverein, trouxe efeitos devastadores. Desminto por isso em todas as formas meu escrito acusatório com a expressão de meu mais profundo pesar.

Porto Alegre, 9 de junho de 1932  
Hermann Rüdiger.<sup>273</sup>

A primeira retratação foi publicada no *Deutsches Volksblatt* de 11 de junho de 1932 e a segunda em 27 de junho:

#### Nossa Volksverein, quais suas prioridades? Esclarecimento

Repito aqui meu esclarecimento publicado no dia 11 deste mês e que devido a boatos reafirmo que para min o caso está encerrado. Não há fundamentos nas suspeitas à Central e à direção da Volksverein. Quero incentivar ainda a todos os membros a trabalhar com forças renovadas para a Volksverein e suas boas ações.

Porto Alegre, 26 de junho de 1932  
Herman Rüdiger.<sup>274</sup>

---

<sup>272</sup> Uma discussão mais detalhada acerca desta acusações, bem como do processo, pode ser encontrada em ZILLES, op. cit.

<sup>273</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ....* Op. cit. p. 180.

<sup>274</sup> Idem, ibidem. p. 181.

Esta retratação foi ainda publicada no *St. Paulusblatt*, na edição de junho daquele ano. Além disso, a tipografia do Centro publicou mais tarde todo o processo, traduzido para o alemão por Karl Middeldorf, sob o título: “*Volksverein vor dem Gericht Ein Kapitel Vereinsgeschichte aus dem Akten des Processes Hermann Rüdiger*” (*Volksverein* diante do Tribunal, Um capítulo da história da Associação tirado dos Autos do processo Hermann Rüdiger). Entretanto, todo empenho da direção da *Volksverein* em mostrar que as acusações de Rüdiger eram falsas e, com isso, que os seus negócios eram transparentes, não evitou que surgissem muitos comentários acerca da colônia Porto Novo, o que era também amplamente explorado pelas empresas concorrentes.

Outra fonte de comentários residia nas intrigas surgidas em torno dos padres da Sagrada Família que se instalaram em Porto Novo. A igreja fora construída em setembro de 1926 e em dezembro do mesmo ano

o Bispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira – que entre os padres levava o apelido de Monsenhor Beleza, elemento que constava no nome do pai dele e que ele suprimiu no seu – atendendo com urgência o pedido, criou a paróquia de Porto Novo em 9 de dezembro de 1926 e nomeou como primeiro vigário o Pe. Henrique Ofenhitzer, da Sagrada Família.<sup>275</sup>

O pároco chegou na colônia no dia 1º de em abril de 1927, e tomou posse no dia 4, Domingo de Ramos. Em 1929, foi substituído pelo Pe. Pedro Ver Haelen, que em 1930 deu lugar ao Pe. Miguel Nan, todos da Sagrada

---

<sup>275</sup> HEINEN, Luiz. op. cit. p. 96.

Família. A respeito destas substituições de párocos lê-se no levantamento de dados do Município de Itapiranga realizado em 1969:

Esta ordem de Padres não permaneceu durante muito tempo aqui. Dado principalmente uma não comunhão de idéias entre a diretoria da colonização e dos padres, essa achou por bem trocar a ordem de padres na colônia.

Foi então que no ano de 1931 veio para Itapiranga o Pe. João Rick que foi buscado em Cêrro Largo, pelo Sr. Carlos Rohde Diretor Superior da Colonização.<sup>276</sup>

O período de permanência dos Padres da Sagrada Família foi conturbado, com muitas intrigas envolvendo a diretoria da colonização, os jesuítas e os padres acima citados. O ponto culminante foi o local destinado para a construção de uma igreja e escola, a da linha Sede Capela. O caso acabou quando os Padres da Sagrada Família desistiram da paróquia de Porto Novo, deixando o caminho aberto aos jesuítas. Depois de resolvido o caso, o Pe. Rick, SJ, regressou a São Leopoldo no mesmo ano e a partir daí, foi destinado o Pe. Theodoro Treis, SJ, para ser o pároco da nova colônia.

O Pe. Rick escreveu acerca da propaganda das empresas concorrentes, ou nos seus termos, os inimigos da colônia:

Antes de tudo, os inimigos são as grandes e pequenas colonizadoras. Isto é evidente. Em segundo lugar, inimigos são todos que lucram aberta ou secretamente, e estes são mais do que parece. Em terceiro lugar, são contrários também alguns gerentes das Caixas Rurais União Popular, porque pensam que o dinheiro sai de suas caixas para comprar terras. Mas a compra de terras deve ser a primeira finalidade do dinheiro da *Sparkass*. Em quarto lugar estão alguns padres, porque pensam que com a migração as antigas colônias enfraquecem demasiadamente. Já no ano de 1880, seguindo este princípio, um

---

<sup>276</sup> Itapiranga "Município da Fronteira". Levantamento de Dados do Município de Itapiranga. Prefeitura Municipal de Itapiranga Santa Catarina, 1969, p.08.

sacerdote, que hoje já é um vigário que descansa na paz de Deus, dissuadiu a colonização de Lajeado e, se não tivesse sido isso, Lajeado poderia hoje ser totalmente católica. Em relação a isso, pode-se ficar tranqüilo, pois sempre permanecem um número considerável de pessoas nas antigas colônias. E, além disso, os que tem vontade de migrar o fazem independentemente disso. Se não os incentivarmos para ir para as colônias católicas, eles vão para as colônias mistas e, assim, para a perdição espiritual. Existem também pessoas que são contrárias à colônia católica por pessimismo. Eles não se entendem bem com os dirigentes ou não se saíram bem com suas intenções de lucrar (seus planos de especulação) e por isso as coisas que não conseguiram para si são ruins, como as uvas para as raposas.<sup>277</sup>

Toda estas histórias e denúncias embaraçavam o empreendimento colonizatório, o que ensejou uma intensificação da propaganda para melhorar a imagem da colônia e aumentar a venda de terras. De acordo com o Pe. Rick, muitas pessoas não viam com bons olhos a colônia Porto Novo, e até padres, membros da *Volkverein* e dirigentes das Caixas Rurais. Aponta o pessimismo, a inveja e a ganância como motivos principais, “como as uvas para as raposas”. O lema cristão de um por todos e todos por um parece que foi posto em segundo plano por membros da *Volkverein*, deixando que o lucro e os bens materiais falassem mais alto na hora de fazer negócios. Ao invés de indicar a colônia da *Volkverein* aos compradores de terras, segundo o Pe. Rick, estes senhores aliciavam pessoas para outras colonizações. Não era isto que os idealizadores da colônia haviam imaginado.

Outro problema que apareceu no início da colonização foi o da homogeneidade, algo considerado realmente grave para a sobrevivência da colônia.

---

<sup>277</sup> RICK, SJ, Johannes. Fünf Monate .... op. cit. p. 165.

Mal os perigos haviam passado e assim se formaram novas nuvens de tempestade no límpido céu da nossa colonização. As terras que se estendiam desde nossa vila até o rio Pepery não estavam ainda compradas. Num belo dia veio a notícia da Empresa dona das terras: “Meus caros e bons católicos, nos causa realmente muito pesar, mas precisamos de dinheiro e não podemos fazer outra coisa senão vender as terras localizadas a oeste até o rio Pepery. Preferimos que vocês as comprem, senão teremos de vendê-las aos italianos. Acreditamos que cada um de nós pode compreender o que significaria a invasão de italianos nas proximidades de nossa vila (Stadplatz).<sup>278</sup>”

Como mencionado anteriormente, a *Volksverein* havia comprado inicialmente uma parte das terras da Empresa Chapecó-Pepery Ltda dos Luteranos. Depois, esta colonizadora, necessitando de recursos financeiros, ameaçou vender o restante das terras limítrofes da colônia Porto Novo para italianos. Ter os alemães luteranos como vizinhos, que poderia representar um perigo para o “bem estar espiritual”, parece que não era considerada como sendo uma ameaça muito séria, mas os italianos sim. Os italianos colocariam em xeque um dos fundamentos da idéia que norteou os planos de formação da colônia Porto Novo, a homogeneidade étnica. Isto representaria um sério perigo para o “bem-estar do corpo”, pois casamentos interétnicos certamente resultariam de tal “invasão”. Mas o Pe. Rick logo providenciou para o afastamento desta “nuvem de tempestade” do céu de Porto Novo, disponibilizando o dinheiro necessário para a compra do restante das terras que formaria a colônia Porto Novo.

Hoje nos pertence toda terra entre os rios Macuco e Pepery, de nenhum lado podem os perigos nos ameaçar, as possibilidades de desenvolvimento são favoráveis. A grande, a maior obra da *Volksverein* está agora garantida, os fundamentos estão sobre uma rocha firme e a

---

<sup>278</sup> Bericht. St. Paulusblatt, abril de 1928, p. 09.

continuidade será uma facilidade, ainda mais se permanecer em mãos tão experientes.

Se homens tão grandes quanto o P. Rick, Jakob Becker, Werlang, Wolkmer conduzirem as coisas, os restantes podem dormir sem preocupações, os financiadores podem ficar tranquilos, como se seu dinheiro estivesse num banco.<sup>279</sup>

Pensava-se que dali em diante a colônia desenvolver-se-ia sem maiores contratempos, que os planos de formar uma colônia homogênea finalmente se concretizariam, que os colonos poderiam viver tranquilos, preservando o “modo de ser de seus antepassados”, falando a língua alemã e celebrando seu culto religioso católico, sem que ameaças externas os pudessem desvirtuar.

Mas o céu não estava completamente limpo e “nuvens de tempestade” ainda pairavam no horizonte, ou como nos termos de Maria Rohde, “a calmaria antes da tempestade”.<sup>280</sup> A tempestade veio em 1938, com a nacionalização<sup>281</sup> e trouxe conseqüências desagradáveis também à colônia dos alemães católicos do oeste catarinense, que na época já se chamava Itapiranga.

#### Itapiranga

Neste distrito, no ano de 1938, funcionavam doze escolas primárias organizadas pela Empresa Colonizadora.

O Ensino era ministrado em língua alemã, os livros eram neste idioma e os professores recebiam subvenção do Estrangeiro.

Depois, por ordem do governo Estadual, essas escolas foram fechadas.

---

<sup>279</sup> Bericht. *St. Paulusblatt*. abril de 1928, p. 09.

<sup>280</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau...* op. cit. p. 236.

<sup>281</sup> A nacionalização no oeste catarinense é analisada mais detalhadamente por NODARI, op. cit.

E os sinos da Igreja local, diariamente, dobravam a finados, por ordem das autoridades eclesiásticas Brasileiras, em protesto ao ato governamental.

Depois, no ano de 1939, nove daquelas escolas foram reabertas, sob o compromisso de ser o ensino praticado em língua portuguesa.

Nenhuma autoridade escolar visitou as aludidas escolas e três destas ainda continuam fechadas, havendo grande número crianças se criando em completo analfabetismo.

Nos lares, na atividade da vida, nos negócios e trabalhos so se fala língua estrangeira.

Será isto Nacionalização?  
Muito duvidamos.<sup>282</sup>

As aulas eram ministradas em alemão ocasionando o fechamento das Escolas. Percebe-se o empenho dos jesuítas ao tentar reabri-las, a ponto de os sinos “dobrarem diariamente a finados”. Perseguições, delações, intrigas, torturas, invasões domiciliares, apreensões de rádios, são alguns dos acontecimentos<sup>283</sup> presentes nestas paginas sombrias da história de Porto Novo.

Assim como as outras, esta tempestade também passou, não sem deixar atrás de si um rastro de tristes lembranças. Depois da II Guerra, os colonos voltaram a migrar para a colônia da *Volkverein* até que por volta de 1960 os lotes estavam todos ocupados. Apesar destas dificuldades de se implantar a colônia nos moldes planejados, o fluxo de migrantes não parou e isto se deve, em parte, à habilidade dos dirigentes da colônia em contornar estas situações e pela estrutura da associação, como seus meios de comunicação e influências de personalidades como as do Pe. Rick, que

---

<sup>282</sup> Itapiranga. A Voz de Chapecó. 02/06/1940, n.º 47, p. 2.

<sup>283</sup> Acerca do relato de alguns acontecimentos deste período, veja-se o livro de ROHDE, Maria. *Wie eine Frau* in op. cit, especialmente no capítulo intitulado 1942 – *Dunkle Blätter in der Geschichte der Kolonization. Die Heimgekehrten*. pgs:246 a 269.

não por acaso foi considerado o “pai da colônia”.<sup>284</sup> Não obstante, esta atuação contribuiu para que Porto Novo fosse visto cada vez mais como um empreendimento empresarial, e não como uma colônia que visasse o “bem estar espiritual e corporal” dos colonos.

#### 4. 3. Propaganda para Porto Novo.

Inserido num contexto de extrema concorrência entre as empresas de colonização, com intrigas e calúnias de todo tipo, e devido as dificuldades iniciais da formação da colônia, os dirigentes da *Volkverein* adotaram procedimentos mais agressivos para conseguir vender seus lotes. Os meios de comunicação, principalmente os periódicos foram os mais amplamente utilizados. Exibiam propagandas de vários tipos, desde textos que avaliavam a situação das antigas e novas colônias, relatórios contendo lista de moradores e tudo o que já havia sido construído, fotografias impressionantes de Porto Novo que, com uma legenda explicativa, eram amplamente expostas no *St. Paulusblatt* e *Der Familienfreund*, além de preços das terras, condições de compra, entre outras. Havia anúncios mais breves que somente apresentavam os valores da terra e outros, artigos

---

<sup>284</sup> ROHDE, Maria. *Wie eine Frau ...* op. cit. p. 113.

mais extensos, procuravam oferecer razões para o colono migrar e escolher Porto Novo como novo lar.

O Pe. Rick, SJ escreveu, já em 1928, um texto intitulado “Cinco meses em Porto Novo”, que, naquele ano, foi publicado no *Deutsches Volksblatt* e, no ano seguinte, no *Der Familienfreund*. Trata-se de uma propaganda para a colônia da Sociedade União Popular

Cada colono com vontade de migrar pode ter como princípio: para onde eu for sempre haverá excedente, desde que o solo seja bom o suficiente e a colônia grande o bastante para produzir. Mas muito mais importante é: somente uma colônia com uniformidade de povo e de religião garante bem estar corporal, espiritual e religioso. [...] A vida na colônia já tem hoje o mesmo bem-estar que em qualquer parte. Em Porto Novo vivem muitos jovens, rapazes com força de operosidade, mas com poucas jovens, moças disponíveis para casar. Dois caminhões de bravas moças poderiam vir imediatamente. Desta forma, para famílias que só tenham moças, Porto Novo é atualmente seriamente recomendado.<sup>285</sup>

Em seu texto, o Pe. Rick adverte o perigo para o “bem-estar corporal, espiritual e religioso” das colônias ditas mistas. Por isso, a ênfase atribuída ao casamento para se evitar problemas futuros com a descendência. Procurou enfatizar, outrossim, a viabilidade econômica de um lote colonial e as perspectivas de imenso progresso das colônias do extremo oeste catarinense e muito especialmente da colônia cuja idealização muito lhe deve: Porto Novo. Viabilidade econômica e perspectivas de progresso estavam intimamente associadas à vias de escoamento e comércio dos produtos produzidos na colônia. A produção

---

<sup>285</sup> RICK, SJ, Johannes. Fünf Monate in Porto Novo ... op. cit. p. 165.

não era problema, mas sim o transporte e a comercialização. É exatamente neste aspecto que investiu o Pe. Rick.

O excedente da produção numa região de novas colônias permanece durante muito tempo na própria colônia, ainda mais se em região estão se fazendo novas colonizações. Por isso, os preços em Porto Novo são melhores dos praticados nas antigas colônias.

Estive durante 7 dias na floresta do lado riograndense e pedi para abrir uma estrada para passar a cavalo que encurta em aproximadamente 70 quilômetros da distância, de modo que mesmo o caminho para Santa Bárbara é fácil de se percorrer. Mas mesmo assim, todo excedente é escoado pela via fluvial. Quando for construída a estrada de ferro à Águas de Mel, ela só traz alguma importância para a zona do rio Uruguai quando for construída a linha Passo Fundo a Estrela. Atualmente, os trens não tem mais a mesma importância no Brasil, e também na Europa, do que há quinze anos atrás. Boas auto estradas substituirão em alguns anos as linhas férreas.

Há 200 anos, a serra era a única região povoada do Rio Grande do Sul e nas reduções Jesuíticas eram produzidos produtos de exportação. Tudo saía via rio Uruguai. Quando as reduções Jesuíticas foram dizimadas e Portugal e Espanha entraram em conflitos políticos, este comércio se desintegrou. O que foi feito a 200 anos bem poderia ser feito pelos atuais moradores da região. Os preços das campanhas e os das cidades do *La Plata* – Montivideo e Buenos Aires – são melhores dos de Porto Alegre. As bananas atravessam grandes distâncias pelo mar para chegar a Buenos Aires, da mesma forma as laranjas vem de Cahy e Taquary. Para isso, a zona do Uruguai está melhor localizada.

São feitas muitas propagandas em torno dos futuros trens. Mas quem conhece nosso país sabe que não se pode contar muito com os futuros trens. Uma via fluvial é muito melhor. Ela já está ali, mesmo que não pode ser utilizada durante o ano inteiro. Até o Paraná, um grande rio navegável, a distância deve ser em torno de 100 quilômetros. Também esta via fluvial vem a Ter importância, pois a Argentina não irá deixar a região das Missões inculca se as fronteiras do lado catarinense estiverem colonizadas.

Nos últimos tempos, Santa Catarina está fazendo grandes esforços para não perder comercialmente a região noroeste. Por isso, uma estrada será construída da fronteira até a estação ferroviária de Herval, que faz o comércio com São Paulo. Desta forma, possibilidades de escoamento do excedente existem para todos os lados!

Atualmente, as distâncias desempenham um papel secundário e já há tempo não são tão importantes quanto antigamente. A questão principal é: existem caminhos e estradas? Assim, a estrada Santa Bárbara – Palmeira – Fortaleza é uma brilhante auto estrada, talvez a melhor de todo Estado. A estrada de Fortaleza a Porto Novo pode ser igualmente assim construída. Não irá demorar muito e os italianos estarão construindo-as.

Quem dizia, há quinze anos atrás, que se podia ir com um caminhão de Porto Feliz até Estrela em dois dias era ridicularizado. Da mesma forma se irá rir de mim agora se eu disser que daqui a 20 anos se pode ir de Buenos Aires a Porto Novo em três horas de barata viagem de hidroavião para pegar as sobremesas (frutas) para os hotéis de Buenos Aires. Os rios Uruguai e Paraná serão os grandes caminhos

aéreos da América do Sul. Os aviões e naves aéreas precisam seguir os leitos dos rios porque o interior ainda é muito perigoso para uma aterrissagem forçada. Da mesma forma vão rir de mim se eu disser que os ricos das cidades de Buenos Aires e Montevideu terão suas vilas nas zonas do rio Uruguai para descansar durante algumas semanas neste paraíso das frutas, caçando e pescando, pois daqui a vinte anos ainda existirá floresta nesta zona.<sup>286</sup>

Para mostrar a viabilidade econômica e as imensas perspectivas de progresso da colônia, o autor invocou, por um lado, o passado glorioso das reduções Jesuíticas e, por outro, apostou em projeções futurísticas dos hidroaviões, não esquecendo da promissora perspectiva de aproveitamento turístico da região, onde os “ricos poderão passar suas férias caçando e pescando”. A questão principal que estava em discussão não era tanto a produção e sim seu escoamento e sua comercialização. Isto era também o alvo predileto das propagandas das outras empresas de colonização, em cujas proximidades havia uma estrada ou ferrovia. Dizia-se, por exemplo, que Porto Novo não possuía uma via de escoamento e que pouco adiantava as terras serem extremamente férteis se não houvesse como comercializar seus produtos. Talvez por isso o Pe. Rick insistiu tanto nos “hidroaviões”.

Os produtos que podem ser cultivados em Porto Novo, bem como os locais de comercialização eram freqüentemente apresentados na imprensa:

**Colônia da Volksverein Porto Novo.**

**Banha, Fumo e Erva-mate**

São os principais produtos das antigas colônias, com velhas terras

**Banha, Fumo, Erva-mate**

---

<sup>286</sup> Idem, ibidem, p. 163.

**Açúcar Café e Frutas Tropicais**

São os principais produtos de Porto Novo, com terras novas.

**Porto Alegre**

É o mercado consumidor dos produtos das antigas colônias.

**Porto Alegre Uruguaiana****São Francisco (Porto Marítimo)**

São as regiões consumidoras dos Produtos de Porto Novo.

As antigas colônias tem um presente, ele ainda é bom.

**Porto Novo**

tem um presente e um futuro, ela já é boa e será diariamente melhor.

Já foi providenciado de tudo e do melhor para escolas e igrejas.

**Escolha o que lhe serve!**<sup>287</sup>

Apresentava-se um bom futuro comercial para Porto Novo. Comparações deste tipo eram também freqüentes e se ressaltavam vários aspectos, além destes acima. Fertilidade das terras, clima, chuvas, preços, fauna e flora, enfim, uma infinidade de pequenas comparações, na maior parte das vezes projetadas para o futuro, diziam aos colonos que o melhor negócio seria migrar. Além disso, também se publicavam relatórios da produção agrícola, com indicativos da produção de fumo e valores arrecadados, bem como entrevistas que falavam do assunto. Fotografias como a reproduzida acima acerca da fertilidade da terra eram freqüentemente nos periódicos: grandes plantações de fumo, milho, enormes cachos de bananas e outras frutas indicavam a grande fertilidade. Acerca das vias de escoamento, apresentava-se fotos das balsas do rio Uruguai (foto nº1), estradas e pontes, automóveis e caminhões.<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> St. Paulusblatt. Novembro de 1929, p. 15.

<sup>288</sup> MIDDELDORF, *ibidem*.



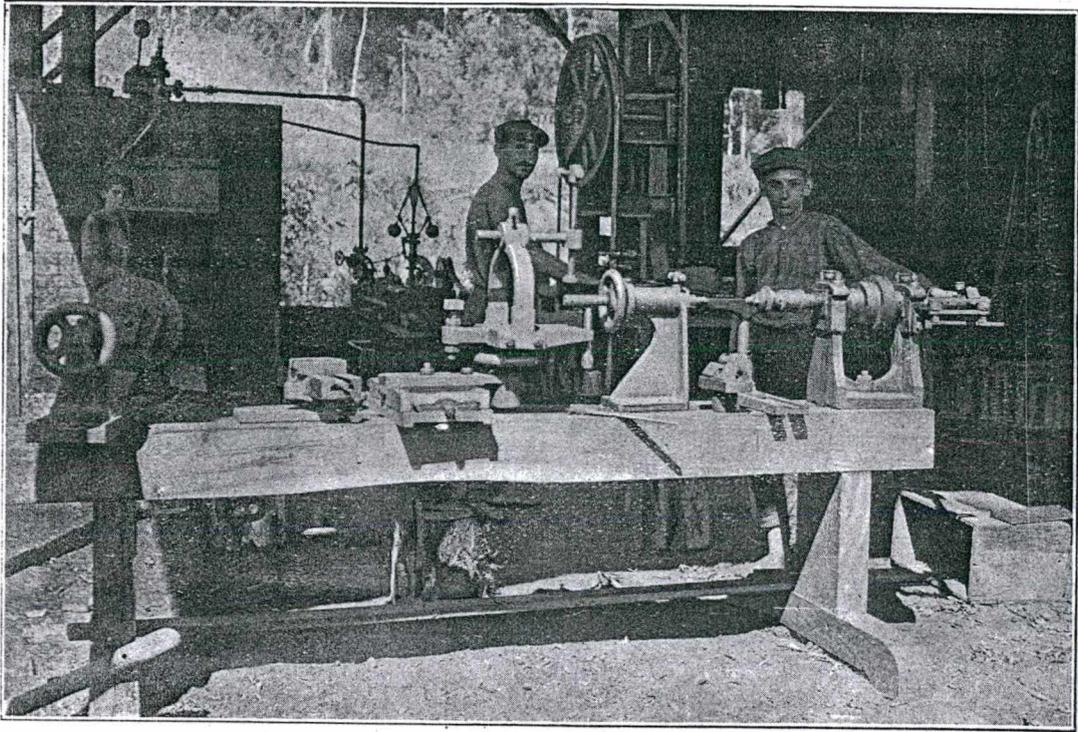
Heber mannshoch steht der prächtige Tabak.

5. *Excelente Fumo da Altura de um Homem.* (MIDDELDORF, 1932)

Num relatório, publicado na edição de janeiro de 1931 do *St. Paulusblatt*, perguntava-se ao Sr. Aloysio Franzen, na época diretor da colônia:

Quais são atualmente os principais produtos cultivados em Porto Novo?  
 A criação de gado e de porcos também desempenha um papel?  
 A comercialização está garantida?  
 Até que ponto já progrediu a colonização?  
 Já foram providenciadas igrejas e escolas?  
 Já existem também boas estradas pelo interior?  
 Pode-se dizer que os agricultores estão satisfeitos?<sup>289</sup>

A estas perguntas o entrevistado respondia detalhada e positivamente. Na continuidade da matéria é apresentada uma descrição mais extensa acerca do cultivo de fumo, com os preços praticados e os valores obtidos. Assim, procurava-se descrever as atividades econômicas



In der Drechslerwerkstatt.

6. Na marcenaria. (MIDDELDORF, 1932)

realizadas na colônia, enfatizando-se os progressos já alcançados e o “bem-estar já existente”.

Por enquanto, os gêneros alimentícios ainda vem de fora. Contudo, o barco a gasolina, com o qual eu parti, estava carregado ainda de galinhas e ovos que iam a Porto Feliz. Nunca pensei que se pudesse exportar ovos. Uma galinha custa 2\$ a 3\$ e o preço da dúzia de ovos é 1\$ a 1\$500.

Nesta época, viviam cerca de 100 famílias em suas terras com cerca de 400 a 500 almas, igreja paroquial com dois padres e 3 escolas já foram providenciadas, além de 3 madeireiras e moinhos com muito trabalho. Muita coisa já foi construída. Não faltam carpinteiros nem marceneiros. Também funciona ali uma ferraria, que pertence ao Senhor Albin Ruschel, na Linha Fortaleza. Uma cervejaria está em formação e falta ainda uma funilaria. A marcenaria é de propriedade do irmão de Albin, o Sr. Reinhold Ruschel. Um dentista vive e trabalha na colônia. Luz elétrica, assim como a energia para por em funcionamento os motores, virá em breve. Eu mesmo vi os fios de cobre descer o rio com

<sup>289</sup> Die Volksvereinkolonie Porto Novo. In St. Paulusblatt, janeiro de 1931, p. 3

o barco à gasolina e ultimamente trouxeram também meia dúzia de panelas de ferro.<sup>290</sup>

Com a apresentação do estado em que se encontrava a colônia, o autor pretendia ressaltar que os colonos não iam para o meio da Floresta virgem, abandonados aos tigres, cobras, febre tifóide, indígenas, entre outros perigos que se dizia existirem na região oeste catarinense. Madeiras, moinhos, hotéis, casas, escolas e igrejas eram amplamente apresentadas por fotografias nos periódicos da *Volksverein*. (Foto nº 6) Isto somado à luz elétrica, dentista e até uma cervejaria, atestava um certo grau de conforto e desmentia muito do que se falava acerca da região. Eram, assim, mais razões para se escolher Porto Novo, pois se tratava de uma colônia onde

o material humano é homogêneo: alemães católicos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Sabidamente, a experiência demonstra que somente este tipo de colônia tem longa duração. Se uma colônia tem mistura de povos e de religião, uma parte dos colonos mais tarde migra novamente e a uniformidade precária se forma aos custos da saída de uma parte dos colonos. Quem conhece a serra, sabe como isso acontece. Somente uma colônia uniforme há continuidade.<sup>291</sup>

O “material humano é homogêneo” e “somente uma colônia com uniformidade de povo e de religião garante bem estar corporal, espiritual e religioso”.<sup>292</sup> Acerca do “material humano”, foi publicado, em 1931, no *St Paulusblatt*, uma lista contendo os nomes dos pais de família com o número de filhos e também de solteiros e solteiras que viviam na colônia.

---

<sup>290</sup> RICK, SJ, Johannes. Fünf Monate ... op. cit. p. 165.

<sup>291</sup> Idem, ibidem, p.163.

<sup>292</sup> Idem, ibidem, p. 165.



Katarakte im Rio Uruguay.

7. Cataratas no rio Uruguai. (MIDDELDORF, 1932)

Constava também nesta lista sua profissão, bem como a localidade em que moravam. (Anexo I) Com isso, pretendia-se desmentir qualquer boato e além disso dizer que a qualquer momento se poderia migrar para a colônia, pois já existia muita gente morando lá.

Já em outro texto são apresentadas dez razões para migrar para Porto Novo:

**Por que devo migrar para S. Canisio do Porto Novo?**

- 1- Porque a terra é muito boa e todos os frutos (mesmo o café) nela crescem.
-

- 2- Porque ali não há miscelânea e também nunca poderá haver, como acontece em quase toda parte em Santa Catarina.
- 3- Porque há uma grande associação, a *Volksverein*, por trás e que providencia para um bom futuro.
- 4- Porque não há terras de especulação no meio.
- 5- Porque já existem boas escolas, igrejas, dois religiosos e porque já há muitos moradores
- 6- Porque a colônia está encostada no Rio Grande do Sul
- 7- Porque já há a melhor via de escoamento para a Campanha e os Estados do La Plata, onde os preços sempre são melhores dos de Porto Alegre.
- 8- Porque o trem de Irahy, se ele realmente for construído, está situado próximo à colônia e fará a ligação com Porto Alegre e São Paulo,
- 9- Porque não há formigas e também não poderão vir no chão porque não acontecem geadas.
- 10- Porque eu quero cuidar bem, corporal e espiritualmente, de meus filhos.<sup>293</sup>

Terras férteis, escolas, igrejas, vias de transporte, ausência de pragas e além de tudo isso, o apoio de uma associação como a *Volksverein* eram elementos mobilizados pelas propagandas, tornando quase irresistível a compra de terras nas margens do rio Uruguai. Além de tudo isso havia ainda a opinião pessoal de pessoas como o Pe. Rick, o que para muitos representava uma segurança insuspeita.

Da pesca e dos veados, antas e porcos selvagens eu não falo, pois acerca disso todos já ouviram o suficiente e sabem que existem à vontade. [...] Nas novas colônias, tudo é exatamente igual às antigas. Mas com a diferença: lá existem terras novas, abundantes e baratas, enquanto que aqui a terra é escassa, velha e cara.

Com tudo isso, minha opinião é a seguinte: um colono católico, que quer ir para as novas colônias, pode ir tranqüilamente para Porto Novo com seus haveres sem mesmo antes ter estado lá. Ele logo se sentirá em casa. Mas é melhor não levar muitas malas, pois a viagem é longa e os custos de transporte são muito altos. Ele encontrará de tudo lá. As famílias maiores devem primeiramente observar a colônia e construir algo e somente depois migrar.<sup>294</sup>

---

<sup>293</sup> *St. Paulusblatt*. Janeiro de 1929, p. 13.

<sup>294</sup> RICK, SJ, Johannes. *Fünf Monate ...* op. cit. p. 166.



Petri Seil!

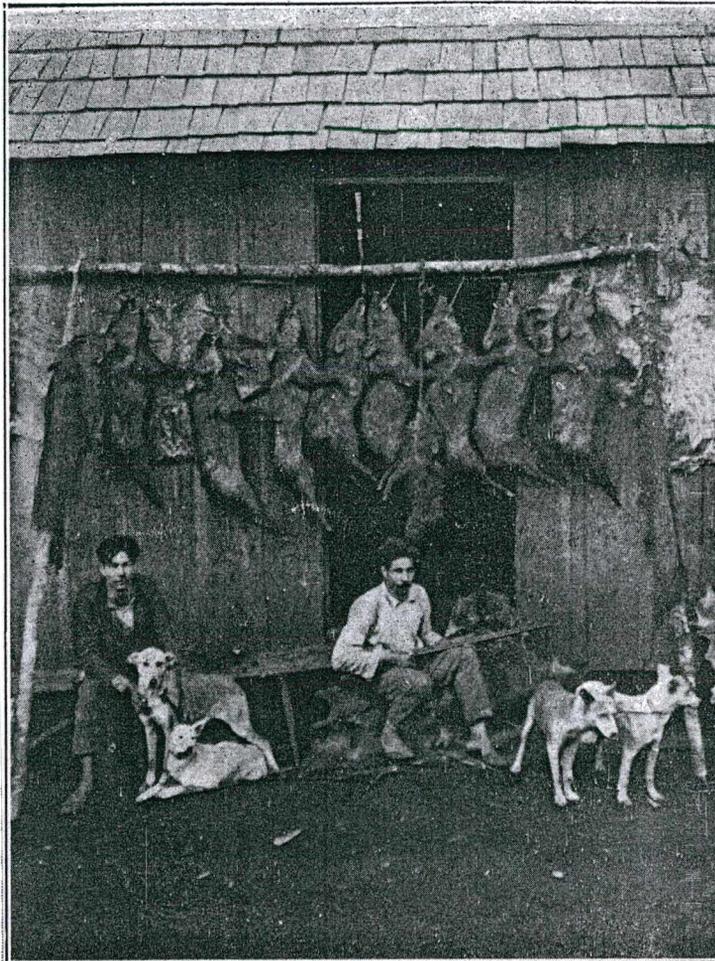
#### 8. Da Pesca... (MIDDELDORF, 1932)

Desta forma, portanto, os artigos publicados pela *Volkverein* procuram oferecer aos leitores uma imagem das antigas colônias, como sendo um lugar esgotado e pobre, onde “nem mesmo os preás conseguiam tirar seu sustento”<sup>295</sup> e ao mesmo tempo expunham razões para migrar e escolher a colônia da *Volkverein*. Razões para isso apareciam em quase toda edição mensal da revista “*St Paulusblatt*”, que, assim como a maioria dos periódicos da época, publicava diversas modalidades de propagandas. Eram relatórios que mostravam os grandes progressos da colônia recém

---

<sup>295</sup> Warum auswandern? Zeitgemäße Betrachtungen über das alte koloniegebiet. Beobachtungen eines in Rio Grande do Sul geborenen Priesters. *Der Familienfreund*. Jahrbuch der Familie. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1929, p. 172

fundada; artigos que descreviam as belezas da região, as grandes



Wildschweine! — Eine gute Jagdbeute.

9. Porcos Selvagens! – uma boa caça. (MIDDELDORF, 1932)

possibilidades de caça e pesca e a extraordinária fertilidade do solo e ilustrados por belíssimas fotografias, como a foto nº 7 acerca do chamado Salto do Yucumã, uma cachoeira do rio Uruguai localizada nas proximidades da colônia, ou a nº 8 e nº 9, da pesca e caça. Além disso, havia propagandas mais explícitas, com preços e promoções, assim como

tamanhos dos lotes. Nota-se que as propagandas procuravam interpretar os anseios e problemas dos colonos, que iam desde fofocas e intrigas de vizinhos, passando pelos do casamento, família e descendência, e indo até os relacionados à problemas materiais como os econômico-sociais e da terra. A solução para tudo era apontada: a migração para as novas colônias.

No caso dos periódicos da *Volkverein*, a direção pedia a alguém para escrever um artigo. Preferencialmente devia ser alguém de Porto Novo ou que por lá houvesse passado e que desse informações que “pudessem” ser publicadas. Em 1937 a direção da central da *Volkverein* enviou correspondência ao Pe. Riederer, SJ, de Porto Novo nos seguintes termos:

Porto Alegre, 30 de janeiro de 1937.

Saudações, querido Padre!

Em anexo enviamo-lhe também uma circular que foi destinada a mais 25 gerentes das Caixas Rurais.

... tenho ainda um pedido especial a fazer-lhe. Na edição do mês de fevereiro do *St. Paulusblatt*, será destinado um espaço a colonização de Porto Novo. Queremos colocar Porto Novo sob todos os aspectos diante dos olhos do leitor. Então as diversas pessoas que alguma relação direta ou indireta irão escrever seu ponto de vista em nossa revista. Gostaríamos de ter uma contribuição escrita sua.<sup>296</sup>

Outra carta foi enviada junto com a circular, para Egon Berger, que trabalhava na administração de Porto Novo.

---

<sup>296</sup> Rundbrief von 29/01/1937. Livro de Correspondências da Volkverein.1937 (Acervo de documentos referentes a Sociedade União Popular, localizado no Núcleo de Estudos Teutos da UNISINOS, São Leopoldo, RS) p. 10.

Porto Alegre, 1 de fevereiro de 1937.

Saudações Sr. Berger!

Estamos elaborando a propaganda para Porto Novo e para poder oferecer algumas interessantes e também corretas informações preciso estar informado da situação cultural, social e econômica de nossa colônia. Quem sabe o senhor não teria a gentileza de nos escrever dando esclarecimentos acerca destes três pontos.<sup>297</sup>

O teor dos artigos não era escolhido ao acaso. Antes de publicar algo, a direção procurava se informar acerca do que se pensava e do que se falava a respeito de sua colônia. A partir disso, sabia-se o que deveria ser enfatizado, o que os compradores gostariam de ler e também o que seria conveniente não publicar ou silenciar. Para saber disso, a direção de colonização pôs em funcionamento as engrenagens de sua associação. Assim, a circular enviada aos gerentes das Caixas Rurais em 1937 continha um pedido todo especial:

Mais uma coisa importante tenho para lhes pedir: me informem oportunamente o que vocês ouvirem falar das pessoas nas rua acerca de Porto Novo, especialmente os defeitos que lhe atribuem. Irei então com prazer abastecê-los com matérias esclarecedor que lhes dêem informações e respostas. Não me interessa saber os nomes das pessoas que sabem falar os defeitos de Porto Novo.<sup>298</sup>

Desta maneira, pessoas qualificadas da Associação, que estava amplamente difundida pela região de colonização, podiam informar imediatamente quando um comentário ou “boato” envolvendo Porto Novo

---

<sup>297</sup> Rundbrief von 29/01/1937. Livro de correspondências da Volksverein, 1937 (Acervo de documentos referentes a Sociedade União Popular, localizado no Núcleo de Estudos Teutos da UNISINOS, São Leopoldo, RS) p.11.

era espalhado, ou até mesmo informar as expectativas dos compradores de terras, podiam ser informados. Com estas informações, o *St. Paulusblatt*, o *Deutsches Volksblatt* ou o Almanaque *Der Familienfreund* podiam publicar matérias com o teor apropriado para desmentir boatos ou satisfazer as expectativas.

Agindo desta maneira, a direção de colonização pensava em vender 250 lotes por ano, ao menos era esta estratégia de vendas para 1937, exposta na circular acima citada, que foi enviada as seguintes Caixas Rurais: Rolante, Taquara, São José do Herval, Dois Irmãos, Novo Hamburgo, Picada Café, Alto da Feliz, Bom Princípio, Nova Petrópolis, Harmonia, Parecy Novo, poço das Antas, Arroio Grande, Estrela, Rocca Salles, Arroio do Meio, Santa Clara, Sobradinho, Santa Cruz, Santa Maria, General Osório, Colônia Selbach, Serra Cadeado, Serro Azul, Agudo.<sup>299</sup>

Primeiramente, a circular anunciou a eleição de uma nova direção de negócios de colonização, composta por: Miguel Dewes Filho, Alexandre Cardinal, Waldemar Moesch, Otto Neumann, e o diretor, também autor da circular, o João Albano Both.<sup>300</sup> Seu objetivo era traçar uma nova estratégia de vendas de terras.

---

<sup>298</sup> Rundbrief von 29/01/1937. Livro de Correspondências da Volksverein. (Acervo de documentos referentes a Sociedade União Popular, localizado no Núcleo de Estudos Teutos da UNISINOS, São Leopoldo, RS) p. 09.

<sup>299</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>300</sup> Idem, *ibidem*.

Porto Novo deve e precisa em primeiro e em último lugar permanecer fiel a seus objetivos culturais e sociais. Mas o momento econômico não pode passar despercebido. [...] Tudo já foi bem providenciado para sanar os problemas culturais e sociais. Precisamos agora nos dedicar ao momento econômico.<sup>301</sup>

A meta era vender 250 lotes e a estratégia a seguinte:

Vejam como pretendo vender anualmente 250 lotes:

Vocês, na qualidade de dirigentes das Caixas Rurais vão me fornecer o endereço exato de pessoas vocês saibam que são: 1) Católicos, 2) de descendência alemã e 3) tem os meios financeiros disponíveis para comprar um ou mais lotes coloniais. Pretendo então daqui entrar em contato, primeiramente através de correspondências, com cada possível comprador individualmente, para saber se há perspectivas de compra. Naturalmente irei enviar-lhes mapas detalhados da região além de informar-lhe que Porto Novo é homogênea, que existem 14 (Catorze) escolas e capelas espalhadas pelas comunidades, cerca de 360 quilômetros de boas estradas, como também há a disposição tratamento de saúde com hospital, parteira e médico. Depois de fazer estes serviços preliminares irei pessoalmente visitar os interessados.

Então vejam, precisamos tratar nossos compradores bem e individualmente. [...] Creio que assim posso conduzir a colonização rapidamente a um bom termo, se as Caixas Rurais ajudarem.

João Albano Both.  
29 de janeiro de 1937.<sup>302</sup>

Saber o nome dos que se enquadram dentro das exigências da *Volkverein*, que sejam católicos e alemães, e que além disso tivessem condições financeiras de comprar um lote era o primeiro passo para a venda. Conseguir isso não parecia muito difícil, pois ninguém melhor do que os gerentes das Caixas Rurais para saber da situação financeira dos colonos, pois eram praticamente os únicos bancos das antigas colônias. Com a posse desta informação, o vendedor começaria as negociações,

---

<sup>301</sup> Rundbrief von 29/01/1937. Livro de Correspondências da Volkverein. (Acervo de documentos referentes a Sociedade União Popular, localizado no Núcleo de Estudos Teutos da UNISINOS, São Leopoldo, RS) p. 09.

<sup>302</sup> Idem, ibidem.

cujo término provavelmente seria a visita pessoal do Diretor de Colonização. Com isso João Albano Both pensava levar a colonização a um “bom termo”.

Este empenho na venda de terras, no entanto, conferiu à Associação uma imagem não muito positiva, principalmente porque muitas das informações mostradas pelas propagandas não condiziam com a realidade que o comprador encontrava quando se instalava em sua terra recém comprada. Este aspecto é enfatizado por Maria Zilles. Segundo ela,

A laicização e o novo caráter administrativo da diretoria da SUP [Sociedade União Popular] levaram a procedimentos que cada vez mais pareciam procedimentos de empresa. A colônia de Porto Novo adquiriu uma imagem de negócio. O discurso ainda era o de fazer uma colônia para dar condições de desenvolvimento para o público pertencente à religião católica e à etnia germânica. A concorrência de outras colônias como São Carlos e Perdizes, fez com que a SUP [Sociedade União Popular] se tornasse mais competitiva, oferecendo terras com prazos maiores e até negociando os mesmos, adquirindo com isso, uma imagem de empresa.<sup>303</sup>

O lema “um por todos e todos por um” aos poucos foi decaindo e o projeto inicial, elaborado por personagens como os Padres Max Von Lassberg, Theodor Amstad e Johannes Rick, os “pais da colônia alemã” no entender de Arthur Rabuske, não saiu como fora planejado.

Nas suas memórias, Rick mencionou vários fatores que impediram o bom desenvolvimento da colônia. Como tais, referiu-se ao “boicote por parte do clero e do arcebispo D. João Becker”, à “sabotagem do primeiro cura”, à indiferença dos capitalistas das Caixas”, aos “erros da diretoria”, à “parvoíce dos moradores”, e outros mais.<sup>304</sup>

---

<sup>303</sup> ZILLES, op. cit. p. p. 136.

<sup>304</sup> Idem, ibidem. p.134. As expressões entre aspas são de RAMBO, SJ, Balduino. Johannes Rick SJ. In. Montfort. Nº1/2, 1958.p. 53.

Isso, segundo a autora, “decepcionou Rick ao extremo de ele decidir não mais colocar os pés na colônia que ele mesmo ajudara a fundar”.<sup>305</sup>

---

<sup>305</sup> Idem, *ibidem*, p. 158.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal que motivou esta pesquisa era compreender a atuação dos jesuítas alemães ao formar uma colônia étnica e religiosamente homogênea: alemã e católica. Foi importante, neste sentido, fazer primeiramente uma análise das atividades dos Inacianos e sua saída do velho continente, assim como do projeto de formação da colônia homogênea, dando ênfase especial a seu caráter utópico.

No primeiro capítulo procurou-se fazer uma contextualização da colonização do extremo oeste catarinense. Notou-se que a expectativa do governo catarinense era, amparado por um conjunto de imagens e representações acerca da região, do caboclo e do colono era povoar e civilizar a região. A idéia de civilização, como muito bem demonstrou Norbert Elias, envolve também um sentimento de superioridade do modo de vida e concepção de mundo europeus. Foi em nome desta idéia de civilização que se proporcionou a implantação de colonos na região, identificados como “obreiros da civilização”.

No que diz respeito as atividades dos jesuítas alemães, analisadas no segundo capítulo, pode-se concluir que o que os movia era um novo “estilo de catolicismo”, baseado numa nova concepção acerca do papel da religião na sociedade, mais preocupado com os problemas sociais, econômicos e culturais dos católicos, ou seja, com os problemas “deste” mundo. Tal concepção gestou-se numa sociedade européia que atravessava

intensas modificações sociais, políticas, econômicas e culturais, ou como Rousseau preferiu chamar, *le tourbillon social* da modernidade, onde, nas palavras de Marx, “tudo o que era sólido se desmancha no ar”. Para tentar acompanhar este turbilhão social, sobreviver nele e tentar evitar que mudanças ainda mais radicais acontecessem, os católicos da Alemanha, sob a liderança de pessoas como Windhorst e Von Ketteler, além de outros, organizaram os Congressos Católicos para encontrar alternativas e contribuiu para a formação de um catolicismo mais voltado para as questões deste mundo, com uma participação cada vez maior de leigos. “Unir os católicos para a solução dos problemas mais candentes”,<sup>306</sup> usando a expressão do Pe. João Alfredo Lutterbeck, SJ, e com isso reforçar sua fé parece ser a idéia principal desta tradição e é nela também que se educaram os jesuítas.

Ao se instalar no sul do Brasil, a maioria expulsos da Alemanha, os jesuítas trouxeram consigo também este catolicismo, que acabou por nortear suas atividades junto aos imigrantes alemães e seus descendentes. Mas a sociedade que encontraram no Brasil era bem diferente da européia, com outros problemas e necessidades, típicas de uma sociedade agrária. Além disso, a religiosidade do colono, “o filho da selva” também era diferente. Por isso, as atividades que conheceram na Alemanha tiveram de ser adaptadas a nova realidade, os temas discutidos tiveram de ser outros. Os problemas mais elementares dos colonos chamaram sua atenção, de

---

<sup>306</sup> LUTTERBECK, SJ, op. cit. p. 123.

modo que Pe. Theodor Amstad, SJ, com ajuda de outros jesuítas passou a discuti-los, organizando eventos como os que há muito tempo já se organizavam na Alemanha, os Congresso Católicos. Como a discussão dos problemas não bastou, passaram a desenvolver atividades concretas, como a Associação dos Agricultores, que se apresentou como uma alternativa no sentido de tentar reverter um problema que já vinha sendo percebido: a devastação do solo com técnicas arcaicas de cultivo. Como outro problema era o financeiro, Amstad, baseando se no associativismo e cooperativismo que os católicos alemães já haviam proposto como alternativa ao comunismo e socialismo, organizou junto aos colonos, sempre com o auxílio de outros jesuítas, como por exemplo Max Von Lassberg, SJ, uma instituição há muito existente na Alemanha, as cooperativas de crédito baseadas no antigo sistema desenvolvido por Friedrich W. Raiffeisen. Estas se multiplicaram entre os colonos descendentes de alemães e não contavam somente com um caráter financeiro. Como as demais atividades promovidas pelos jesuítas, está também procurando, a seu modo, promover e fortalecer o sentimento e a fé católico. Isto significava, ao mesmo tempo, uma nova maneira de exercer o “domínio religioso”, garantir o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação.

Mas a presença dos jesuítas no Rio Grande do Sul se revestia ainda de um outro significado, traduzido nas palavras do Pe. Lutterbeck, SJ:

---

Era a vasta região do Rio Grande do Sul ou o território famoso que havia sido um dia teatro da vida edificante, bem como do Martírio do Padre Roque Gonzáles e da história original e trágica das Sete Missões. Claro que os Padres se alegravam por entrar nessa terra e retomar o trabalho interrompido entre índios! Óbvio que sonhassem com novas reduções e populosas aldeias, em que milhares de indígenas apreenderiam a vida cristã, um trabalho útil, e uma moral e cultura elevadas. Mas aquilo por ora não passava de um sonho.<sup>307</sup>

A realidade que se lhes apresentava era bem diferente da dos primeiros jesuítas, de modo que o sonho não pode ser concretizado. Os representantes da Ordem Restaurada, a maioria de língua alemã, passaram a desenvolver suas atividades junto aos descendentes de alemães. Mas o sonho provavelmente não se perdeu e seu caráter idílico talvez tenha influenciado no planejamento e elaboração do projeto da colônia Porto Novo: uma comunidade étnica e religiosamente homogênea, um reino fechado as influencias maléficas, o qual seria agora “teatro da vida edificante”,<sup>308</sup> onde centenas ou milhares de colonos aprenderiam a “verdadeira vida cristã, uma moral e cultura elevadas”<sup>309</sup> e preservariam seu modo de ser alemão. Assim, a idéia de formar Porto Novo se revestia de um forte caráter utópico.

O caráter utópico, entretanto, parece que não era compartilhado por todos os associados da *Volkverein*, que deviam seguir o lema: um por todos e todos por um. Surgiram intrigas, calúnias, boatos em torno da colônia dos alemães católicos na margem do rio Uruguai. Além disso, a

---

<sup>307</sup> Idem, ibidem, p. 19.

<sup>308</sup> Idem, ibidem.

<sup>309</sup> Idem, ibidem.

direção de colonização passou a implementar estratégias para vender cada vez mais lotes. Tudo isto acabou por conferir à Porto Novo um caráter de empreendimento comercial.

Aqui talvez seja oportuno lembrar a advertência do autor do texto publicado no *Der Familienfreund* de 1929, intitulado Por que migrar?:

Com lágrimas nos olhos observei o mar de floresta que cobre a região de Porto Novo e nisso pensei que também ali, após cinquenta ou cem anos, o capim-vassoura e o capim-bainha dominará da mesma forma que ocorreu na região do Cahy.<sup>310</sup>

Os problemas que outrora já havia sido discutidos ainda hoje, 75 anos após a fundação da colônia, se fazem presentes. As queixas que mais se houve dos colonos ainda se referem à distância em relação aos centros consumidores, que já havia sido discutido também pelo Pe. Rick. Apesar do asfalto e dos velozes caminhões, a distância continua sendo um empecilho ao desenvolvimento da região. As projeções futurísticas dos hidroaviões, nas quais apostara o Pe. Rick, não se realizaram. Mas o problema mais importante, e também o mais difícil de ser sanado é provavelmente aquele exposto no texto publicado no *Der Familienfreund* de 1929. As “observações do padre nascido no Rio Grande do Sul” acerca dos métodos de trabalho dos colonos parece que datam dos dias atuais.

precisamos aprender primeiramente a aproveitar ordenadamente um pequeno pedaço de terra; aprender como se deve evitar a destruição do mato em terras que não podem ser utilizadas para a lavoura, aprender como se pode evitar com muros de pedras a erosão em terras íngremes; em outras palavras, aprender como se faz uma agricultura ao invés de um cultivo predador.<sup>311</sup>

---

<sup>310</sup> Warum Auswandern ...op. cit. p. 173.

<sup>311</sup> Idem, ibidem, p.172.

Os colonos, com seus antigos métodos de trabalho e uma certa teimosia em aceitar novos, depois de esgotadas as terras do Rio Grande do Sul se instalaram no oeste catarinense, onde iniciaram o mesmo processo. Destruíram as florestas e passaram a cultivar a terra, sem maiores preocupações com a preservação do solo. 30 ou 40 anos depois seus filhos saíram novamente em busca de novas terras, desta vez no oeste do Paraná. Caminhoneiros mais antigos ainda hoje contam as aventuras das caravanas de mudanças que iam, nos anos 60, para a região de Missal, Medianeira, Marechal Cândido Rondon, enfim, as novas colônias do oeste do Paraná. A fertilidade do solo, tão elogiada nos primeiros tempos, já não é mais a mesma e muitas famílias já abandonaram a região e foram tentar a vida em outras paragens.

Algumas idéias norteadoras do projeto inicial foram, entretanto, postas em prática e seus resultados podem ainda hoje ser percebidos, como a língua e a religião. Nas linhas do interior a única religião é a católica e a língua mais falada é o dialeto alemão, o *Hunsrück*. Além disso, a antiga *Sparkass* ainda hoje continua sendo o “banco do colono”, sob o nome de Creditapiranga. Outras associações e cooperativas também ainda estão em atividade e se adaptaram às novas realidades.

---

## FONTES

## - Jornais

A Voz de Chapecó, publicado em Chapecó. Acervo da Biblioteca Pública de Florianópolis. Anos pesquisados – 1939 a 1941 e 1948 a 1950.

O Estado, publicado em Florianópolis. Acervo da Biblioteca Pública de Florianópolis. Anos pesquisados 1927 a 1930.

## - Revistas

St. Paulusblatt- Revista mensal, publicada em língua alemã pela Tipografia do Centro, Porto Alegre, editada pela *Volkverein*.

Der Familienfreund Almanaque publicado em língua alemã pela Tipografia do Centro, Porto Alegre, editado pela *Volkverein*.

- Acervo do Museu Municipal de Itapiranga.

- Acervo de revistas e jornais antigos da Biblioteca Pública Municipal de Itapiranga.

- Acervo de documentos antigos da “Creditapiranga”, Antiga Caixa Rural União Popular, localizado em Itapiranga.

- Acervo da *Volkverein Für die deutschen Katholiken im Rio Grande do Sul*, localizado no Núcleo de Estudos Teutos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

- Documentos pessoais e fotografias de moradores da região

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS.

ALTUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado. Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado. [Introdução crítica de J. A. Guilhaon Albuquerque, Trad. Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro] Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão executiva dos Festejos do Sesquicentenário da imigração Alemã, 1974.

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1990

ÁVILA, SJ, Fernando Bastos. Pensamento social antes de Marx. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1972.

AZEVEDO, SJ, Ferdinand. Jesuítas Espanhóis no Sul do Brasil (1842-18670). In. Pesquisas: História N° 24. Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1984.

BELLANI, Eli Maria. Madeira, Balsas e Balseiros no Rio Uruguai. O processo de Colonização do Velho Município de Chapecó ( 1917/1950). Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1991.

BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. [Trad. Sérgio Miceli]3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.(Coleção estudos).

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. [trad. Fernando Tomáz] Portugal: DIFEL, 1989.

BREVES, Wenceslau de Souza. O Chapecó que eu conheci. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3ª fase, n.º 6. Florianópolis: IHGSC, 1985.

Caderno de programas e resumos do VIII Encontro Estadual de História : “História : Experiências e desafios”. Associação Nacional de História- Núcleo Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2000.

CARPEAUX, Otto Maria. Literatura Alemã; posfácio Willi Bolle. – 2ªed. – São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

CHARTIER, Roger. A História Cultural, Entre Práticas e Representações. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Lisboa: DIFEL, 1990.

COELHO, Teixeira. O que é Utopia. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTA, A. Ferreira da. Oeste Catarinense - Visões e sugestões de um excursionista. Rio de Janeiro: Vilas Boas e Cia, 1929.

D’EÇA, Othon da Gama. ... Aos Espanhóis Confinantes. 2ª ed. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992.

Documentos Pontifícios Sobre Questões Sociais. Brasília: Câmara dos Deputados, Secretaria Geral da Presidência, 1967.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma história dos Costumes. Vol. 1, 2ª ed, [Trad. Ruy Jungmann, revisão Renato Janine Ribeiro] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Fragen an die Deutschen Geschichte. Ideen, Kräfte, Entscheidungen von 1800 bis zum Gegenwart. Bonn: Deutscher Bundestag Referat öffentlichkeitsarbeit, 1988.

FREITAS, Francisco E. Cooperativa de Crédito Caixa União Popular Santa Cruz. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação e História, 1990.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 23ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1989. (Biblioteca Universitária. Série 2, Ciências Sociais; v.23).

GÖHR, Bárbara. Ein Familien Schicksal Zwischen Hackenkreutz und Brasilianischen Urwald. Curitiba: 1996.

HEINEN, Ernst.[Horg.] Staatliche Macht und Katholizismus in Deutschland. Bd. 2. Dokumente des politische Katholizismus von 1867 bis1914. Paderborn: Schöning, (Sammlung Schöningh zur Geschichten und Gegenwart), 1979.

HEINEN, Luiz. Colonização e desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina. Aspectos Sócio-Político-Econômicos e Religiosos. Joaçaba: UNOESC, 1997

HEINSFELD, Adelar. A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo vale do Rio Peixe. Joaçaba: UNOESC, 1996.

ISAIA, Artur César. O Cajado da Ordem. Catolicismo e projeto político no Rio Grande do Sul: D. João Becker e o autoritarismo. Tese de

Doutoramento apresentada ao departamento de História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1992.

Itapiranga. Município da Fronteira. Levantamento de dados do Município de Itapiranga. Prefeitura Municipal de Itapiranga, Santa Catarina, 1969.

[Coordenação e Elaboração: Prof<sup>a</sup>. e Acadêmica Terezinha Wiggers.]

JUNGBLUT, Roque. Documentário Histórico de Porto Novo. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000,

KOELLN, Arno. Porto Feliz: a História de uma Colonização às Margens do Rio Uruguai. Mondai: Coordenadoria municipal de Ensino, 1980.

KREUTZ, Lúcio. O Professor Paroquial, Magistério e Imigração Alemã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; Florianópolis: EDUFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

LUTTERBECK, SJ, Pe. Jorge Alfredo. Jesuítas no Sul do Brasil. Capítulos de história da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus. Publicações Avulsas, nº 3, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1977.

LUZ, F. C. da. Questão de limites da Província de Santa Catharina com a do Paraná. In. Revista do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, 1875.

METZLER, Franz. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1934.

- MIDDELDORF, Karl. Porto Novo - Brasilien. Siedlung für deutschsprechende Katholiken am Uruguayfluß im Statte Santa Catarina in Brasilien. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1932.
- MOURA, Sérgio Lobo de, e ALMEIDA, Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In. FAUSTO, Boris. (org. ) O Brasil Republicano 2. Sociedade e Instituições (1889-1930). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A 1990.
- NODARI, Eunice Suli. A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1999.
- PELUSO JÚNIOR, Vítor. Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina. Florianópolis: EDUFSC/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PEREZ, SJ Rafael. La Compañía de Jesús restaurada en las Repúblicas Argentina y Chile, el Uruguay y el Brasil .... Barcelona, s. ed. 1901.
- PERFEITO DA SILVA, Zedar. Oeste Catarinense. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, Limitada, 1950.
- PINHO, Diva Benevides O pensamento cooperativo e Cooperativismo brasileiro. São Paulo: CNPQ, 1982.
- PINHO, Diva Benevides. A Doutrina Cooperativa nos Regimes Capitalista e Socialista. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1966.

- POLI, Jaci. Caboclo: Pioneirismo e Marginalização. In. Cadernos do Centro de Organização da Memória Socio-Cultural do Oeste de Santa Catarina. Ano 2, N.º 3, outubro de 1987. Chapecó: FUNDESTE, 1987.
- RABUSKE, SJ, Arthur. Nova fisionomia da Igreja no Rio Grande do Sul a partir de 1850. In. Pesquisas História. N° 25. Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.
- RABUSKE, SJ, Arthur. Uma Presença Maciça da Alemanha no Extremo Sul Brasileiro. In. Pesquisas História, N° 25. Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.
- RAMBO, Arthur Blásio. A Sociedade União Popular In. Perspectiva Econômica, Vol. 27, N° 79, Série Cooperativismo nº 32, 1992.
- RAMINELLI, Ronald. Imagens da Colonização. A representação do Índia de Caminha a Vieira. [prefácio de Laura de Melo e Souza] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RENK, Arlene. A luta da Erva: um ofício étnico da Nação brasileira no oeste catarinense. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1990.
- RICK, SJ, João Evangelista. Colonização Alemã Católica no Sul do Brasil. In. Pesquisas: História Revista do Instituto Anchietano de Pesquisas. N 27. São Leopoldo: 1989.

ROHDE, Maria F. Wie eine frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah.

Beitrag zur 25-jährigen Geschichte der Volksvereinskolonie Porto Novo.

Porto Alegre: Tipografia do Centro. 1952(?).

ROMANO, Roberto, Brasil: Igreja contra Estado. (Crítica ao Populismo Católico) São Paulo: Kairós, 1979

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

TESCHAUER, SJ, Carlos. Die jesuiten-Mission im Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typ. do Centro, 1904.

VOLKMER, Albano. Der Volksverein for Gericht. Ein Kapitel Vereinsgeschichte aus den Akten des Prozesses Hermann Rüdiger. (Übersetzungen: Carl Middeldorf). Porto Alegre: Tipografia do Centro, s.d.

WEBER, Max. Economia y Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva. Edición preparada por Johannes Winckelmann, [Trad. José Medina Echavarría, Juan Roura Parella, et al]. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. 5ª ed. [Trad. Waltensir Dutra, org. e intr. H. H. Gerth e C. Wright Mills] Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WERLANG, Alceu Antônio. A colonização as margens do Rio Uruguai no Extremo Oeste Catarinense. Atuação da Cia. Territorial Sul Brasil 1925 a 1954. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em

História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1992.

WILLEMS, Emílio. A aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus descendentes no Brasil. Edição Ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946

WILLEMS, Emílio. Assimilação e populações Marginais no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

ZILLES, Maria. Porto Novo: Uma colônia para Teuto-Católicos no Processo de Expansão Colonial no Sul Brasileiro (1912 – 1933). Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Católica do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

**ANEXOS**

## Anexo I

Texto publicado no *St. Paulusblatt*, na edição de junho de 1931, contendo uma lista de moradores da colônia Porto Novo. Título do texto: *Die Volksvereinkolonie im Jahre 1930* (A colônia da *Volksverein* no ano de 1930)

### Die Volksvereinkolonie Porto Novo im Jahre 1930.

Die Entwicklung der Volksvereinkolonie schritt auch im Jahre 1930, trotz Revolution, trotz Krisis und Geldknappheit, rüstig vorwärts. Fuß für Fuß, Schritt für Schritt wurde dem undurchdringlichen, Gewalt strobenden Urwald immer mehr der jungfräuliche Boden abgerungen, aus dem er durch Jahrtausende seine Kräfte zog. Es verging fast kein Tag, an welchem nicht neue Siedler ankamen und sich in den geschützten, fruchtbaren Tälern des rauschenden Uruquays oder einer seiner wilden Nebenflüsse auf eigenem Land niederließen. Freudigen Herzens begannen sie mit der Gründung einer neuen, besseren Heimat. Da in Porto Novo geordnete Zustände herrschen und auch sonst alle Bedingungen erfüllt werden, die man an gutes Land, wegen Kirche, Schule usw. stellt, war der Landverkauf das ganze Jahr hindurch äußerst zufriedenstellend. Auch das Geld für die verkauften Kolonien ging unbeschadet des allgemeinen Mangels an Bargeld, pünktlich ein. Nur vereinzelt sah sich die Zentrale gezwungen, Verkäufe rückgängig machen zu müssen wegen Nichterfüllung der Kontraktklauseln.

Die Zentrale des Volksvereins war auch im Berichtsjahre bemüht, die Kolonie Porto Novo und das Wohlergehen seiner Bewohner zu fördern. Wo es galt, den Ansiedlern behilflich zu sein, versagte sie ihre Unterstützung nicht. Musterartige Verkehrswege, Brücken, Kirchen, Schulen usw. wurden auf Kosten der Zentrale erbaut und von derselben unterhalten. Dadurch, daß die Ansiedler Gelegenheit hatten, sich bei Begehauten oder anderen öffentlichen Arbeiten einen Nebenverdienst zu schaffen, konnte mancher seine Schulden verringern oder sich das für die täglichen Ausgaben benötigte Geld verdienen. Auch sorgte die Zentrale, soweit es schon notwendig war, für den Absatz der in der Kolonie erzeugten, aber nicht abzusehenden Produkte.

An der Erkenntnis, daß in Porto Novo nicht nur für das leibliche, sondern auch für das geistliche Wohl der Bewohner gesorgt werden muß, hat der Volksverein von Anfang an auch sein Augenmerk auf die Errichtung von Kirchen und Schulen gelenkt. Von vornherein hat er die entsprechenden Grundstücke für die Schule oder Kirche reserviert gehalten. Durch Subventionen hat der Volksverein zu dem Unterhalt der Lehrkräfte beigetragen. Am Schluß des Berichtsjahres waren in Porto Novo 7 Schulen, mit 185 Kindern,

eine Hauptkirche und 6 Schulkapellen. Man kann also mit ruhigem Gewissen behaupten, daß der Volksverein weit über seine Versprechen mit der Tat hinausgegangen ist. In der Kolonie Porto Novo hat er ein gemeinnütziges Werk geschaffen, wie es wohl kein zweites auf Gottes Erdboden mehr gibt.

Wir veröffentlichen anschließend eine genaue Statistik von denjenigen Bewohnern, die am 31. Dezember 1930 in Porto Novo ansässig waren. Die Zahlen beweisen unseren Lesern den über Erwarten guten Fortgang des Unternehmens. Sieht man die Zahlen der letzten Statistik, die in der Dezemberheft 1929 unseres *St. Paulusblattes* veröffentlicht wurde, zum Vergleich heran, so findet man, daß sich die Einwohnerzahl im Jahre 1930 um 375 Personen vermehrte. Wohl ist in diesen 375 Personen auch der Familienzuwachs mit einbezogen, in der Hauptsache dürfte sich das Mehr aber aus den Zugewanderten rekrutieren. — Als Kuriosum sei die Statistik, daß Porto Novo noch ein Eldorado für heiterlustige junge Mädchen ist. Während sonst auf der ganzen Welt das hübsche Geschlecht am stärksten vertreten ist, haben in Porto Novo noch die Männer die Oberhand, jedenfalls an Kopfszahl, wie es sonst ist, acht leider aus der Statistik nicht hervor. Dieses Plus der Männer dürfte in der Hauptsache wohl darauf zurückzuführen sein, daß sich in Porto Novo sehr viele Junggesellen angesiedelt haben, die sich mit der Arbeit nicht tragen, sich sobald zu verheiraten, sobald im eigenen Herd das Feuer glüht.

Wir würden nun ungerne handeln, wenn wir an dieser Stelle nicht der fleißigen und vorwärtsstrebenden Bewohner von Porto Novo gedenken würden. Nicht zuletzt haben wir es ihnen und ihrer Arbeit zu verdanken, daß aus Porto Novo das geworden ist, was es heute darstellt: eine musterartige Kolonie mit großer Zukunft. Wo 1412 Pioniere den Kampf mit dem Urwald aufnehmen, da ist es bald um ihn geschehen. Wo vor einem halben Jahre, vor einem Monat, vor einer Woche, wo vorgestern noch gewaltige Urwaldriesen standen oder gar heute noch am Himmel ragten, da reißt vielleicht morgen schon der Milho, breitet der Tabak seine großen Blätter aus, brennt der neue Kolonist seine Koca oder fällt mit charakteristischer Art die gewaltigen Bäume. Diesen Urwaldspionieren von diesen Bewohnern von Porto Novo gilt nicht zuletzt unser Dank!

*Paulusblatt, 1931, n.º 6, pag. 4.*

Zfd. Nr.	Nr.	Name	Stand	Wohnort	Seelenzahl		
					Männl.	Weibl.	Σ
					182	159	341
81	1	Sondges, Mathias	Bauer	Sinha Papi	1	—	1
82	2	Bermuth, Johann P.	Lehrer	" "	5	3	8
83	3	Röblein, Balduin	Bauer	" "	5	1	6
84	4	Berlang, Johann M.	Bauer	" "	2	3	5
85	5	Flach, Felippe M.	Bauer	" "	3	3	6
86	6	Ely, Felippe M.	Bauer	" "	3	1	4
87	7	Flach, Ignaz	Bauer	" "	1	2	3
88	8	Flach, Jakob A.	Bauer	" "	1	—	1
89	9	Nonnenmacher, Alfred	Arbeiter	" "	1	—	1
90	1	Bourscheidt, Wilhelm	Bauer	Santa Fé	4	6	10
91	2	Bourscheidt Filho, Wilhelm	Bauer	" "	2	—	2
92	3	Johann, Anton	Bauer	" "	1	1	2
93	4	Wosart, Leopold W.	Bauer	" "	4	6	10
94	5	Endler, Maximilian	Bauer	" "	1	3	4
95	6	Wienbrint, Ferdinand	Bauer	" "	5	1	6
96	7	Friedrich, Maximilian	Bauer	" "	1	2	3
97	8	Friedrich, Julius	Bauer	" "	4	4	8
98	9	Schneider, Wendelin P.	Bauer	" "	1	2	3
99	10	Mayer Sobr., Peter	Bauer	" "	3	3	6
100	11	Mayer, Franz	Bauer	" "	1	2	3
101	12	Sausen, Heinrich	Bauer	" "	4	1	5
102	13	Spengler, Alois Josef	Bauer	" "	1	2	3
103	14	Deberle, Anton Alfred	Fuhrmann	" "	1	—	1
104	15	Flach Sobr., Michael	Bauer	" "	2	7	9
105	16	Hinsfeld, Albin	Bauer	" "	1	—	1
106	17	Schrippe, Arthur	Bauer	" "	5	1	6
107	18	Nummer, Jodo	Bauer	" "	4	2	6
108	19	Flach, Josef	Bauer	" "	1	1	2
109	20	Grexler, Peter	Bauer	" "	5	3	8
110	21	Berlang, Arnold Peter	Bauer	" "	1	—	1
111	22	Eidt Sobr., Mathias	Bauer	" "	5	4	9
112	23	Bermuth II Sobr., Jakob	Bauer	" "	4	4	8
113	24	Zollner, Anton	Bauer	" "	3	4	7
114	25	Schwab, M. M.	Bauer	" "	2	2	4
115	26	Feppe, Konrad	Bauer	" "	3	3	6
116	27	Hammerschmidt, Johann	Bauer	" "	5	2	7
117	28	Eidt, Mathias	Bauer	" "	4	4	8
118	29	Höfing, Franz	Bauer	" "	1	1	2
119	1	Eidt, Franz	Bauer	São Miguel	1	1	2
120	2	Hinterholz, Johann	Bauer	" "	3	2	5
121	3	Bourscheidt, Mathias	Bauer	" "	2	1	3
122	4	Franz, Nikolaus	Bauer	" "	3	3	6
123	5	Sehn, Hermann	Bauer	" "	2	2	4
124	6	Gilmer, Theodor	Bauer	" "	1	—	1
125	7	Berlang, Peter A.	Lehrer	" "	3	3	6
126	8	Höbert, Mathias	Bauer	" "	4	5	9
127	9	Peters, Heinrich	Bauer	" "	1	—	1
128	10	Beder, Leonard	Bauer	" "	2	2	4
129	11	Baull Filho, Johann	Bauer	" "	1	—	1
130	12	Hinterholz, Alfons	Bauer	" "	1	—	1
131	13	Engel, Arthur	Arbeiter	" "	1	—	1
132	14	Engel Filho, Felippe	Arbeiter	" "	1	—	1
133	1	Schneider, Ferdinand	Bauer	Cotobello	6	2	8
134	2	Kunze, Josef A.	Bauer	" "	2	2	4
135	3	Vades, Johann Otto	Bauer	" "	2	2	4
136	4	Borstel, Jakob L. von	Bauer	" "	4	2	6
137	5	Sondges, Alfred	Bauer	" "	1	—	1
138	6	Sondges, Frederico	Bauer	" "	1	2	3
139	7	Kunze, Alois M.	Bauer	" "	2	2	4
140	8	Spice, Albert	Bauer	" "	4	1	5
141	9	Abrecht, Josef	Bauer	" "	1	—	1
142	10	Wogl, Peter Alfred	Bauer	" "	5	2	7
143	11	Flach Sobr., Wilhelm	Bauer	" "	4	4	8
144	12	Hoffmann, Gustav	Bauer	" "	4	2	6
145	13	Flach Sobr., Johann	Bauer	" "	6	6	12
146	14	Hoffmann, Friedrich	Bauer	" "	2	4	6
147	15	Wust, Albin	Bauer	" "	2	2	4
148	16	Eidt Sobr., Johann	Bauer	" "	3	8	11
149	17	Kauscher, Franz	Bauer	" "	1	—	1
150	18	Vogel, Josef	Bauer	" "	1	—	1
151	1	Röln, Bruno Walter	Chauffeur	Dourado	1	1	2
152	2	Reh, Serafin	Bauer	" "	1	2	3
153	3	Reh, Helena	Arbeiterin	" "	—	1	1
154	4	Geweber, Theodor	Arbeiter	" "	1	—	1
155	5	Trebel, Georg M.	Bauer	" "	4	4	8
156	6	Preuß, Johann Karl	Bauer	" "	1	—	1
157	7	Neumann, Nikolaus	Bauer	" "	1	—	1
158	8	Kunzblut, Hugo	Bauer	" "	4	3	7
159	9	Stahl, Franz	Blechraver	" "	7	6	13
160	10	Kalser, Josef	Bauer	" "	4	2	6
161	11	Kalser, Nikolaus	Bauer	" "	6	1	7
162	12	Berlang, Johann Josef	Bauer	" "	4	0	4

802 820 721

Ab. Nr.	Nr.	Name	Stand	Wohnort	Seelenzahl		
					Männl.	Weibl.	Total
					892	829	721
103	13	Dill, Peter Edmund	Bauer	Dourado	8	1	4
104	14	Dill, Albert	Bauer	"	9	7	10
105	15	Rabuske, Hermann Josef	Bauer	"	1	—	1
106	16	Franz, Albin	Bauer	"	1	—	1
107	17	Kuhler, Edmund	Bauer	"	2	1	3
108	18	Schneider, Ottomar S.	Bauer	"	1	1	2
109	19	Feiten, Alfred	Bauer	"	1	2	3
170	1	Nech, Peter	Bauer	Herbalsinho	1	1	2
171	2	Naffler, Mathias	Bauer	"	1	—	1
172	3	Ripper Filho, Johann	Bauer	"	2	2	4
173	4	Ammig, Michel Josef	Bauer	"	2	1	3
174	5	Dallavacula, Ricardo	Bauer	"	2	0	2
175	6	Scherer, Mathias	Bauer	"	8	7	10
176	7	Hoyer, Reinhold Peter	Bauer	"	2	2	4
177	8	Müller, Johann	Bauer	"	1	—	1
178	9	Welland Filho, Jakob	Bauer	"	1	—	1
179	1	Ruschel, Albin	Schmied	Éste Capela	2	8	5
180	2	Ribenberger, Engelbert	Zimmermann	"	1	1	2
181	3	Wiersch, Anton	Waser	"	1	1	2
182	4	Wiersch, Antonia	Lehrerin	"	—	1	1
183	5	Ruschel, Witwe Maria	Bauer	"	—	1	1
184	6	Ruschel, Alfred	Bauer	"	3	1	4
185	7	Dresch, Hermann	Bäder	"	8	0	12
186	8	Weschenfelder, Johann	Zimmermann	"	8	1	4
187	9	Schidling, Karl	Landmesser	"	1	—	1
188	10	Angst, Emilio	Bauer	"	1	1	2
189	11	Pöfing, Moys	Bauer	"	1	—	1
190	12	Webele, Albin	Schlosser	"	1	—	1
191	13	Gidmann, Josef	Müller	"	6	4	2
192	14	Gidmann, Willibald	Bauer	"	1	1	2
193	15	Mallmann, Johann	Bauer	"	1	—	1
194	16	Germann, Fritz	Schuster	"	1	1	2
195	1	Welchen, Bernard	Bauer	Jaboticaba	6	6	12
196	2	Espaniol, Hermann	Bauer	"	2	1	3
197	3	Malhaner, Karl	Bauer	"	1	—	1
198	4	Welchen, Michel	Bauer	"	1	—	1
199	5	Schneider, Jakob	Zimmermann	"	1	1	2
200	6	Schneider, Michel	Tischler	"	2	0	5
201	7	Hodenbach, Alfons	Bauer	"	1	1	2
202	8	Tolling, Albin	Bauer	"	2	1	3
203	1	Theobald, Jakob	Bauer	Fortaleza	9	8	12
204	2	Schröder, Josef	Bauer	"	4	4	8
205	3	Follmann, Peter	Bauer	"	4	8	7
206	4	Paas, Mathias	Bauer	"	8	8	6
207	5	Ruschel, Franz	Bauer	"	4	3	0
208	6	Rießler, Karl	Bauer	"	2	1	8
209	7	Preus, Moys G.	Bauer	"	1	—	1
210	8	Ruschel, Leopold	Bauer	"	1	—	1
211	9	Schmidt, Walter	Lehrer	"	2	4	0
212	10	Schneider, Otto	Bauer	"	2	1	8
213	11	Matz, Peter	Bauer	"	7	2	9
214	12	Friedrich, Peter	Bauer	"	1	2	3
215	13	Sebastiani, Witwe A.	Bauer	"	1	2	8
216	14	Anorst, Josef	Bauer	"	1	2	8
217	15	Kambo, Mathias	Bauer	"	1	5	6
218	16	Rhoden, Josef	Bauer	"	8	5	8
219	17	Anschau, Josef	Bauer	"	8	4	7
220	18	Anschau, Fridolin	Bauer	"	1	1	2
221	19	Follmann Junior, Peter	Bauer	"	2	2	4
222	20	Rhoden, Johann	Bauer	"	1	—	1
223	21	Rhoden, Catharina	Bauer	"	—	1	1
224	22	Follmann, Valentin	Bauer	"	6	0	2
225	23	Follmann, Willibald	Bauer	"	0	6	0
226	24	Hahn, Anton	Bauer	"	2	1	8
227	25	Hahn, Karl	Bauer	"	1	—	1
228	26	Schnorberger, Jakob	Bauer	"	1	4	6
229	27	Biles, Peter	Bauer	"	0	4	7
230	28	Follmann, Gerbastus	Bauer	"	2	1	0
231	29	Ruschel, Reinhold	Wagenfabrikant	"	4	7	11
232	30	Juber, Johann	Bauer	"	1	—	1
233	1	Schüler, Josef	Hoteller	Chapéo	6	0	9
234	2	Schüler, Otto	Fährmann	"	2	1	8
235	3	Wirth, Jakob	Hegeleibsther	"	8	7	16
236	4	Delaby, Benjamin	Bauer	"	7	6	13
237	5	Langenegger, Dr. Carlos	Sägemühle	"	2	2	4
238	6	Paul, Lucas	Angestellter	"	2	1	3
239	7	Birchholz, Fritz	Angestellter	"	2	1	3
240	8	Mohde, Carlos	Geschäftsmann	"	6	0	6
241	9	Egenhardt, Josef	Angestellter	"	1	—	1
242	10	Silbertra, Angelo	Bauer	"	0	6	11
243	11	Matt, Fridolin	Bauer	"	1	—	1
					681	496	1074

Fb. Nr.	Nr.	Name	Stand	Wohnort	Seelenzahl		
					Männl.	Weibl.	Total
					681	493	1074
244	12	Schäfer, Willibald	Wauer	Chaplo	2	2	4
245	13	Schäfer, Simon	Wauer	"	1	1	2
246	14	Schäfer, Witwe Regina	Wauer	"	4	1	5
247	15	Schäfer, Mathilde	Wauer	"	—	1	1
248	16	Weit, Franz	Wauer	"	4	2	6
249	17	Hofer, Baptista	Wauer	"	2	4	6
250	18	Schwab, Philippe	Wauer	"	3	2	5
251	19	Ruhn, Leopold	Wauer	"	7	2	9
252	20	Margel, Peter	Wauer	"	2	1	3
253	21	Lottermann, Josef	Wauer	"	2	3	5
254	22	Schäfer, Franz	Wauer	"	1	3	4
255	23	Deved, Erik	Wauer	"	4	7	11
256	24	Schmid, Reinhold	Wauer	"	5	3	8
257	25	Klafmann, Arno	Wauer	"	3	3	6
258	26	Drehmer, Benno	Wauer	"	1	1	2
259	27	Terhorst, Franz	Lehrer	"	1	—	1
260	28	Mösch, Walbemar	Wauer	"	1	1	2
					7	3	10
261	1	Linn, Robert	Wauer	Capella	7	3	10
262	2	Rammjoh, Peter	Wauer	"	5	3	8
263	3	Ruber, Franz	Wauer	"	3	3	6
264	4	Ruber, Claudio	Wauer	"	1	1	2
265	5	Madonbach, Eugenio	Wauer	"	1	1	2
266	6	Schönhals, Bernhard	Wauer	"	3	1	4
267	7	Scherer, Richard	Wauer	"	2	4	6
268	8	Görgen, Franz	Wauer	"	2	2	4
269	9	Görgen, Reinhold	Wauer	"	1	—	1
270	10	Schönhals, Clemens	Wauer	"	2	2	4
271	11	Görgen, Philipp	Wauer	"	3	2	5
272	12	Görgen, Jakob	Wauer	"	3	3	6
273	13	Walter, Peter	Wauer	"	8	4	12
274	14	Dietrich, Otto	Wauer	"	5	3	8
275	15	Wagner, Wilhelm	Wauer	"	5	3	8
					3	3	6
276	1	Reis, Kaspar	Wauer	Maruco	3	3	6
277	2	Steffen, Alois	Wauer	"	3	3	6
278	3	Weit Junior, Peter	Wauer	"	1	5	6
279	4	Madry, Hugo	Wauer	"	1	1	2
280	5	Bud, Jakob	Wauer	"	1	1	2
281	6	Krenk, Johann	Wauer	"	1	—	1
282	7	Herrgesell, Michel	Wauer	"	1	1	2
283	8	Blach, Johann	Wauer	"	1	3	4
284	9	Ames, Oswald	Zimmermann	"	1	—	1
285	10	Friken, Reinhold	Wauer	"	1	—	1
286	11	Marasca, Augusto	Wauer	"	4	2	6
287	12	Alstl, Josef	Wauer	"	2	3	5
288	13	Reichert, Albino	Wauer	"	1	2	3
289	14	Schneider, Romualdo	Wauer	"	1	—	1
					2	2	4
290	1	Schneider, Albino	Wauer	Bond	2	2	4
291	2	Schäfer, Luiz	Wauer	"	1	1	2
292	3	Schwab, Mathias	Wauer	"	1	2	3
293	4	Kroner, Otto	Wauer	"	1	1	2
294	5	Fernandez, Franz	Wauer	"	1	2	3
295	6	Dencka, Heinrich	Wauer	"	0	3	3
296	7	Wedziegel, Reinhold	Wauer	"	1	2	3
297	8	Einzweiler, Albin	Wauer	"	4	3	7
298	9	Wahlen, Benno	Wauer	"	2	1	3
299	10	Epscht, Balduin	Wauer	"	1	—	1
300	11	Schäfer, Bernhard	Wauer	"	1	1	2
301	12	Schäfer, Josef	Wauer	"	1	—	1
302	13	Schwab, Jakob	Wauer	"	4	3	7
303	14	Lottermann, Johann F.	Wauer	"	5	2	7
304	15	Rindfeld, Otto	Wauer	"	2	1	3
305	16	Weit, Alfons M.	Wauer	"	2	1	3
306	17	Reichert, Balduin	Wauer	"	2	2	4
307	18	Hallmann, Johann	Wauer	"	2	3	5
308	19	Reichert, Alois	Wauer	"	1	2	3
309	20	Mauber, Anton	Wauer	"	5	4	9
310	21	Petri, Nikolaus	Wauer	"	1	—	1
311	22	Petri, Johann	Wauer	"	1	—	1
312	23	Petri, Josef	Wauer	"	1	—	1
313	24	Löblein, Jakob	Wauer	"	4	2	6
314	25	Soll, Martin	Wauer	"	8	7	15
315	26	Klaud, Leopold	Wauer	"	2	2	4
316	27	Schäfer, Willibald	Wauer	"	1	—	1
317	28	Düngerleber, Johann	Wauer	"	6	3	9
318	29	Düngerleber, Adolf	Wauer	"	1	—	1
					765	609	1374

Paulus-Blatt, 1931, n° 6, pag. 8.

Lfd. Nr.	Nr.	Name	Stand	Wohnort	Seelenzahl		
					Männl.	Weibl.	Total
319	1	Grünewald	Bauer	Catres	765	639	1404
320	2	Jakosch, Witwe G.	Bauer	"	1	—	1
321	3	Kramer, Wilhelm	Bauer	"	—	1	1
322	4	Waller, Paul	Bauer	"	1	—	1
323	5	Strahler, Walbwin	Bauer	"	2	2	4
					770	642	1412

Zusammenstellung.

Lfd. Nr.	Nr.	Linha	Seelenzahl		
			Männlich	Weiblich	Total
1	1	Stadtplatz	79	78	152
2	2	Naphranga	44	38	82
3	3	Wahü	19	12	31
4	4	Lorangeira	40	36	76
5	5	Bopi	22	13	35
6	6	Santa Fé	79	72	151
7	7	São Miguel	26	19	45
8	8	Cotobello	50	41	91
9	9	Dourado	45	37	82
10	10	Servaisinho	16 419	16 357	31 776
11	1	Sébe Capella	28	22	50
12	2	Yaboticaba	16	13	29
13	3	Fortaleza	75	73	148
14	4	Chapéu	86	65	151
15	5	Capella	51	35	86
16	6	Macuco	22	24	46
17	7	Bond	68	50	118
18	8	Catres	5 851	8 285	8 636
			770	642	1412

## **Anexo II**

Contrato de empréstimo financeiro para compra de uma Chácara da colônia Porto Novo. (Acervo da Creditapiranga, antiga Caixa Rural União Popular de Porto Novo, Itapiranga)

Othmar Ruben Warendowck brasileiro, casado, agricultor, declara que recebeu da Caixa Rural União Popular de Porto Novo, a titulo de emprestimo, a quantia acima de quatro mil trezentos e dois cruzeiros e cinquenta centavos em moeda corrente, para o fim de pagar o saldo devido sobre a compra do lote de terras nº 310 da linha Santa Theresa adquirido a Sociedade União Popular, Departamento Colonização, pelo preço de CR\$ 4.300,80 (quatro mil trezentos e dois cruzeiros e cinquenta centavos) sujeitando-se as seguintes clausulas e condições:

- a) o prazo do presente emprestimo será de quatro anos;
- b) o juro será de 7% ( sete por cento ) ao ano, pagavel em 30 de Junho e 31 de Dezembro, devido sobre o saldo efetivo;
- c) o tomador do emprestimo se obriga a pagar, alem do juro acima estipulado, pontualmente na época de seu vencimento, os impostos ou outras taxas que recairem sobre o lote acima referido;
- d) o tomador do emprestimo se compromete a não exigir á Sociedade União Popular a escritura de transmissão do referido lote, enquanto não houver satisfeito todos os compromissos decorrentes do presente contrato;
- e) si dentro do prazo estipulado de 4 anos, o devedor não pagar o saldo decorrente do presente contrato de emprestimo, ou deixar de cumprir qualquer das clausulas estipuladas, concede desde já á Caixa credora o direito de se ressarcir do saldo a pagar dispondo sobre o lote, em acordo com a Sociedade União Popular, não cabendo ao devedor qualquer direito de reclamação sobre benfeitorias introduzidas no respectivo imovel, o que não exclue o caso de prorrogação do contrato, si assim convier á Caixa Rural credora;
- f) o tomador do emprestimo se compromete a cumprir todas as obrigações, como posturas municipais e outras, que recaiam sobre o lote objeto da presente operação de crédito;
- g) afim de garantir plenamente a observancia da clausula d) declarará a Sociedade União Popular, por sua vez, ao pé deste, que está sciente do presente contrato e que não dará escritura ao tomador do emprestimo, do lote em apreço, sem que seja notificada pela Caixa credora de se achar liquidado o emprestimo, e pagos os juros e taxas e satisfeitos os demais onus inerentes ao mesmo.

Vila Reperi, 26 de Julho de 1945

Othmar Ruben Warendowck

Testemunhas:

Luiz de Fátima  
João Lima

Insento de selo ex-vi do artº 4º do decreto 22.239 de 19 de Dezembro de 1932, em vigorado pelo Decreto Lei nº 581, de 1º de Agosto de 1938.

A Sociedade União Popular, departamento Colonização, declara estar sciente dos termos do presente contrato e sujeitar-se, em especial, aos termos da clausula g).

SOCIEDADE UNIÃO POPULAR  
Departamento Colonização

pp. [Signature]  
pp. Francisco Schroeder

11/10/45